



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE MUSEOLOGIA E ANTROPOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

DANIELA SALES DE SOUZA LEÃO

**“DE PERIFERIA EM PERIFERIA”:
os pixadores, seus espaços e circulações em Recife - Pernambuco**

Recife
2017

DANIELA SALES DE SOUZA LEÃO

**“DE PERIFERIA EM PERIFERIA”:
os pixadores, seus espaços e circulações em Recife - Pernambuco**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco como requisito à obtenção do título de mestre em Antropologia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Marion Teodósio de Quadros

Coorientadora: Prof^a. Dr^a. Luciana Maria Ribeiro de Oliveira

Recife

2017

Catálogo na fonte
Bibliotecária: Maria Janeide Pereira da Silva, CRB4-1262

L437d Souza Leão, Daniela Sales de.
“De periferia em periferia” : os pixadores, seus espaços e circulações em Recife – Pernambuco / Daniela Sales de Souza Leão. – 2017.
143 f. : il. ; 30 cm.

Orientadora : Prof^a. Dr^a. Marion Teodósio de Quadros.
Coorientadora : Prof^a. Dr^a. Luciana Maria Ribeiro de Oliveira.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.
Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Recife, 2017.
Inclui referências.

1. Antropologia. 2. Antropologia urbana. 3. Grafiteiros. 4. Arte de rua. 5. Vandalismo. 6. Espaços públicos. 7. Sociabilidade. 8. Pichação. I. Quadros, Marion Teodósio de (Orientadora). II. Oliveira, Luciana Maria Ribeiro de (Coorientadora). III. Título.

301 CDD (22. ed.)

UFPE (BCFCH2018-173)

DANIELA SALES DE SOUZA LEÃO

**“DE PERIFERIA EM PERIFERIA”:
os pixadores, seus espaços e circulações em Recife - Pernambuco**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco como requisito à obtenção do título de mestre em Antropologia.

Aprovado em: 23/08/2017.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Marion Teodósio de Quadros (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a. Dra. Luciana Maria Ribeiro de Oliveira (Coorientadora)
Universidade Federal de Campina Grande

Prof^a. Dra. Ana Cláudia Rodrigues da Silva (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Marco Aurélio Paz Tella (Examinador Externo)
Universidade Federal da Paraíba

AGRADECIMENTOS

Desde o início do mestrado, percebia que, em todos os momentos, nunca estava sozinha. Nessa jornada repleta de sentimentos, que ao mesmo tempo traziam uma mistura de angústia com felicidade, inúmeras dádivas me foram trazidas. Graci, Gláucia, Lia, Flora, Grazi e Jeannié foram minhas companheiras de luta e resistência, que me fortaleceram durante toda minha trajetória de aspirante à antropóloga. Sem elas, talvez não tivesse conseguido chegar até aqui! Porque em todos os momentos que ousei pensar em desistir, elas me empurravam e me obrigavam a continuar. Obrigada, minhas meninas, por terem acreditado em mim.

São inúmeras coisas que gostaria de falar e inúmeras pessoas que gostaria de agradecer. Desde os meus colegas de turma – Berlano, obrigada pela escuta de sempre! –, aos meus professores que dedicaram boa parte do seu tempo para fortalecer meu desempenho crítico e científico. Dentre os professores que gostaria de agradecer está a minha orientadora, Marion Teodósio, e aqueles que estiveram comigo desde a banca de qualificação se disponibilizando e contribuindo para a escrita e construção desta pesquisa, os professores Marco Aurélio Paz Tella e Ana Cláudia Rodrigues. Assim como agradeço a minha coorientadora, Luciana Ribeiro, por toda paciência, carinho e credibilidade depositados e compartilhados comigo desde o início desta jornada que antecede minha inserção no mestrado. Gratidão a todos!

Aos pixadores e pixadoras da cidade de Recife, dentre eles estão: Guri, Spider, Duende, Spiro, Amorte, Stilo, Menor, Risco, Encanto, Lia, Sola, Torre, Falso, Line, Dita, China, O Líder, Taz, O Mago e Império. Foram muitos os nomes das pessoas que contribuíram direta e indiretamente com este trabalho. Em nome de todos os amantes da madrugada, agradeço a toda família RDP, ADP, PCP, JB, SA, CGP, OPS, PDC, CAP, PX e às demais *siglas* que fazem e refazem as territorialidades da nossa cidade. Por todos os “*dedos sujos*” que fazem com que essa cidade se torne menos cinza. Essa pesquisa foi por vocês e para vocês. Muito obrigada a todos e todas!

Gratidão, também, aos colegas e pesquisadores que contribuíram com suas próprias pesquisas e produções independentes tornando esta pesquisa possível. Foram nossas trocas e compartilhamentos de perspectivas diferentes e comuns que viabilizaram a escrita

deste texto dissertativo, entre eles estão os pesquisadores Alexandre Barbosa e Thiago Moura. Agradeço a ambos pelo cuidado e por todas as ideias compartilhadas.

Dedico cada palavra escrita neste trabalho aos integrantes do Grupo de Pesquisa em Etnografias Urbanas, o GUETU, da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, que estiveram comigo e acompanharam toda a minha trajetória de aspirante à antropóloga, trocando afetos e compartilhando indignações. Se hoje me sinto preparada para estar aqui, devo a eles todo esse empoderamento construído desde 2014. Também agradeço aos integrantes do Grupo Estudos e Pesquisas sobre Poder, Cultura e Práticas Coletivas, o GEPCOL, da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, pelas preocupações diárias e pelo apoio compartilhado nessa reta final do mestrado.

Sem todo esse apoio e amor que recebi de vocês esta pesquisa não seria possível. Principalmente, dedico todas as minhas conquistas aos meus pais, Gláucia e Luiz Carlos, e ao meu companheiro, Fernando, que dividiram comigo os choros e as alegrias presentes em todo esse percurso. Vocês foram os pilares de sustentação que me ergueram! Com minha irmã, Natalia, apreciei meus momentos de alegrias e indignação, que ria e trazia leveza para meu dia. Dedico a vocês quatro todo o afeto e maior amor que puder oferecer. Obrigada pela paciência e por escutar minhas lamentações de dia e durante a noite – sei que não foi fácil! Gratidão por terem me dado força para me levantar nos momentos que me faziam desistir, por dizer que era possível quando tudo parecia impossível e por me lembrarem sempre as razões que me fizeram querer chegar até aqui. Amo vocês!

O momento pelo qual a obra de arte transcende a realidade é, com efeito, inseparável do estilo, mas não consiste na harmonia realizada, na problemática unidade da forma e conteúdo, interno e externo, indivíduo e sociedade, mas sim nos traços em que aflora a discrepância na falência necessária da apaixonada tensão para com a identidade (HORKEIMER; ADORNO, 2002, p. 14).

RESUMO

O foco desta dissertação consiste nos estudos das relações de sociabilidade e mobilidade que são estabelecidos pelos pixadores na cidade de Recife – Pernambuco. Este estudo, realizado entre o início do ano de 2015 e o final de 2016, teve como recorte principal o *point* da João de Barros, na respectiva *Pelada dos Pixadores*. O local era frequentado por jovens de diferentes localidades, em sua maioria provenientes das periferias da cidade, que experimentavam e estabeleciam formas próprias de se relacionar com os espaços através da construção de regras internas e modos particulares de circulação. Foram os estudos antropológicos, alicerçados à proposta etnográfica dos espaços urbanos, que construíram as narrativas e compreensões analíticas desta pesquisa. Resgatando as manifestações singulares desses interlocutores e das suas práticas, possibilitando pensar as dinâmicas que são construídas, desconstruídas e estabelecidas da/na cidade. Dessa forma, esta pesquisa revela como os próprios modos que estão divididos os aglomerados urbanos sugerem os processos de distribuição social e territorial nas dinâmicas que são vivenciadas nos seus espaços e relações, possibilitando repensar os discursos e compreendendo etnograficamente suas manifestações particulares e específicas. Ter frequentado a *Pelada dos Pixadores* e seus outros espaços de sociabilidade e lazer, como os *bailes funks*, facilitou chegar a esta compressão do modo como estes sujeitos se constituem e relacionam-se com a cidade, com os espaços e com aqueles que estão “de fora” e “de dentro”. Nesta pesquisa, as territorialidades foram pensadas como uma perspectiva chave ligada a diversas outras, como a sociabilidade, revelando as implicações espaciais que, para os pixadores da cidade de Recife, estão bastante inter-relacionadas.

Palavras-chave: Pixação. Cidade. Sociabilidade. Territorialidades. Antropologia Urbana.

ABSTRACT

The focus of this dissertation is the studies of the relations of sociability and mobility that are established by the spray painters (*pixadores*) in the city of Recife - Pernambuco. This study, carried out between the beginning of 2015 and the end of 2016, had as main cut the point of João de Barros Street, in the respective *Pelada dos Pixadores*. The place was frequented by young people from different localities, mostly from the suburbs of the city, who experimented and established their own ways of relating to spaces through the construction of internal rules and particular styles of circulation. It was the anthropological studies, based on the ethnographic proposal of urban spaces, that constructed the narratives and analytical understandings of this research. Rescuing the unique manifestations of these interlocutors and their practices, making possible to think the dynamics that are constructed, deconstructed and established of / in the city. Therefore, this research reveals how the very ways that are divided the urban agglomerates suggest the processes of social and territorial distribution in the dynamics that are experienced in their spaces and relations, making it possible to rethink the discourses and ethnographically understanding their particular and specific manifestations. Having attended *Pelada dos Pixadores* and its other spaces of sociability and leisure, such as the funk parties, made it easier to arrive at this compression of the way these subjects are constituted and relate to the city, spaces and those who are "from outside" and "from within". In this research, territorialities were thought of as a key perspective linked to several others, such as sociability, revealing the spatial implications that for the *pixadores* of the city of Recife are quite interrelated.

Keywords: Spray Painting. City. Sociability. Territorialities. Urban Antropology

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - PROJETO “CIDADE LINDA”, SÃO PAULO	52
FIGURA 2 - PIXAÇÃO EM RECIFE.....	56
FIGURA 3 – <i>BOMB</i> E <i>GRAPIXO</i> NA AVENIDA CAXANGÁ.....	65
FIGURA 4 - GRAFFITI DE ROBBO NA INGLATERRA	67
FIGURA 5 – “ <i>ATROPELO</i> ” DE BANKSY POR CIMA DO GRAFFITI DE ROBBO.....	67
FIGURA 6 - HOMENAGEM AO PIXADOR TORRE	68
FIGURA 7 - PIXAÇÕES REALIZADAS NO CONSELHO ESTADUAL DE CULTURA E PIXAÇÃO REALIZADA NO CARRO DE POLÍCIA.....	70
FIGURA 8 - RECIFUSION 2016	72
FIGURA 9 - O <i>POINT</i> NO INÍCIO DAS PARTIDAS DE FUTEBOL.....	97
FIGURA 10- MAPEAMENTO DO LOCAL, JOÃO DE BARROS.....	97
FIGURA 11 – <i>TELA FEITA</i> NA JOÃO DE BARROS.....	98
FIGURA 12 - MINHA PRIMEIRA <i>FOLHINHA</i> E PIXAÇÕES FEITAS NO CADERNO DE CAMPO	98
FIGURA 13 - CAMISAS DE PIXAÇÃO COMERCIALIZADAS.....	101
FIGURA 14 - INGRESSOS DE FESTAS COMERCIALIZADOS	101
FIGURA 15 - ANIVERSÁRIO DA PV	103
FIGURA 16 - <i>BAILE FUNK</i> DO TÉO	104
FIGURA 17 - REPORTAGEM SOBRE OS <i>BAILES FUNKS</i>	104
FIGURA 18 - CARTAZES DAS FESTAS DOS <i>BAILES FUNKS</i>	107

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	TRAJETÓRIAS DE CAMPO: NOTAS ETNOGRÁFICAS, OBJETO E METODOLOGIA	15
2.1	De rolê na noite: limites e implicações metodológicas	23
2.2	Quando a antropóloga é chegada	28
2.3	Escolhas e delimitações do campo etnográfico	32
2.4	Entre tretas e galeras: confidencialidade e ética na pesquisa	34
2.5	Os registros da pesquisa	37
2.6	“Trocando ideia” e analisando dados	40
3	OS DEDOS SUJOS DA CIDADE	47
3.1	A pixação em Recife	54
3.2	Graffiti e pixação: encontros e desencontros	60
3.3	Os dedos sujos de Recife	72
4	OS PIXADORES NA CIDADE: SOCIABILIDADE E LAZER NA PRODUÇÃO DOS ESPAÇOS	81
4.1	“É lá na JB, toda quinta tem pelada”	88
4.2	As folhinhas como dispositivo de registro	99
4.3	Os bailes funks	102
5	“É DE PERIFERIA EM PERIFERIA”: CONSTRUINDO TROCAS, ALIANÇAS E DESAFETOS	111
5.1	O papel da periferia: as abordagens, construções e implicações	114
5.2	Relatos dos espaços, circulações e limites	118
5.3	Como “uma família grande e complicada”: identificações individuais e coletivas	125
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	131
	REFERÊNCIAS	136

1 INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa optei por aderir o uso do termo pixação escrito com “x” (LASSALA, 2010; PEREIRA, 2005) com intuito de evidenciar o objeto de estudo que está sendo aqui trabalhado e que se refere a esta ação específica de grupos e indivíduos que passam a marcar a cidade através de nomes e pseudônimos, demonstrando, sobretudo, sua identidade, território e existência. O uso da terminologia escrita com “x”, utilizada por estes interlocutores, foge dos padrões da norma estética da língua portuguesa, por isso, diversas vezes o corretor ortográfico insiste em tentar consertar a sua escrita quando inserida e contextualizada na fala desses sujeitos. A correção insistente das tecnologias que possuem corretores ortográficos e de pessoas que revisavam os trabalhos escritos por mim, demonstram a força identitária e a necessidade de afirmação da existência dessa palavra. Por essa razão, além de defender a legitimação da fala e escrita desses sujeitos, optei pela sua utilização em busca de uma maior aproximação com o campo estudado. O uso do termo pixação também está vinculado ao contexto urbano em que estão inseridos, utilizando essa nomenclatura ao se referirem a si mesmos, aos demais pixadores e a sua prática. Portanto, não achei coerente aderir a este trabalho o uso da palavra escrita com “ch” pelos vieses exigidos da regra ortográfica da língua portuguesa, em respeito a própria elaboração significativa dos indivíduos envolvidos na nomeação da atividade que exercem.

Além desse viés do reconhecimento e da legitimidade, existe a diferenciação da escrita da palavra com a prática que é exercida. Segundo Lassala (2010), quando utilizamos o termo pixação nos referimos a uma típica intervenção gráfica urbana realizada por esses sujeitos através de nomes e pseudônimos, que também pode ser conhecida como *tag reto* no *circuito* paulistano de pixação. Em outros estados brasileiros, o termo escrito com “x” também é utilizado, o que se diferencia é a estética em que as letras são elaboradas, como podemos constatar nos estudos produzidos por Moura (2014) sobre o cenário da pixação na cidade de Recife – Pernambuco. Já o conceito de pichação, escrito com “ch”, refere-se a qualquer escrito realizado de forma indiscriminada sobre a paisagem urbana que, em sua maioria, é legível e facilmente identificado por quem não participa deste *circuito* – como, por exemplo, as pichações políticas realizadas na época da ditadura e de declarações amorosas escritas nos banheiros públicos e privados.

Dessa forma, o objeto de estudo que está sendo tratado neste trabalho pode ser percebido como uma forma de expressão visual que adere regras próprias, se exprimindo por

meio de códigos-linguagens, os quais apenas outros pixadores conseguem entender e apreciar. Ou seja, estamos nos referindo a uma prática que visa à comunicação interna comum entre grupos e indivíduos do mesmo *circuito*.

É nos anos 1980, portanto, na cidade de São Paulo, que a atuação de indivíduos e gangues, grafando seus nomes, fazendo uso de símbolos, pseudônimos e logotipos, marca um momento de transição em que a pichação passa a conviver com o que mais tarde seria denominado como movimento da pichação (LASSALA, 2010, p 53).

Além dessas diferenças conceituais e de identificação dos próprios interlocutores, a adesão do termo, aqui utilizado, também se fez necessária pela busca de facilitar a compreensão do leitor sobre o objeto de pesquisa que estou tratando neste texto, descrevendo a forma como opera a dinâmica da atividade na cidade, suas relações e suas próprias percepções.

É importante salientar que os dados que estão sendo descritos aqui foram compilados dentro de uma proposta de análise etnográfica, com imersão em campo, por um período de dois anos, entre os anos de 2015 a 2016 na cidade de Recife – Pernambuco. O recorte principal desta pesquisa acontece em um ponto de encontro feito por e para pixadores, realizado todas as quintas-feiras à noite, na Avenida João de Barros, intitulado como a *Pelada dos Pixadores*¹. Este *point* era frequentado por jovens de diferentes regiões da cidade, que adotavam formas próprias de experimentar, estabelecer e se relacionar com esse espaço e com a própria cidade do Recife.

Dentro da proposta de reflexão que aqui está sendo trazida, esta pesquisa nos convida a pensar sobre o próprio espaço em que vivemos. Indagando suas formas de organização, interação, produção de significados e os modos nos quais as pessoas relacionam-se umas com as outras, se estendendo para as suas experiências coletivas e pessoais. Nesse aspecto, o panorama trazido sobre a pichação nos ajuda a perceber as formas como os sujeitos são colocados em posição assimétrica frente aos poderes públicos e às regulamentações estatais de distribuição urbana e de acesso ao lazer, por exemplo. Caldeira (1988) enfatiza que pensar a cidade permite nos colocar em um processo de pesquisa que viabiliza a inserção no contexto urbano de nosso próprio local de moradia, conduzindo ao pensamento crítico da nossa própria relação com o outro e sobre o lugar que este ocupa na nossa sociedade.

¹ Partidas de futebol que acontecem entre amigos e conhecidos e que, geralmente, possuem dia e hora marcada previamente.

Dentro dessa perspectiva, este trabalho tem o intuito de contribuir com as discussões trazidas sobre as relações existentes entre grupos, indivíduos e espaço urbano, alicerçadas às perspectivas empíricas e epistemológicas da Antropologia Urbana que problematizam as possíveis tensões existentes nesses três pontos de referência. Assim sendo, os conteúdos abordados buscaram entender as formas pelas quais os interlocutores em questão se apropriaram desses espaços, e deram sentidos a ele, por meio desses códigos-linguagens próprios destes sujeitos que desestabilizam, de certa forma, as noções ditas como de ordem – as formas de uso e regulamentação dos espaços são algumas dessas noções normatizadoras. Contribuindo também para desconstruir compreensões que desconsideram a dinâmica e os aspectos do modo de vida das pessoas que vivem nas camadas periféricas da cidade.

O trabalho de campo realizado em espaços de sociabilidade e lazer – festas de aniversário, confraternizações, *bailés funks* e a *Pelada dos Pixadores*, por exemplo – proporcionou a construção desta compressão do modo como os interlocutores se constituem e se relacionam com a cidade, com os espaços e com aqueles que estão “de fora” e “de dentro” (MAGNANI, 2005). Nesse sentido, pensando nessa relação entre o espaço e o sujeito, esta pesquisa discute as perceptivas dos territórios e suas territorialidades com interface às compreensões trazidas nas análises feitas sobre os espaços e os modos de sociabilidade, nos convidando a refletir sobre as implicações espaciais que os pixadores estabelecem nestes espaços e nos demais espaços urbanos da cidade.

Autores como José Guilherme Magnani, Georg Simmel, Michel de Certeau, Alba Zaluar, Nibert Elias, Robert Park, Gilberto Velho, Loïc Wacquant, Marc Augé, Michel Agier, Howard Becker, Ruth Cardoso e Eunice Durham nos ajudam a entender as relações existentes entre território e identidade nas dinâmicas estabelecidas pelos pixadores na cidade, pensando nas diferentes formas que eles caracterizam os grupos aos quais pertencem e suas formas próprias de circulação, além da importante descrição dos seus espaços e dos próprios modos que estão divididos os aglomerados urbanos, nas problematizações levantadas sobre a hipótese dos *zoneamentos urbanos* (DIÓGENES, 2001) e suas implicações espaciais. Assim sendo, este trabalho foi dividido em quatro capítulos.

O primeiro, intitulado de “Trajetória de campo: notas etnográficas, objeto e metodologia”, trará as percepções que foram sentidas e as experiências vividas em campo, considerando sua relevância empírica e epistemológica. Dentro deste capítulo, serão levantadas as seguintes questões: as relações de proximidade com o objeto de estudo; o aspecto de ser *chegada* dos interlocutores; as escolhas analíticas e metodológicas; as discussões de proximidade e dos distanciamentos necessários; e o processo de coleta de

dados. A relevância de escrever esse capítulo metodológico perpassa a compreensão de que a trajetória vivida, no momento de coleta de dados, possibilitou compreender as razões contidas nas escolhas teóricas e epistêmicas, bem como facilitou a compreensão da percepção do cenário e processo de produção etnográfica.

No segundo capítulo, “Os dedos sujos da cidade”, irei abordar as dimensões conceituais existentes entre pixação e graffiti, com as suas aproximações e distanciamentos; a dinâmica da pixação na cidade do Recife; as constituições das *galeras*; e a relevância dada aos usos das siglas. Refletindo, do mesmo modo, sobre as diferentes formas de ser pixador na cidade, com as suas múltiplas possibilidades de se perceber enquanto pixador, e problematizando as tensões existentes entre o poder público e esses atores, com relatos de reportagens e experiências ocorridas em anos anteriores e durante a realização desta pesquisa.

O terceiro capítulo, “Os pixadores na cidade”, servirá para complementar as contextualizações trazidas no capítulo anterior, no qual será feita a caracterização dos seus espaços de sociabilidade, os *bailes funks* e a *Pelada dos Pixadores*, com um foco maior neste último. A sociabilidade será pensada a partir dos mecanismos de mobilidade, perpassando noções importantes sobre as categorias trazidas de *disposição*, *prestígio*, memória e reconhecimento, com o intuito de se fazer compreender as relações que são estabelecidas com a cidade e a forma como articulam suas redes de troca e aliança entre pares. Assim como, também será descrito as implicações que são trazidas sobre os *bailes funks proibidos* e suas interferências na dinâmica da pixação em suas diferentes formas de circulação pelo espaço urbano.

O quarto, e último capítulo, “É de periferia em periferia”, tem o intuito de fazer um apanhado geral das problematizações levantadas desde o primeiro capítulo sobre *zoneamentos urbanos*, *as galeras*, os mecanismos atribuídos às noções de memória e suas implicações nos processos de construção da identidade individual e coletiva do pixador. Pretendo pensar, neste capítulo, como essas categorias estão atreladas às abordagens e às concepções trazidas sobre as periferias, desde as críticas trazidas sobre a forma como foram (e são) constituídas a cidade até o resgate da identidade periférica, referentes às relevâncias que são dadas ao seu local de origem – “*minha ré*” e “*minha quebrada*” – como forma de proteção coletiva e de resistência.

2 TRAJETÓRIAS DE CAMPO: NOTAS ETNOGRÁFICAS, OBJETO E METODOLOGIA

No início de 2015, comecei a entrar em contato com amigos e amigos de amigos para realizar meus primeiros contatos com o objeto de estudo que viria a me debruçar por dois anos no mestrado. Por meio das redes de relações que estabelecia na minha página pessoal do Facebook, fui entrando em contato com aqueles que pixavam e os que conheciam pessoas que pixavam, e, conseqüentemente, participavam do *circuito*² de pixação na cidade. Desde o início desta pesquisa, não tive dificuldade em acessar o campo no que se refere a contatos, espaços e acesso a interlocutores. A minha única dificuldade foi de ordem afetiva e emocional. Passei alguns meses sem conseguir realizar a coleta de dados nos espaços externos que eram frequentados por pixadores, tanto por conta da agenda acadêmica de primeiro ano para quem inicia o mestrado quanto a própria coragem de conseguir sair de casa para frequentar os espaços que estão inclusos nesta pesquisa. E que espaços são estes? As periferias da cidade.

Embora boa parte da minha experiência de vida na adolescência tenha sido construída nas periferias da cidade – nos *bailes funks*, em campos de futebol e em festas de torcidas organizadas –, esses espaços passaram a se apresentar para mim como “uma névoa branca e o monstro da noite”, tal como caracterizado Diógenes (2001, p. 13) nos seus estudos sobre práticas juvenis e violência. É curioso pensar, e constatar, que pesquisadoras como eu – mulheres brancas de classe média – tiveram esses mesmos receios ao adentrar nas periferias urbanas das suas respectivas cidades (DIÓGENES, 2001; ZALUAR, 2000). Nessa construção afetiva e ressignificava desses espaços, aprendi que nossas experiências de campo, tal como se apresentam e são sentidas por nós, nos dizem sempre alguma coisa sobre nosso objeto de estudo. Decidi, portanto, respeitar e escutar os meus medos e receios. Por que tinha crise de pânico ao ir especificamente para esses lugares? E por que não tinha crise de pânico ao andar pelas ruas do meu bairro, pelo centro da cidade ou em outros bairros? Escutei minhas sensações e minhas crises, registrei todos esses sentimentos no meu diário de campo e consegui um afastamento afetivo suficiente para que me ajudasse a compreender todas essas aflições.

² Categoria trazida por Magnani (2012) para caracterizar os espaços de sociabilidade e mobilidade; no Capítulo 3, essa categoria é trazida com mais ênfase.

Nas minhas saídas para a realização da pesquisa no início da noite, por volta das dezoito horas, e as voltas para casa, entre as onze horas e meia noite, me revelaram uma lógica urbana que repercutia diretamente no meu objeto de investigação: a estigmatização (BECKER, 2008; ELIAS e SCOTTSON, 2000; GOFFMAN, 2012) de determinados espaços urbanos e seus atores sociais. Quando pontuo essa relação do estigma com o medo, quero salientar que o medo o qual sentia não era aquele que se sente quando está diante do desconhecido, mas sim de um sentimento que surge por meio das construções dos espaços sociais, que colocam esses lugares como espaços à margem, violentos e impossíveis de serem percebidos para além disso – colocados como impossíveis de se estabelecer um convívio social, limitados apenas a presença de criminosos e por pessoas que consomem e vendem drogas –, e também pelos próprios acontecimentos que despertaram uma sensação de impotência e insegurança as quais nunca sentira.

Nesse sentindo, é importante dar essa ênfase a percepção que foi construída dos espaços que frequentei, colocados no cenário da cidade como áreas de risco e caracterizados nos veículos locais de comunicação de massa como lugares que obtinham um alto índice de violência. No início desta pesquisa, frequentei a *comunidade*³ do Bode, localizada no bairro do Pina, Zona Sul da cidade. Posteriormente, quando não conseguia mais manter uma agenda de encontros com os interlocutores dessa região, passei a frequentar a *Pelada dos Pixadores*, na João de Barros, bairro localizado próximo da área central da cidade.

Uma das peculiaridades de se pesquisar nos espaços urbanos está em seu caráter difuso, sem previsibilidade sobre o que poderá acontecer a você. Essa gama de possibilidades, sobretudo de riscos, tornavam os momentos anteriores da ida ao campo bastante dolorosos. Os sintomas de diarreia, quedas de pressão, os choros contínuos que surgiam com a angústia da sensação do ir sem a certeza de voltar foram algumas das dificuldades afetivas e emocionais que tornaram meus primeiros meses de imersão em campo na João de Barros⁴ cansativos e dolorosos. Relutei, por várias vezes, sobre a necessidade desta pesquisa precisar ser feita lá e durante o período noturno. Sair à noite e sozinha não era uma hipótese a ser cogitada inicialmente, mas foi necessária. Pois era lá que meu acesso ao campo se daria mais facilmente, com as visitas mais constantes e sistemáticas. Já não era mais possível esperar marcar encontros à mercê da agenda e disponibilidade dos interlocutores. Sobretudo, a

³ Comunidade é um termo frequentemente usado pelos pixadores ao se referirem ao seu local de moradia. Por isso, optei também por adota-lo. Além disso, também é um termo utilizado nas letras de *funk* e rap que esse público costuma escutar.

⁴ O bairro João de Barros divide suas fronteiras territoriais com outra comunidade considerada rival: Santo Amaro. Tornando-se conhecida, nos veículos de comunicação de massa locais, por estar contextualizada em um espaço de conflitos encenados pelas disputas de tráfico e constantes assaltos nas suas mediações.

proposta etnográfica contemplava a percepção das relações nos espaços de sociabilidades desses atores.

As intensidades dessas emoções vivenciadas por mim acionaram também reflexões sobre os próprios mecanismos que eram despertados nessas sensações de medo e pânico no período anterior a saída para o campo, considerando sempre aqueles espaços como lugares potencialmente violentos e perigosos para mim. É perceptível que o fato de ser uma mulher andando sozinha durante a noite pela cidade do Recife, em um lugar majoritariamente masculino, potencializou essas sensações que também foram vivenciadas por pesquisadoras como Diógenes (2001) e Zaluar (2000), que passaram a considerar importante a problematização dessas sensações e o modo como existe uma seletividade implícita referente a esses espaços e o objeto de pesquisa.

Deixar o celular em casa, ir com o menor número de documentos possíveis, sair mais cedo para o local da pesquisa e voltar de táxi ou de carona com algum conhecido eram algumas das táticas que adotava na tentativa de tranquilizar todas as minhas angústias. Foram essas estratégias, nas minhas primeiras idas a João de Barros, que adotei até que me sentisse tranquila o suficiente em seguir o *trajeto* sozinha até o local. A angústia e o medo não estavam presentes especificamente no espaço em que acontecia a *pelada*. As crises que citei anteriormente surgiam enquanto transitava pela cidade até a chegada ao local.

Diante dessas dificuldades, no início, contei com a ajuda de dois pixadores, que eram antigos conhecidos e amigos meus: Spider e Guri⁵. Dividi com eles minhas angústias, meus medos e sensações, em busca de companhia nessas minhas primeiras idas durante a noite pela cidade. Ambos os interlocutores, Guri e Spider, foram fundamentais para realização daquilo que Brandão (2007) chama de *survey*, quando se refere a essa primeira chegada ao campo para conhecer a comunidade, o grupo a ser estudado, a dinâmica do espaço – principalmente as suas regras e relações – e para articular com os meus primeiros conhecimentos anteriores ao campo, os dados de estudos e a minha proposta de pesquisa.

No primeiro mês, todas as quintas-feiras foram garantidas, na companhia do *trajeto* até o campo de pesquisa, com as idas compartilhadas com Guri e a volta com Spider. Sobre Guri, ele morava no mesmo bairro no qual me criei e estabeleci meus primeiros contatos com a pixação, o bairro do Curado I, e foi frequentador assíduo das partidas de futebol do nosso glorioso Santa Cruz Futebol Clube. O Curado, ou melhor, “a PDC” (Pixadores do Curado),

⁵A estratégia de colocar apenas seus *vulgos*, os nomes de pixação que adotam, está sendo utilizado na tentativa de garantir a preservação do seu anonimato daqueles que não pertencem ao mesmo *circuito* que eles. Essa estratégia foi recomendada pelos próprios interlocutores que permitiram citar seus pseudônimos, suas falas e relatos.

modo como os pixadores se referem a essa região, é um bairro predominantemente industrial, constituído por casas e conjuntos habitacionais populares, possuindo, em seus arredores, grandes galpões e sedes de médias e grandes empresas, com limites entre as principais rodovias ligadas à região metropolitana do Recife e ao interior do estado de Pernambuco, localizado na cidade de Jaboatão do Guararapes – município limítrofe à Recife.

Assim como Guri, Spider também compartilhava conosco da mesma paixão pelo futebol e pelo mesmo time. Nós três integrávamos e participávamos juntos da mesma torcida organizada e nos conhecemos nesses espaços – em meio às brigas de torcidas organizadas, festas de torcidas e partidas de futebol. Dividindo a mesma aproximação por moradia, Spider residia no mesmo bairro em que morava no início desta pesquisa. Dessa forma, com o mesmo grau de proximidade, por frequentarmos esse universo das torcidas organizadas, nos conhecemos no mesmo contexto e dividíamos histórias parecidas.

Essa rede de relações entre os meus interlocutores e a minha vivência com o futebol foi um fator extremamente importante para o acesso e estabelecimento das relações que foram construídas no campo durante a pesquisa. Através dela, estabeleci contatos e me aproximei de pessoas as quais não conhecia, mas que, de certa forma, me conheciam ou dividiam comigo histórias e experiências semelhantes⁶.

Durante esse início, de estratégias e estabelecimento de contatos, a minha cidade, Recife, se deparava com um período de questionamentos levantados por mulheres que expunham inúmeros casos de estupros que aconteciam, tanto dentro como nos arredores dos espaços da UFPE. Ouvia constantemente também relatos de violências que aconteciam próximas à rua em que residia, no bairro do Engenho do Meio, que também é um dos bairros que ficam próximos à universidade. Dentre as diversas inseguranças que os espaços urbanos proporcionam às mulheres, esses casos fortaleceram o surgimento das sensações de pânico, medo e angústia que antecederam às idas ao campo mencionadas anteriormente.

A hipótese de sair de casa sozinha tinha se tornado sinônimo de sofrimento. Mas o que de fato chamou a minha atenção foi a contextualização em que esse sofrimento e seus sintomas apareceram. Percebendo que, embora todos os relatos de violência que obtive conhecimento tenham acontecido próximos à minha casa, o pânico e as crises de choro ao sair pelas ruas da cidade apenas apareciam quando precisava ir a esses locais citados anteriormente – a comunidade do Bode e a João de Barros. Essa sensação de perigo, quando

⁶A relação da torcida organizada com a dinâmica da pixação na cidade do Recife tem uma fronteira tênue. No Capítulo 4, essa aproximação na rede de relações que os pixadores estabelecem com a cidade e a dinâmica das torcidas organizadas ficará mais elucidado.

estava indo para um bairro na periferia da cidade, me fizeram perceber o quanto caracterizamos a cidade e seus atores através de um mecanismo denominado por *zoneamento urbano* (DIÓGENES, 2001), que questiona a forma de como disciplinamos os lugares, caracterizando-os como espaços de “pobreza/risco” e de “riqueza/segurança”, aqueles postos como de caos e os de ordem, bem como através do processo de estigmatização da pobreza. Zaluar (2000, p.12), ao estudar as organizações populares e significações da pobreza no conjunto habitacional chamado Cidade de Deus, no Rio de Janeiro, reflete sobre a constituição das hierarquias e separação de classes da nossa sociedade que colocam os moradores de bairros pobres e das periferias como os “outros”, vistos como “incultos e “perigosos”, onde vivem ao avesso daquilo que chamamos de civilização.

Embora inicialmente não tenha sido o objetivo desta pesquisa trabalhar as questões dos estigmas e das classes sociais, não poderia deixar de colocar todas essas minhas percepções, sensações e questionamentos sobre esses modos de classificação que atuam e sugestionam as formas de circulação e percepção da cidade – as formas de *zoneamentos urbanos*, citadas anteriormente. Considero que minha experiência vivida durante esta pesquisa, com todos os medos e receios, implicou diretamente no meu objeto de estudo e nas problemáticas que aqui estão sendo trabalhadas. Pensando que a proposta da etnografia em espaços urbanos, tal como pontua Magnani (2012), busca resgatar a incorporação dos atores sociais e das suas práticas, possibilitando pensar também sobre a própria dinâmica da cidade. Ou seja, a própria forma em que estão colocados os mais variados aglomerados urbanos é que sugestionam uma modificação na sua distribuição e o modo como operam os seus espaços e suas relações.

Pensando nessa interface, dos espaços e das relações que são estabelecidos, a etnografia, na Antropologia Urbana, contribui para a reflexão sobre o que entendemos pelo objeto que estamos pesquisando e o modo pelo qual se constituem e se relacionam. Dessa maneira, em busca de uma teoria social, interrogamos as formas pelas quais as coisas são naturalizadas e consolidadas. Ao estudarmos a vida urbana, nos seus recortes específicos, também somos conduzidos a pensar sobre os limites e os conteúdos daquilo que chamamos de *espaço urbano*. Ou seja, problematiza-se sobre o que seria esta cidade e o que caracteriza a vida urbana, repensando imaginários e compreendendo etnograficamente suas manifestações particulares e específicas (NOEL; SEGURA, 2016).

No dia 21 de outubro de 2016, às treze horas da tarde, por exemplo, era compartilhado por um canal de comunicação digital, o WhatsApp, uma foto com um grupo de meninos jovens e negros, trajando bermudas, sandálias e sem camisa, amontoados ao redor de uma

quadra de futebol próximo à pista da Avenida Agamenon Magalhães. Em baixo dessa foto que estava sendo repassada, estava escrito uma legenda com os seguintes dizeres: *“Cuidado! Evitem passar pela Agamenon. Está acontecendo arrastão nas mediações do viaduto”*. Com um olhar atento para a notícia que estava sendo propagada, percebi a semelhança do local com um dos espaços que já havia frequentado. Imediatamente percebi que essa era uma das quadras que ficavam próximas da que acontecia a *Pelada dos Pixadores*,⁷ do outro lado da avenida. A foto não se tratava de um arrastão, mas de um grupo de jovens que acompanhavam uma partida de futebol que acontecia no local e que, conseqüentemente, se agrupou ao redor dessa quadra. Quando recebi a mensagem e percebi a compreensão errônea do fato, questionei de onde teria partido aquela informação. Contudo, minha pergunta foi ignorada, iniciando o envio de vários áudios de pessoas que afirmavam a veracidade da notícia, essas afirmações eram feitas pelo seguinte formato de relato: *“Um conhecido de um amigo teria passado pelo local e evacuado ao perceber o início de um arrastão”* ou *“um conhecido, de um conhecido de uma pessoa que é próxima a mim, estava no local neste momento e confirmou o arrastão”*. Elias e Scotson (2000) problematizam como essas redes de fofocas sobre um determinado grupo e local são utilizadas para a manutenção dos estigmas e crenças locais, reforçando as imagens negativas necessárias para controle dos fluxos desses sujeitos.

A João de Barros, Santo Amaro e a comunidade da Rata se formam nos arredores da Agamenon Magalhães, uma das principais vias de acesso que corta a região central da cidade até os mais diversos pontos e regiões. Ainda hoje, passar perto desses bairros tornou-se, para muitos, sinônimo de assalto, compra de drogas ilícitas e risco de estupro para as mulheres. Sempre que explicava para as pessoas qual era a minha pesquisa e o local em que fazia minha coleta de campo, as reações eram, na maioria das vezes, de perplexidade e espanto: *“E você vai para lá sozinha à noite?”*, me questionavam com tom de reprovação e incredibilidade. *“Fazer exatamente o quê?”* e *“tem que ser realmente à noite?”*, comentavam ainda duvidosos com a possibilidade de se realizar uma pesquisa naqueles espaços, ou melhor, com a mínima possibilidade de interagir e obter relações com aquelas pessoas que transitavam por essas regiões.

Minhas justificativas e tentativas de explicação dificilmente passavam alguma credibilidade. Pois a possibilidade de estar ali, especificamente na João de Barros, frequentando *bailes funks* e festas de pixação, com pixadores e *galerosos*⁸, soava como algo injustificável e desnecessário para as pessoas que não possuíam um conhecimento sobre a

⁷Falaremos mais sobre esse espaço no Capítulo 3.

⁸Categoria trabalhada no capítulo seguinte.

proposta de estudo de cunho etnográfico com intuito de percepção da construção das próprias relações. As sugestões no olhar daqueles que estão “de fora” eram dadas a partir de uma coleta de dados que evitasse contatos e aproximações, que preferencialmente acontecesse durante a luz do dia e em espaços que garantissem uma suposta segurança para o pesquisador. Diversas vezes era questionada sobre qual seria a minha “*real necessidade de ir para esses lugares e de participar dessas festas?!*”, expondo suas desconfianças sobre a validação científica deste estudo, da proposta de pesquisa e da forma como vinham sendo coletados meus dados.

Com mais perguntas do que respostas, as questões relacionadas aos espaços e às formas como os categorizamos me levaram a essas muitas indagações, entre elas está a noção de *territorialidade*, que, por exemplo, foi pensada como uma perspectiva chave ligada a diversas outras, como a sociabilidade, com interfaces e implicações diretamente relacionadas.

A reprodução, ou a formação, dessas territorialidades são colocadas sob controle externo ou interno e externo/interno, como pontua Agier (2015). Na construção desses espaços zoneados formam-se as ditas *regiões morais*, como coloca Park (1967), que são construídas através dos estereótipos, símbolos ou rumores que condicionam a experiência dos indivíduos e seus espaços, delimitando aqueles nos quais se pode ou não ficar, os que se pode circular e os que se deve evitar. Desse modo, o bairro da João de Barros pode ser compreendido como um local que deve-se evitar na relação moral que implica e constrói estes zoneamentos dos espaços na nossa própria cidade.

Dada as circunstâncias das construções dos espaços, as experiências vividas são sentidas de forma singular por quem as vive. Os medos que eram sentidos por mim são sentidos de forma diferente pelos sujeitos que compõem aquele cenário. A interpretação dos fatos e a forma como eram compreendidas as situações de violência, por exemplo, tinham múltiplas significações, dependendo do olhar de quem vive e do lugar que este ocupa na cidade. Em uma situação específica que vivi, pude perceber o modo como as vivências distintas, minhas e dos meus interlocutores, implicam esse processo de construção dos espaços e dos medos distintos que temos sobre eles – o que não significa dizer que existe uma banalização ou naturalização dos episódios de violência, por exemplo, por parte daqueles que residem nesses espaços.

Em minha primeira ida ao campo, surge o primeiro susto: a irmã de um dos meninos que iria conhecer, para apresentar minhas intenções de pesquisa, teria sofrido uma tentativa de assassinato uma hora antes da minha chegada ao local. O medo e a insegurança se instalaram sobre mim, lembrando

todas as afirmações que as pessoas me faziam sobre o local que iria – um espaço violento e perigoso. De fato, estava adentrando um local desconhecido por mim, estigmatizado midiaticamente e que ocorrera uma tentativa de assassinato minutos antes da minha chegada ao local. Rapidamente percebi que a tensão era grande, mas ela estava mais para mim do que para eles. Na verdade, a preocupação dos meus interlocutores estava sobre a reação do irmão desta menina, com o cuidado de este fato implicar em suas ações podendo “*atrasar seu corre*” – se referindo a uma ação negativa que poderia vir a reestruturar todos os projetos pessoais e profissionais da pessoa em questão. Quando soube da notícia, estava na parada de ônibus indo encontrar Stilo, a primeira pessoa que conversei assim que iniciei minhas primeiras coletas de dados a fim de delimitar meu campo e meu objeto de estudo. Foi ele que me deu a notícia e a quem perguntei se teria algum problema ir naquele momento ao local. Após uma risada alta, veio, percebendo minha insegurança e meu medo, a resposta com um tom de brincadeira e descontração: “*Tá com medo? Tu vai tá com nós. Ali eram outras paradas, ela era vida loka, cheia de treta. Não tem nada a ver com a gente.*” Preocupada em perder espaço, de certa forma, mostrei-me firme e tentei me tranquilizar. Eles conhecem mais o local e as suas implicações do que alguém que estava vindo “de fora” e analisando o acontecido de outra ótica (Diário de Campo, fevereiro de 2015).

Colocando essas questões descritas aqui, busco a reflexão de como a experiência vivida pelo pesquisador, e suas próprias percepções, tem um sentido contextual significativo para com o objeto de estudo. A estigmatização desses espaços de circulação e socialização aparece quando os pixadores contracenam com essa dinâmica urbana que segrega e exclui aqueles que se contrapõem a noção de ordem (MOURA, 2014) estabelecida pelos zoneamentos dos espaços urbanos citados anteriormente. Nas suas circulações por esses espaços, esses atores os percebem e os compreendem a partir das suas próprias noções sobre os territórios e suas territorialidades construídos através da produção dos códigos-linguagens compartilhados entre seus pares, mais especificamente entre aqueles que sabem ler os muros (PEREIRA, 2012).

Contudo, é importante proporcionar a reflexão sobre o dilema circunscrito entre o estabelecimento das próprias diferenças e a busca pela inserção nos múltiplos locais que compõem a cidade. Considerando que, por muitas vezes, esses atores questionavam, em nossas conversas durante a pesquisa, sobre a negação imposta para eles dos mais diversos espaços e sobre o desejo de “*serem reconhecidos e respeitados como um cidadão comum*”, da mesma forma que refletem sobre a condição de uma não compreensão desse outro por “*não seguirem a lógica do sistema*”, e que, por isso, reafirmam suas identidades subversivas e se afirmam enquanto periferia.

Percebendo essas sutilezas nas construções das relações complexas entre os indivíduos e a cidade, busco compreender as dinâmicas que são estabelecidas pelos pixadores e seus respectivos grupos dentro das formas de sociabilidade que são estabelecidas no *point*⁹ dos pixadores – a *Pelada dos Pixadores*. Considerando que o trabalho realizado nesses espaços implica também observar as suas próprias percepções a partir de suas vivências pessoais e grupais, conciliando esses diferentes usos que fazem da cidade por meio de suas circulações e ocupações.

Pensar e construir um texto junto com os interlocutores é a proposta central deste trabalho. Entendendo essa construção como algo que foi aprendido nas trocas de experiências e conversas informais relatadas aqui no texto, as quais me possibilitaram refletir sobre as novas formas de ver e perceber o espaço urbano em que estou sendo e fui inserida. Andar por Recife a partir de uma nova ótica está incluso nessa proposta.

Dessa forma, pensar o objeto de pesquisa no cenário urbano envolve também a consideração de que a cidade não é formada apenas por um local, mas por localidades que são plurais, e que os sentidos dados aos espaços dependem da prática que os sujeitos estabelecem. Nessa perspectiva, a Antropologia Urbana entende que as múltiplas cidades são produzidas por esses agentes sociais (AGIER, 2011), por isso, pensar a cidade exige do pesquisador atenção nessas múltiplas configurações – as relações, os conflitos, os territórios, as vivências singulares e as formas de sociabilidade. Nesse momento introdutório, de transcrição dos *trajetos* percorridos até o processo de escrita, possibilita-se a compreensão do cenário e processo de produção da pesquisa etnográfica. Compreendendo que a descrição do objetivo do trabalho, a chegada ao campo e o modo como fui vista pelos interlocutores ganharam relevância nas reflexões contemporâneas da Antropologia Urbana. É a partir destas narrativas, trazidas nestes próximos tópicos, que será possível realizar as articulações das razões políticas e epistemológicas do momento da coleta de dados até a escrita textual, bem como a análise teórica dos fatos (SILVA, 2015).

2.1 De rolê na noite: limites e implicações metodológicas

Nas trajetórias metodológicas, a repercussão dos medos e receios, pontuados no início deste capítulo, sentidos durante as minhas primeiras idas a campo, também eram despertadas por dois motivos principais: a primeira, e a principal delas, está implícita na minha condição

⁹ O *point*, como explica Pereira (2005), é um espaço de sociabilidade onde pixadores de diferentes localidades se encontram com horário e dia fixos, semanalmente ou mensalmente.

de ser uma mulher pesquisadora circulando em um ambiente predominantemente masculino¹⁰, e a segunda estava respaldada na dúvida sobre os possíveis impactos que a minha trajetória nos *circuitos* de torcidas organizadas na cidade de Recife poderiam vir a ocasionar diretamente nos espaços que poderia, ou não, circular, devido aos conflitos existentes entre esses grupos – pixadores, *as galeras*¹¹ e os diversos grupos de torcidas organizadas.

Além disso, realizar uma pesquisa com grupos predominantemente masculinos é ter a sensação de que a todo tempo você precisa estar atenta a sua postura, seu comportamento, sua fala, com as roupas que vai vestir e nas suas formas de circulação por esses espaços. Em vários momentos me percebia selecionando os conteúdos que iria trazer e discutir durante as minhas interações nas rodas de conversas que estabelecia com esses diferentes homens, considerando que, por estar em um espaço de sociabilidade e lazer, os galanteios, os flertes e insinuações amorosas, as *paqueras*, aconteceriam. Durante a pesquisa, não me sentia disponível para me perceber nesses jogos de paqueras e nas situações que os envolvem, por isso mantinha sempre um alerta e tensão sobre o cuidado de não me envolver dentro dessas possibilidades, preocupada também com as possíveis implicações que isso poderia vir a trazer para a minha coleta de dados e interações nesses espaços.

Dessa forma, todos os momentos anteriores a chegada do local de pesquisa se consolidavam com um ritual voltado para o cuidado nas escolhas da roupa que iria vestir. Critérios eram utilizados, como: a escolha de roupas que não marcassem o corpo, optando por aquelas roupas mais folgadas ou equilibrando os pares de roupa que pudessem, minimamente, garantir essa suposta segurança. A segurança discutida aqui está relacionada à busca por inibir a minha entrada no *circuito* das paqueras. Também estavam sendo utilizadas como recurso estratégico na tentativa de aproximação nas rodas de conversas de convívio masculino, demonstrando, dessa forma, o quanto que as questões de gênero estão implicadas nos objetos de pesquisa que nós, pesquisadoras mulheres, realizamos.

O segundo motivo citado anteriormente, além dessa questão dos espaços majoritariamente masculinos, se desenvolve na linha tênue em que se encontra uma relação entre os integrantes de torcidas organizadas e a dinâmica que os pixadores estabelecem com a cidade. Muitos dos conflitos que acontecem entre grupos de pixadores se chocam com as

¹⁰O medo de estar em um ambiente predominante masculino é resultado de uma condição de vulnerabilidade que nós mulheres estamos expostas. Enquanto pesquisadora, além dos medos corriqueiros das imposições de gênero que vivenciamos, agia de modo preventivo para evitar possíveis desconfortos de assédio moral e físico. Obras como a de Bonetti e Fleischer (2006) trabalham essas dimensões.

¹¹Falaremos melhor sobre esta categoria nos capítulos seguintes.

brigas que ocorrem também entre os membros de torcidas, repercutindo diretamente nos espaços de sociabilidade em que eles participam.

Minha vivência com as torcidas organizadas foi bastante intensa, de tal forma que ganhei uma notória visibilidade que, por vezes, repercutia em um impedimento das minhas saídas nas ruas da cidade nos dias que aconteciam jogos rivais dos times locais. Com a imagem reconhecida em diversos espaços e com ações que repercutiam a ponto de delimitar quais regiões poderia vir a circular, o receio veio à tona logo nos primeiros momentos de interação com outros pixadores os quais não conhecia. Embora já tivesse afastada desse *circuito* de torcidas organizadas, a relação da minha imagem com a minha história construída dentro desses espaços aparecia sempre que algum interlocutor entrava em contato comigo. Se tornando difícil realizar essa separação e distanciamento – do meu lugar de pesquisadora naquele presente momento e do meu passado dentro dos estádios de futebol. Contudo, logo percebi que essa relação funcionava mais como chave de acesso ao campo do que como algo que poderia vir a impor algum tipo de limite no modo que pretendia conduzir a pesquisa, considerando que:

Percebi que os conflitos ainda aconteciam entre integrantes de torcidas organizadas dentro da pixação, embora tenham se tornado algo isolado. Na *pelada*, por exemplo, consegui identificar muitos pixadores que eram ex-integrantes e integrantes de torcidas organizadas ao mesmo espaço. Alguns não se falavam, mas se cumprimentavam e respeitavam os limites dessa relação. Na época que vivi dentro das torcidas organizadas, isso parecia ser impossível. Presenciei várias brigas em festas, espaços públicos e jogos de futebol, por razões de terem misturado os laços de amizade para além dos vínculos estabelecidos dentro da sua própria torcida. A necessidade de separar essa relação das torcidas e a pixação estava surgindo e sendo colada como pauta constantemente. Muitos não viam mais sentido em misturar essas duas formas de identificação, para eles a pixação e a torcida organizada precisam ser coisas à parte e distintas, essa era a fala e a bandeira levantada por muitos pixadores que conversavam comigo sobre nossas vivências e percepções dessas duas relações (Diário de Campo, janeiro de 2016).

Nessa busca por sentidos e ressignificações dos medos, me fizeram perceber, com o passar do tempo, que as questões acerca da imprevisibilidade e da sensação de vulnerabilidade sentidas nesses espaços permeavam também sobre a possibilidade de se tornar alvo das abordagens policiais que frequentemente aconteciam no cotidiano desses atores. Dessa forma, minhas noites na *pelada* eram sempre marcadas por momentos de tensão que também estavam direcionadas às frequentes motos policiais que passavam lentamente observando o movimento ao redor da quadra e apontando para nós, falando palavras que eu não entendia, mas que, pelos olhares e expressões, me passavam sensações negativas sobre

suas reais intenções. Nos meses de junho e julho de 2016, as abordagens policiais se tornaram mais frequentes na quadra da João de Barros, aumentando cada vez a minha tensão e, em certa medida, deixando-me um pouco aliviada ao perceber que minha coleta de dados estava para ser encerrada.

Nesses meses especificamente, junho e julho, o *point* estava mais lotado do que de costume. É uma época que anualmente a *pelada* tende a ficar mais lotada devido ao campeonato de futebol realizado pelos pixadores e denominado como *Capa Champeons League*¹². Anteriormente, já havia observado motos da Rádipatrolha passando pela Avenida Agamenon Magalhães que diminuía, na maioria das vezes, a velocidade para observar com cautela o local, como mencionei acima, mas, até então, nunca tinham parado e realizado a abordagem. Contudo, em uma Quinta-feira, dia 30 de junho, já na quarta partida de futebol do campeonato, com a quadra um pouco mais vazia, foi diferente. Logo quando chego ao local, presenciei a cena de um *baculejo*¹³ policial acontecendo nas mediações da praça ao lado da avenida. Demoraram cerca de vinte minutos revistando dois homens em uma moto. Após a ação, continuavam observando a movimentação da quadra. Considerando todos os estereótipos que preenchem o perfil de um suspeito, como afirmou um dos pixadores que estava junto a mim no momento da ação, o ser “*preto e pobre*”, a quadra é um local preenchido por pessoas que se caracterizaram dentro dessa perspectiva, sendo colocados, segundo o mesmo interlocutor, como um “*inimigo público número um*” dos próprios policiais.

Dentro dessa perspectiva, do ser “*preto e pobre*”, é importante salientar que, em sua maioria, são os homens negros¹⁴ de periferias, trajados com camisas de torcidas organizadas ou com camisas de letras e grupos de pixação, ouvindo música de *funk* e rap, frequentadores da *Pelada do Pixadores*. Nos diálogos que escutava e participava, durante toda vivência em campo, percebi que essas características aqui descritas são percebidas pelos próprios pixadores como adereços que os colocam na lista de possíveis suspeitos para a própria polícia e para os demais agentes de segurança pública, como os guardas municipais. Sendo vistos como “*inimigo público número um*”, utilizavam-se de estratégias próprias de proteção ao saírem nas ruas para os seus *rolês*, evitando, por exemplo, se apropriarem de trajés de

¹² Falaremos sobre o campeonato no Capítulo 3.

¹³ A “Busca Pessoal”, nome utilizado pelos agentes de segurança pública, é conhecida popularmente como *baculejo*. Podendo ser entendido como um ato utilizado pela própria polícia para abordar aqueles que são considerados como suspeitos. O ato do *baculejo* ocorre através de uma revista pessoal diretamente no corpo do suspeito.

¹⁴ Essa categoria está sendo aqui utilizada por perceber que a maioria dos meus interlocutores se reconhece como negros ou pardos em suas próprias falas. Acatando as recomendações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), coloco as formas de identificação como preto e pardo em uma única categoria, a de negro.

*galerosos*¹⁵ e desenvolvendo formas de evitar possíveis problemas com estas abordagens policiais.

Por isso vou muitas vezes sozinho, chama menos atenção. Como também sair de casal, com uma menina acompanhando. Evitar sair de camisa de torcida organizada ou de pixo, bermuda, boné, sandália e mochila também ajuda muito. Porque se sair assim de noite, já é certo a polícia te parar. Tem muita gente que prefere pixar sozinha, saindo direto do trabalho. Porque se perguntarem, já diz que está saindo do trampo (Conversa informal, realizada em junho de 2016).

Essa tensão e cautela referente ao medo de sofrer uma abordagem policial vivida por ambos, sem se estender a uma mesma proporção de vivência e sentido, eram potencializadas pelas experiências negativas que tivemos com a polícia, nos aproximando, muitas vezes, das construções de táticas e estratégias de defesa ao percebermos as motos policiais circulando nas mediações da quadra. Há cinco anos, fui vítima de uma abordagem policial grosseira junto a uma amiga no centro da cidade. Com as marcas de uma experiência negativa somadas à advertência de que não poderia ter nenhum Termo Circunstancial de Ocorrência (TCO) durante um período de cinco anos, contados a partir do julgamento e da penalidade cumprida, que aconteceu há quase dois anos após a abordagem, para que meu nome permanecesse limpo, mantinha esse alerta ao circular pelos espaços que frequentei durante toda esta pesquisa de campo, trazendo consequências também para meus limites e implicações metodológicas.

Dividíamos os cuidados e compartilhávamos da mesma situação. Por isso, busquei deixar evidente na primeira abordagem policial, com um baculejo maior do que de costume, durante minha presença nesses espaços, a minha condição àqueles que estavam mais próximos a mim. Assim como também nos acolhíamos e me era alertado sobre alguns novos cuidados, como: estar atenta a alguns locais próximos à praça que acontecia a *pelada*; e solicitavam, por vezes, para que me afastasse quando observavam algum policial se aproximando da movimentação que causávamos.

Embora a maioria dos pixadores presentes também tivesse algum tipo de TCO, cada qual dentro de um contexto diferente, nosso principal diferencial estava na forma como eles o naturalizavam. O medo que tinha sobre a possibilidade de vir a ter outro não era o mesmo que o deles. Assim como a minha vivência, meu medo construído após essa abordagem não era o

¹⁵ Termo direcionado aos indivíduos que compõem os grupos e gangues que se organizam dentro do seu próprio bairro, as chamadas *galeras*. Os *galerosos*, dessa forma, seriam aqueles que são integrantes desses grupos. Dentre as características que são associadas a esses indivíduos, estão as roupas de marca como a da Cyclone, tênis da Nike e correntes de prata – por exemplo.

mesmo que o deles. Por isso, esses cuidados repercutiram diretamente na minha pesquisa, me impossibilitando de participar dos rolês de pixação durante o horário noturno. Contudo, apesar de ser a prática principal dos meus interlocutores, essa condição metodológica não me impediu de compreender a forma como opera a dinâmica do meu objeto na cidade, tal como pontua Pereira (2012), em sua dissertação sobre os pixadores em São Paulo, ao questionar sobre a relevância do percebimento das relações sentidas para além do ato de apenas pixar.

2.2 Quando a antropóloga é chegada

Além dessa minha proximidade com o campo, os vínculos de amizade estabelecidos com alguns dos interlocutores e a relação existente com as torcidas organizadas, o meu envolvimento com o objeto de estudo sempre esteve claramente anunciado desde quando decidi realizar esta pesquisa. Considerando, como pontua Geertz (2015), que a existência de um envolvimento em nosso objeto de estudo sempre acontece de forma inevitável, pois o processo de construção de conhecimento sempre implica um grau de subjetividade. O que significa também dizer que existe um caráter aproximativo, mas não definitivo (VELHO, 2013). A subjetividade surge durante toda a construção relacional, mas não define a forma como ela opera ou se desenvolve no decorrer dessas relações. Dentro dessa perspectiva, Durham (2004) pontuou sobre os impasses atuais que a Antropologia Urbana tem contornado ao trabalhar os problemas metodológicos em pesquisas que acontecem na cidade, concebendo uma valorização a observação participante, preocupada com a natureza da relação existente entre pesquisador e pesquisado.

Seguindo essa compreensão teórico-metodológica, a questão da subjetividade passa a ser valorizada nos trabalhos acadêmicos em estudos detalhados de grupos delimitados, vistos mais “de dentro” (MAGNANI, 2012). Provocando-se uma revisão crítica dos antigos pressupostos teóricos e metodológicos, que exigiam um certo distanciamento entre pesquisador e pesquisado, assim como passando a questionar a própria concepção de cidade. Desse modo, em um processo de desconstrução e construção, na sua capacidade de identificar perspectivas divergentes e interpretações alternativas, a Antropologia Urbana passa a propor uma reinvenção da nossa própria realidade social.

Na pesquisa que se faz nas cidades, dentro de um universo cultural comum ao investigador e ao objeto de pesquisa, a participação é antes subjetiva do que objetiva. O pesquisador raramente reside com a população que estuda (e, se o faz, é por breves períodos) e não compartilha de suas condições de

existência – de sua pobreza, de suas carências, de suas dificuldades concretas em garantir a sobrevivência cotidiana. Mas busca, na interação simbólica, a identificação com os valores e as aspirações da população que estuda (DURHAM, 2004, p. 368).

O olhar “de perto e de dentro” (MAGNANI, 2012) nos permite captar sutilezas e distinções por meio das diferentes formas de experiências etnográficas, mas também é preciso, ao longo da pesquisa, variar os ângulos de observação e análise. Assim sendo, seria, para o pesquisador, diante deste outro que está próximo e lhe é familiar, necessário diferenciar e relativizar essas questões que lhe estão próximas e conhecidas. Pois

se, num primeiro momento, o “olhar de perto e de dentro” busca a lógica que se orienta a prática dos atores sociais, é possível segui-los em suas redes, e para tanto é preciso flexibilizar o olhar, de forma a variar os ângulos e escalas de observações. É somente por referência a planos e modelos mais amplos que se pode transcender, incorporando o domínio em que se movem os atores sociais (MAGNANI, 2012, p. 278).

Dessa forma, esse convívio nos mesmos espaços me suscitava o cuidado para não excluir possíveis diferenças nos vocabulários em seus múltiplos usos de significados e interpretações que poderiam ser dados para cada palavra, expressões e categorias que, inicialmente, aparentavam ser idênticas. Considerando que, ao mesmo tempo em que dividíamos os mesmos espaços de sociabilidade em nossas experiências vividas nas idas aos campos de futebol, *shows* de rap, mutirões de graffiti e festas de torcida organizada, os sentidos que eram dados a cada vivência, inclusive nas questões de raça e classe, eram distintos.

Gilberto Velho (2013) coloca que a familiaridade com uma paisagem social, na qual a disposição dos atores nos é familiar, facilita a compreensão das hierarquias e da distribuição de poder nessas relações, nos permitindo fixar e olhar esses indivíduos sob múltiplas categorias, no entanto, isso não significa dizer que a familiaridade implica em uma compreensão da lógica que opera as suas relações. Por isso, há uma necessidade de relativização e reflexão sistemática para que não ocorra um impedimento. A existência de uma descontinuidade entre o mundo do pesquisador e o mundo de seu objeto aparece sempre nestas variáveis de língua, raça e classe, por exemplo, comprovando que as expressões, que aparentemente eram idênticas, possuem significados e atribuições diferentes nas suas vivências subjetivas.

É preciso que o pesquisador esteja sempre atento às armadilhas que ele pode cair quando está incluso em seu próprio campo de pesquisa – na sua própria cidade, por exemplo

– e, principalmente, quando há uma relação com um objeto com o qual se está familiarizado. Pensando que, embora o mapa mental de compreensão que dispomos devido as nossas vivências e experiências compartilhadas nos ajude com o processo de familiarização com o campo, possibilitando criar acesso a essas relações, ele também o nomeia, determina um lugar e dá uma posição aos indivíduos previamente, ou seja, também corre-se o risco de categorizar os indivíduos antes mesmo de que estes mostrem as suas próprias categorias. Demandando um exercício constante de transformação entre o que lhe é familiar e exótico (DaMATTA, 1978) e no estabelecimento dessa necessidade de relativização daquilo que aparentemente está próxima ao pesquisador (VELHO, 2013). Por isso, como pontuei anteriormente, essa vivência que tive dentro das torcidas organizadas suscitaram os meus primeiros contatos com os pixadores na mesma medida que me exigia um esforço de estranhamento e relativização das categorias existentes.

Embora exista esse movimento de distanciamento e estranhamento, não se pode negar a facilidade de acesso que obtive com o campo a partir de todas essas vivências que nos eram próximas. Sobretudo, a relação que tinham sobre mim como a antiga “*maga da inferno*”, referência essa que viabilizou todo o meu acesso ao campo, bem como o estabelecimento de vínculos e estreitamento das relações. Sobre essa relação das nossas vivências com o acesso ao campo, Biondi (2010) traz a reflexão teórico-metodológica sobre o que a autora chama de “dispositivo metodológico” – o “ser mulher de preso” em sua pesquisa –, que seriam todas essas relações que os pesquisados fazem do pesquisador e que passam a ser vistas como uma ferramenta utilizada para viabilizar o acesso aos dados.

Dentro dessa perspectiva, a associação que os pixadores faziam à minha imagem se tornou o meu próprio “dispositivo metodológico”, considerando que ser a “*maga da inferno*” possibilitou toda a minha interação nesses espaços que dificilmente são divulgados para aqueles que estão “de fora”. Com isso, passo a revelar minha condição de ter sido uma integrante de torcida organizada para ser “tratada com maior proximidade e menor desconfiança” (BIONDI, 2010, p. 50), se tornando *chegada* daqueles que já conhecia e dos que ainda não me conheciam.

Senti, já no meu primeiro encontro, que ter sido uma integrante de torcida organizada e, conseqüentemente, já ter andado com outros pixadores, possibilitou o estabelecimento dos meus primeiros contatos nesses espaços com uma credibilidade e confiança. Por exemplo, quando o pixador Menor chegou com outro pixador que não conhecia, após já ter conversado bastante com Stilo anteriormente, estes começaram a elaborar uma fala explicativa sobre como são julgados em uma atitude defensiva, explicando todo o

porquê de duas ações. Nesse momento, com a intervenção de Stilo, ouve-se a frase “*Ouxe, Menor. Ela é feito nós, tá ligada nas paradas. Conhece os caras tudo!*”. Demos algumas risadas e a descontração fez com que a conversa fosse por outro caminho, menos defensiva e mais descritiva sobre suas ações (Diário de Campo, fevereiro de 2015).

Alguns minutos depois, quando Alombra chegou, outro pixador que não conhecia, fomos apresentados. A apresentação se seguiu de maneira mais formal, diferente das outras vezes, como: “*Dani, a Antropóloga que está fazendo uma pesquisa sobre pixação*”. Essa apresentação não possibilitou muitos diálogos entre mim e Alombra. Até que ele perguntou: “*tu é a menina que estava lá na quadra da João fazendo entrevista? Tinha uma menina lá, mas eu nem falei nada, não sabia qual era a dela!*”. Nesse momento, os demais que estavam conosco interromperam e afirmaram que minha ficha já teria sido levantada e que confirmaram que “*sou limpeza, de confiança*”, que de fato sou *chegada*. Contamos um pouco sobre nossas vivências e relataram que antigamente me acompanhavam no Fotolog, página social em que eram divulgadas fotos e textos pessoais (Diário de Campo, julho de 2015).

Portanto, foi essa rede de experiências e estabelecimentos de relações comuns que se cruzavam entre mim e os pixadores, que fizeram com que, por muitas vezes, houvesse dúvidas do que eu estava compreendendo durante todo o processo de construção de dados e que me faziam indagar sobre o possível grau de contaminação em que meus dados poderiam estar imersos. Refletia e questionava sobre todo o conteúdo e categorias desenvolvidas durante as anotações no diário de campo, exigindo o esforço de um processo de relativização e estranhamento do material para que se não se enquadrasse os sujeitos em categorias prévias. Por outro lado, esses esforços constantes de distanciamento do meu objeto de pesquisa, na tentativa de manter uma certa imparcialidade, também dificultavam minha compreensão sobre as suas próprias narrativas. O que me fez perceber, posteriormente, que, em alguns momentos, quanto mais buscamos nos afastar mais tendemos a observar com escassez as teias de envolvimento que colocam nosso objeto-eu-relação-com-o-mundo (DIÓGENES, 2001); além de estar sempre refletindo sobre esse cuidado de relativizar e considerar que nem sempre estamos habituados a ver e encontrar o que nos é conhecido (DaMATTA, 1981). Por isso, exponho as considerações de Geertz, (2012) quando ele enfatiza a natureza do trabalho antropológico que coloca esse processo de conhecimento implicado em certo grau de subjetividade e que, com isso, tem seu caráter aproximativo. Para o autor, as percepções sobre os fatos são filtradas através do olhar de quem o vê, sendo percebidas de maneira diferenciada e necessitando sempre relativizar essas noções, inclusive aquelas referentes à distância e objetividade, para ser possível observar o familiar.

2.3 Escolhas e delimitações do campo etnográfico

Inicialmente a pesquisa de campo aconteceu nas minhas idas ao bairro do Pina, especificamente na Comunidade do Bode, na Zona Sul da cidade do Recife. Durante o dia, no período da tarde, me deslocava da Zona Oeste para a região Sul na tentativa de “trocar uma ideia”¹⁶ com Stilo e Menor, em busca de compilar os meus primeiros dados e registros etnográficos, a fim de identificar quais os caminhos que iria percorrer durante essa etapa inicial de imersão em campo. Stilo e Menor são pixadores e ativistas de projetos de intervenção social que utilizam o graffiti como suporte. O projeto piloto realizado por eles é o “Pão e Tinta”, que acontece anualmente e tem como proposta central a ação de intervenção em sua própria comunidade, refletindo sobre as questões de combate ao racismo, redução de danos e de conscientização política atrelada ao movimento cultural que o próprio *hip-hop* propõe. Os Anarquistas Detonadores do Pina – ADP, como são chamados pelos próprios pixadores –, é o grupo no qual eles se reconhecem e com o qual se identificam nas rodas de conversas sobre graffiti, pixação e arte urbana.

No processo inicial de delimitação do campo, busquei trabalhar paralelamente com eles, a ADP, e com os Relíquias da Pixação (RDP) – grupo no qual me aproximei posteriormente. Contudo, meus encontros com Stilo e Menor ficaram cada vez mais espaçados e com grandes dificuldades de organização de tempo e otimização das agendas para conciliar seus trabalhos com a disponibilidade que tinham, no momento, para realizar as visitas e, até mesmo, para conseguir marcar um encontro rápido a fim de “trocar uma ideia”. Engajados com diversos projetos pessoais e profissionais, seus “corres”¹⁷ diários deixavam poucas oportunidades e, quando surgiam, optavam por descansar com suas companheiras, seus familiares e com aqueles amigos mais íntimos. O que, obviamente, era compreendido por mim, que passei a respeitar as suas escolhas e não agia de forma incisiva, solicitando apenas orientações sobre outras possibilidades e formas de conseguir agregar as informações e vivências que tinham relação com o meu trabalho.

Dessa forma, nas nossas conversas realizadas no primeiro semestre de 2015, as suas contribuições me ajudaram a realizar o processo de elaboração do projeto de dissertação e a me aproximar dos outros interlocutores que se tornaram, com o decorrer da pesquisa, os atores atuais e mais presentes nas falas e nos relatos aqui descritos. Embora os pixadores da

¹⁶ Expressão dita para referir-se aos diálogos pautados nas trocas de experiências, compartilhamentos de ideias e esclarecimento de dúvidas entre duas partes, seja indivíduo ou grupo. Essa categoria será trabalhada no item 2.6 sobre análise de dados.

¹⁷ Modo como se referem as suas buscas profissionais e projetos pessoais cotidianas.

ADP, em sua grande maioria, não frequentassem mais o *point* durante o momento que participei e realizei esta pesquisa, nos anos anteriores, eles estavam mais engajados nesse espaço que tinha um maior número de frequentadores e pixadores que compartilhavam das concepções e propostas que a RDP trazia.

Essa escolha por trabalhar como campo etnográfico a *Pelada dos Pixadores*, levou-me a considerar dois aspectos fundamentais: ser um lugar no qual conseguisse perceber as questões de sociabilidade e mobilidade entre esses atores e, principalmente, com eles; e a facilidade de acesso aos interlocutores e possíveis novos interlocutores com uma possibilidade de acompanhamento contínuo e permanente. Considerou-se esses pontos como principais devido ao formato da agenda acadêmica de mestrado, que opera de forma curta e, ao mesmo tempo, também exige uma boa coleta de dados. Por isso, embora quisesse dar continuidade com as idas ao Pina e de tentar conciliar esses dois lugares como coleta, precisei optar por algo que facilitasse e contribuísse com minha análise etnográfica por um período que considero curto e intenso – refletindo também sobre todos os aspectos e imprevisibilidade de se trabalhar em espaços urbanos e de, principalmente, estar com interlocutores que não são apenas pixadores, mas que possuem seus respectivos trabalhos, estudos, famílias e suas próprias agendas.

Nesse critério, Magnani (1996) destaca que o percurso da caminhada pelos espaços de intenção de investigação como ponto de partida é um dos principais elementos para se fazer a identificação e delimitação do cenário a ser trabalhado, considerando seus atores e as regras existentes no cotidiano local. Sendo assim, o início da minha caminhada pela ADP serviu como base para uma observação direta do cenário no qual os pixadores frequentavam e residiam, que são as periferias da cidade, bem como a dinâmica local e suas interferências nas relações de sociabilidade e mobilidade desses atores.

A proposta de realizar uma análise etnográfica, a partir da imersão em campo no universo da pixação, não poderia deixar de lado os espaços urbanos, em seus múltiplos usos, e a forma como os atores consolidam sua prática. Dessa forma, a escolha etnográfica também se deu no modo como considero e penso a cidade nesta discussão metodológica, a partir do momento que ela é parte integrante da minha unidade de análise. Os atores sociais em questão, em seus múltiplos arranjos coletivos, não estão isolados, mas por meio dos usos vernaculares da cidade são responsáveis pela construção da sua dinâmica (MAGNANI, 2009, p. 137). Pensando nisso, ao frequentar um *point* de pixação que acontece em meio ao espaço urbano, mais especificamente em um espaço público – a praça –, próximo a uma comunidade – a João de Barros –, que delimita seu uso e sugestiona o modo como se circula e se percebe

(n)esse espaço, me fez perceber o modo pelo qual os pixadores se relacionam com os espaços e com as formas as quais percebem essa cidade, em uma dimensão que vai do micro para o macro. Além disso, a pesquisa também percorreu as festas particulares de confraternizações pessoais – festas de final de ano, chá de fraldas e aniversário, por exemplo – e aquelas organizadas por grupos de pixadores, *bailies funks*, e na realização de *trajetos* por outros espaços da cidade, na medida que os interlocutores propunham e que a própria dinâmica da prática me direcionava a outros espaços e encontros.

2.4 Entre tretas e galeras: confidencialidade e ética na pesquisa

Durante a pesquisa, busquei ver todos os interlocutores considerando suas agências, pensando para além de serem simplesmente pixadores, respeitando suas histórias de vida, escolhas e *trajetos* percorridos até o momento que chegaram a se reconhecerem enquanto pixadores. Na maioria das vezes, estive em contato com eles apenas no seu espaço principal de lazer, a *Pelada dos Pixadores*. Mas foi no início do campo, nas minhas idas ao Pina, que aprendi a perceber e respeitar seus *corres* cotidianos. Como falei anteriormente, a importância desse ponto de partida até a chegada desse texto dissertativo.

Quando penso em agência desses sujeitos, refiro-me ao fato da busca por pensar esses atores para além de serem apenas pixadores. Eles são Paulo, Henrique e João¹⁸, que trabalham, estudam e compartilham de compromissos familiares. Com isso, estimei diálogos que não se limitavam apenas as questões referentes às temáticas da pesquisa, na busca por compreender suas visões de mundo e percepções sobre a vida cotidiana a partir de suas próprias trajetórias subjetivas, na tentativa de retomar o processo de relativização das práticas e dos valores junto a estas pessoas que compartilham de um mesmo universo geracional que o meu, mas que possuem práticas culturais, realidades sociais e percepções diferentes das minhas e que precisam ser compreendidas a partir de um interesse flexível, possibilitando vias mais fluídas de comunicação (RIBEIRO DE OLIVEIRA, 2014, p. 56).

Pensando nesse processo de construção de uma pesquisa mais dialógica, a importância ética da pesquisa na antropologia é destacada por Cardoso de Oliveira (2004), no que se refere ao consentimento e esclarecimento (ABA, 2011), considerando que o pesquisador assume, em vários momentos, diversas identidades em seu trabalho de campo, além de haver uma imprecisão na delimitação dos interesses da pesquisa no momento de submissão ao conselho

¹⁸ Nomes fictícios.

de ética, já que o autor entende que o campo determina as medidas que deverão ser tomadas – o antropólogo busca criar a partir da imersão e surgimento do fenômeno. Por isso, nesta pesquisa, não utilizei o termo de consentimento nas gravações de áudio que realizei, visto que a pixação é uma prática ilegal. Acredita-se que essa medida não tira a credibilidade da pesquisa, pois é comum, em trabalhos com a temática, a não utilização do termo de consentimento e a adesão de fotografias que cubram o rosto dos interlocutores com a utilização preponderante de conversas informais (PEREIRA, 2013; CARVALHO, 2013; SOUZA, 2007).

Evidentemente, nas pesquisas sobre atividades ilícitas, o antropólogo não deverá ser capaz de convencer nenhum dos sujeitos pesquisados a assinar o termo de consentimento, porque, ao fazê-lo, os atores estariam “confessando” envolvimento em atividades criminais e, portanto, estariam se arriscando a ser presos (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2010, p. 29).

A relação e a dificuldade com o termo de consentimento, citado anteriormente, pelos pixadores referem-se à má interpretação atribuída à assinatura de um documento que poderia vir a servir de prova contra eles, principalmente quando se problematizam tensões entre os agentes de segurança públicas e indivíduos. Dessa forma, assinar qualquer tipo de documento é visto como uma forma de autodenúncia, considerando que muitos desses autores relacionam essa prática ao Termo Circunstanciado de Ocorrência (TCO), no qual suas tensões com o poder público são concretizadas.

Com essa mesma dificuldade, a antropóloga Ribeiro de Oliveira (2014) percebeu que essas lembranças proporcionam situações de desconfiança que dificultam a relação do pesquisador com o interlocutor, direcionando suas falas à superficialidade. Nessa perspectiva, através do registro das conversas informais, busquei compreender o cotidiano dos grupos e dos sujeitos que os compõem, de modo a tentar apreender a forma como tais sujeitos circulam pela cidade, percebem suas regras e o modo como significam e ressignificam sua experiência no espaço urbano. A utilização de conversas informais, quando se trabalha com interlocutores de práticas ilegais, também é utilizada no trabalho da Biondi (2010), que problematiza o papel de uma interação próxima com seus interlocutores visando possibilitar a sua inserção em conversas que dificilmente seriam reveladas enquanto pesquisadora, como, por exemplo, na aceitação da minha presença nos seus *pedaços*, em festas e nos grupos fechados no Facebook, nos quais revelei a minha condição de ter sido integrante de torcida organizada, como citado anteriormente, para ser “tratada com maior proximidade e menor desconfiança do que quando me apresento como pesquisadora” (BIONDI, 2010, p.50).

Já a utilização das fotografias que foram aqui colocadas são bastante comuns em pesquisas com pixadores, de maior aceitação e facilidade de acesso, considerando que fotografar suas próprias pixações e publicar na internet é uma prática comum entre eles. Essa valorização desse tipo de registro acontece devido ao uso da fotografia como mecanismo de registro e como busca pela eternização do nome e da figura do pixador, acionando os dispositivos de *memória* e *reconhecimento*, categorias que serão trabalhadas nos capítulos 3 e 4. Por outro lado, muitas vezes o antropólogo, nesses espaços, é confundido com um jornalista, o que imediatamente desperta o interesse de muitos interlocutores, que levam matérias de jornais e fotos de suas ações para que se publique em sua pesquisa (PEREIRA, 2005).

Com isso, embora o compromisso do pesquisador seja o de mostrar os resultados da sua pesquisa e problematizá-las, o respeito à identidade de seus interlocutores perpassa todas essas questões referentes às exposições dos dados. Por isso, garanti o anonimato e o sigilo desses sujeitos e adotei os pseudônimos para aqueles que permitiram a colocação de suas falas e as identificassem. Já nas falas daqueles que não permitiram a relação de seus relatos com seus pseudônimos, adotei o registro como descrição de uma conversa informal a fim de não ser possível a relação de nenhuma informação com as suas identidades, considerando que a análise etnográfica não tem o objeto de servir como denúncia para nenhum dos interlocutores em questão.

Assim, por mais que eu estivesse próxima de uma realidade policialesca e recheada de fatos sigilosos, ilícitos e bastante comprometedores, não estava a fazer uma investigação policial, uma reportagem jornalística, ou mesmo, trabalhando como uma espiã disfarçada a colher informações incriminadoras para serem denunciadas à justiça. Estava a realizar uma pesquisa científica tendo a obrigação, como antropóloga, de proteger os dados alcançados sob essa condição de investigação (RIBEIRO DE OLIVEIRA, 2014, p. 63).

Sobretudo, ressalto que a produção deste trabalho questiona as formas em que são consolidadas e construídas os nossos próprios objetos de pesquisa, permitindo estudar a vida urbana a partir de um recorte que nos faça repensar os limites e os conteúdos do cenário/espço urbano, bem como problematizar as imagens que naturalizamos sobre o que seria essa ideia de cidade – mais especificamente sobre o que seria a cidade do Recife. Reconhecendo, dessa forma, a multiplicidade e heterogeneidade dos modos de existência de todo o urbano, ou seja, o que se busca é compreender e repensar manifestações particulares e específicas de perceber a cidade a partir dos próprios pixadores.

2.5 Os registros da pesquisa

Durante minha inserção em campo, todos os diálogos foram construídos junto com os pixadores. Nesse processo de construção dos registros de pesquisa, percebi que o uso das entrevistas gravadas¹⁹ seriam inoportunas, considerando que os espaços que frequentei, durante esse processo, eram caracterizados como locais dedicados à sociabilidade e lazer entre pares.

O *point*, especificamente a *Pelada dos Pixadores*, se caracteriza como um espaço onde se busca realizar trocas de experiências, materiais e, acima de tudo, também “*beber, curtir e sair para pixar*”, como falaram ao se referirem a sensação de prazer de estar ali junto aos seus pares todas as semanas. Atenta a esta dinâmica local – de música alta, futebol e curtição –, percebi que, além das implicações levantadas no item anterior sobre aproximações e distanciamentos no campo, o ato de gravar ou anotar nossas conversas, no momento em que os diálogos aconteciam, remetia a uma sensação de incômodo tanto aos meus interlocutores quanto para mim e também por proporcionar situações de desconfiança, dificultando o estabelecimento de qualquer vínculo. Podendo também conduzir a um direcionamento das suas falas por um caminho superficial, carregado de cuidados com o que se estava sendo dito.

Como pontuei anteriormente, é importante considerar que as questões levantadas também eram provenientes de incômodos sentidos por mim. Na minha dinâmica pessoal de estabelecer relações e construir vínculos com o outro, me incomodava anotar enquanto os diálogos estavam sendo travados, por diversas razões, entre elas estariam: a dificuldade sentida por mim de socializar e circular pelos espaços com um caderninho e caneta em mãos; estar nesses espaços, onde se percebia uma riqueza relacional, me demandava interação constante nas diversas rodas de conversas que se formavam; nas vezes que fiz esboços, ou escrevi tópicos, percebi olhares de desconfiança e questionamentos por parte daqueles que não me conheciam e não sabiam qual seria meu intuito com aquelas informações. Portanto, interagi e circulei por entre os grupos e tirava fotos com eles e para eles. Ou seja, meu objetivo era também estar ali para “*trocar uma ideia*” e compartilhar experiências, considerando que é na riqueza das relações que percebemos as minúcias do nosso campo.

Se tratando de uma observação participante, para conviver e espreitar dentro de um determinado contexto, é necessário, para sentir como funciona a dinâmica local, perceber como ela está posta e como é articulada na relação que as pessoas estabelecem entre si e que

¹⁹ Será mais bem discutido no próximo tópico sobre a construção da coleta de dados.

estabeleço com elas. Na maioria das vezes, ouvia mais do que falava. Tudo que vivenciei e anotei teve a função de ser um material que depois viria a ser usado na pesquisa como dado. Reconhecendo que, à medida que agimos, hierarquizamos relações e percebemos que a ação de uma pessoa implica a ação de outra quando estabelecemos trocas. Desse modo, o trabalho de campo, e a pesquisa antropológica, é uma relação que se constitui em uma vivência, ou seja, é um estabelecimento de uma relação produtora de conhecimento, realizada por diferentes categorias de pessoas. A experiência de trabalho de campo tem uma dimensão muito intensa de subjetividade. Ou seja, ainda que o antropólogo possa se armar de toda uma intenção de objetividade, de obtenção, de produção de dados e informações, os mais objetivos, muito mais do que em outros casos, todo trabalho de produção de conhecimento se passa através de uma relação subjetiva. A pessoa que fala, fala para uma outra pessoa. Uma relação entre pessoas que têm uma dimensão social, uma dimensão afetiva se estabelece. Dados de troca, de sinais e símbolos entre as pessoas se estabelecem inevitavelmente, e isso marca não só a realização do trabalho, mas o material produzido por esse trabalho realizado (BRANDÃO, 2007, p. 12).

Para Foote-Whyte (2005), no seu estudo em Corneville, no qual seus interlocutores estavam envolvidos com práticas ilegais, as entrevistas formais são desnecessárias. Os meus registros de campo, portanto, sempre aconteciam logo após a saída do local de pesquisa ao chegar em casa. Apenas uma única vez, me senti mais afastada de onde as coisas aconteciam e resolvi mapear o espaço, observando e desenhando as características locais. No mais, as lembranças dos diálogos, das situações, sentimentos, percepções e das supostas interpretações que ia construindo sobre a dinâmica local e as implicações no meu comportamento e nos deles eram registrados ao chegar em casa no final da noite.

No momento da escrita de dados também estive atenta a questão da seletividade na descrição dos registros. Como bem coloca Ribeiro de Oliveira (2014), alguns relatos expostos podem não estar com todas frases ditas pelos interlocutores, seja na sequência de sua ordem ou da forma exata como me disseram, considerando que existe a seletividade da memória com o que consegui recordar a partir de frases que teriam sido mais marcantes para mim. Contudo, os conteúdos dos diálogos permanecem, bem como suas terminologias. Uma das principais virtudes da etnografia é permitir e preservar as terminologias nativas, possibilitando que se explore as diferentes facetas, significados e eficácias (BIONDI, 2010).

O conceito de *campo*, por sua vez, não remete somente à oralidade, mas se constitui como um lugar preenchido por documentos e escrituras. Antes, deve considerar-se um terreno comum definido por negociações sempre pré-orientadas pelo projeto de escritura, por práticas

textuais e de leitura. A experiência só se faz tal na escritura etnográfica, a qual, com seus diversos procedimentos de esquematização, é o elemento indispensável para organizar os dados do antropólogo, para ordenar eventos e ações e construir-lhes o sentido (MALIGHETTI, 2004). O diário de campo, nesse caso, foi um dos instrumentos de pesquisa. Ao registrar os relatos e o contexto em que os dados foram obtidos, é possível captar uma informação que os documentos, as entrevistas, as fotos e as filmagens não transmitem (MAGNANI, 1997). Seu uso possibilita o distanciamento necessário na pesquisa de campo, e que permitirá realizar a análise do desenvolvimento da pesquisa, mostrando cada etapa da reflexão, os laços entre as diversas hipóteses levantadas pelo pesquisador e o momento da pesquisa em que essas hipóteses foram reformuladas (WEBER, 2009).

O meu trabalho, bem como minha coleta de dados, resultou em um “processo fragmentário”, como coloca Biondi (2010), considerando que muito das reflexões trazidas durante a coleta e na construção das formulações de hipóteses investigativas, trazidas inicialmente e ao longo desta pesquisa, são resultados de experiências vividas ao longo da minha incursão como integrante de torcida organizada e frequentadora dos *bailes funks* vivenciados também pelos próprios pixadores. Reuni recordações e determinados acontecimentos para conseguir compreender suas próprias falas como “um emaranhado, cujas linhas se cruzam, se unem, se distanciam, se perdem, mas no qual cada uma delas traz ao momento vivido elementos de experiências em tempos e locais diversos” (BIONDI, 2010, p. 24).

No mais, todas as falas descritas e analisadas aqui seguem com a seguinte formatação: trecho de notas do diário de campo com o mês e ano, a identificação como conversa informal para quem não permitiu associação pessoal das suas falas ou para aquelas conversas que foram realizadas em grupo, com o mês e ano. Para aqueles que permitiram a introdução de suas falas, utilizo apenas o seu *vulgo*, que se refere ao nome de pixação que eles utilizam e se conhecem entre si. Com isso, aquelas falas que seguirem apenas com a identificação de anotação de diário de campo ou conversa informal, juntamente com o período que foi realizado o registro, serviram para resguardar aqueles que preferiram não serem identificados. Entretanto, estou consciente que minhas anotações se tratam de interpretações das interpretações de outrem (Geertz, 2013), por mais que tenha procurado anotar os dados tal qual eles se mostraram sobre um fenômeno, a subjetividade do pesquisador está presente nos trabalhos e em todo processo de coleta e análise dos dados.

2.6 “Trocando ideia” e analisando dados

O aspecto metodológico está alicerçado à proposta teórica, na medida em que se considera a etnografia não apenas como um método, mas também como processo de constituição da teoria. Sendo o fazer etnográfico a ideia central da antropologia, Peirano (2014) compreende que não há antropologia sem pesquisa empírica. A empiria, para a autora, são os eventos, acontecimentos, palavras, textos que compõem o material analisado e que, nesta pesquisa, não são apenas dados coletados, mas questionamentos que podem servir como fonte de renovação.

Ao ler monografias, reforçamos a percepção de que a etnografia é parte do empreendimento *teórico* da antropologia. Não se trata de um “detalhe metodológico” que antecede uma teoria; a indagação etnográfica em si *já tem um caráter teórico*, porque somente (ou principalmente) ela nos permite questionar os pressupostos então vigentes pelas novas associações ou novas perguntas que nos proporciona: como já dizia Malinowski, novas pesquisas levam à “transformação de um ponto de vista teórico” (PEIRANO, 2014, p. 385).

O trabalho de campo na pesquisa antropológica é uma relação que se constitui em uma vivência, ou seja, é um estabelecimento de uma relação produtora de conhecimento que diferentes categorias de pessoas fazem (BRANDÃO, 2007). A relação interpessoal e o próprio dado da subjetividade são partes de um método de trabalho, e é desse modo que o autor fala em observação participante – considerando o envolvimento pessoal do pesquisador com as pessoas, com o contexto da pesquisa e assim por diante, como dados do próprio trabalho científico, “ou seja, como dados que, em vez de serem tomados como alguma coisa que se põe contra e precisa ser controlada, são tomados como alguma coisa que faz parte da própria prática do trabalho de campo” (BRANDÃO, 2007, p. 12).

A prática da observação participante é utilizada através de um olhar científico treinado, que auxilia o etnógrafo nas descrições e interpretações de situações vividas em campo, possibilitando a relação do objeto de estudo com o seu contexto (RIBEIRO DE OLIVEIRA, 2014). Dessa forma, acompanhar as ações de pixadores atuantes na cidade do Recife, desde seus *trajetos* aos seus respectivos *pedaços*, fez parte do processo de identificação das mobilidades urbanas compreendidas a partir das categorias de *pedaços*, *circuitos* e *trajetos* (MAGNANI, 1996), com a proposta de mostrar as mais diversas formas de se relacionar com o espaço público, tornando possível perceber as construções de múltiplas categorias. Acredito que foi através desse tipo de observação que consegui compreender como

os pixadores circulam pela cidade, como interagem com seus pares e suas relações com seu grupo.

Compreendendo a importância da prática etnográfica na construção da análise antropológica na formação de conhecimento, dá-se o primeiro passo para iniciar o processo de descrição e categorização de dados. Portanto, não se trata apenas de uma aplicação metodológica, mas dos estabelecimentos de relações articuladas às transcrições de textos, mapeamentos do campo e manutenção de diários de campo e de pesquisa (GEERTZ, 2001; 2014; 2015). No exercício constante de explicar, construiu-se uma atividade mais observadora e menos interpretativa durante a realização da coleta de dados. Considero, portanto, que os dados aqui relatados são construções a partir das construções de outras pessoas, tal como coloca Geertz (2015) ao pontuar que os antropólogos interpretam interpretações.

No início do campo, agia como uma pesquisadora fugaz atrás de respostas o mais rápido possível, preocupada com as exigências acadêmicas de prazos apertados e excelência em qualidade empírica, o “por quê?” me movia ao mesmo tempo em que me impedia de caminhar com a pesquisa e circular nos espaços. Sempre querendo saber os porquês, os motivos e detalhes dos acontecimentos, percebi que minhas conversas se tornavam cansativas, tanto para mim quanto para com quem interagia. Captei os impasses e as implicações negativas que esse tipo de abordagem soava como um aspecto investigativo e invasivo, optando, posteriormente, pelas narrativas que vinham através dos relatos dos acontecimentos, experiência e das conversas que estabelecíamos. Segundo Becker (2007), partir de uma perspectiva dos “comos” – “como aconteceu”, “como eram os *bailes funks*”, “como era pixar antigamente”, “como começou a pixar” – viabiliza apreender as relações e formas como esses atores se referem a si, aos seus pares e aos espaços.

Nos meus primeiros passos, em busca de um bom método epistemológico que fundamentasse minha pesquisa, me deparei com a inviabilidade de realizar entrevistas gravadas. Por mais que já tivesse uma rede de relação com alguns pixadores, registrar sua fala soava, para alguns, como uma autodenúncia sobre si e sobre sua prática. Compreendi e seguimos nossos encontros conversando sobre nossas experiências em comum, sobre as experiências que compartilhávamos e sobre aquelas que vivenciavam através das conversas informais. Considerando todas essas interferências e complexidades das relações, a entrevista etnográfica se apresenta diferente das demais, respeitando as demandas do próprio campo, com suas possibilidades e limitações. As significações e os interesses são muitos, mas os contextos da troca dos interlocutores são tão determinantes quanto a necessidade e a vontade do antropólogo (AGIER, 2015). As adaptações são necessárias, e junto com elas é necessário

desenvolver uma sensibilidade capaz de perceber o que seu objeto de estudo está lhe mostrando ou quer lhe mostrar. Depois de quatro meses frequentando a *pelada*, por exemplo, surgiu o interesse de alguns pixadores perguntarem sobre as entrevistas, quando elas seriam realizadas e o que eu precisava saber. Nesse período, os pixadores estavam buscando outros rumos e outras formas de se relacionar, amenizando as questões que envolvem as territorialidades e as antigas desavenças que aconteciam nos *bailes funks*, o que levou a realização de entrevistas gravadas com cinco interlocutores que tiveram e papel importante na construção desses dados e que também consideram a entrevista como uma forma de registro pessoal e político em prol da pixação.

Gravar as conversas passou a ser um sinal concreto de que realmente estava fazendo uma pesquisa. Ficar só conversando, “*de boa*”, foi alvo de questionamentos sobre a validade da minha pesquisa e se realmente tinha começado a realiza-la, com questionamentos do tipo: “*cadê, vai começar a pesquisa quando?*”. Para mim, estava claro de que já teria iniciado minha coleta de dados, mas a ideia de estar realizando “de fato” uma pesquisa era sinônimo de uma série de entrevistas com jogo de perguntas e respostas. Uma relação que faziam a partir de suas próprias experiências com outros pesquisadores de outras áreas – jornalismo, geografia e história, por exemplo. Apesar de saber que as minúcias estão nesses fenômenos de interação onde não se gravam as conversas, foi bastante significativo perceber a diferença das conversas informais e aquelas gravadas com as mesmas pessoas. Sem o celular gravando, os relatos pareciam emergir naturalmente, pois não se precisava ter cuidado com o que era falado e não precisava pensar antes de falar com intuito de “*falar bonito*”. Preocupados em “*falar bonito*”, legitimavam sua fala quanto pixador engajado politicamente e garantiriam que não “*queimariam o movimento*” (Diário de Campo, abril de 2016).

Sobretudo, as entrevistas não conseguiram ultrapassar o tempo máximo de quinze minutos, pois em um espaço de confraternização, trocas e curtidão, as interferências eram muitas e o interesse em circular entre os grupos que se amontoavam ao redor da quadra dispersava rapidamente a atenção daqueles que se disponibilizaram para gravar a entrevista. Considero que, além da dimensão pessoal e política, a busca por uma entrevista gravada se articula a alguns aspectos que caracterizam a dinâmica da pixação na cidade, tais como as concepções de memória e identidade que serão mais bem articuladas no capítulo 3. Também implica diretamente no papel que assumimos quando afirmamos que estamos realizando uma pesquisa.

Nas entrevistas gravadas as conversas foram mais amarradas. Senti que eles estavam preocupados com o que se dizia, mas nas nossas conversas paralelas – *trocando uma ideia* – a fluidez das conversas acontecia espontaneamente, com riqueza de detalhes e falas soltas que não se vigiam ao explicar acontecimentos e compartilhar suas histórias de vida. Com vinte minutos de

conversa, as entrevistas pediam para serem encerradas. Gravar por muito tempo a fala de alguém, era um problema. Pois, por ser ali um espaço de lazer, as pessoas queriam conversar, beber e interagir entre si. Não querem ficar afastados com uma menina que liga o gravador do celular para registrar tudo o que você diz. As implicações eram tantas que a primeira coisa que se perguntava antes de gravar, apesar de ter sido eles que teriam perguntado sobre a realização da entrevista e terem se disponibilizado para ela, era “*não vai demorar tanto assim, né?*” (Diário de Campo, abril de 2016).

No caso dos pixadores, o acesso que se tem nas questões práticas de como se faz, ou o que se pretende fazer, quando se alega estar realizando uma pesquisa, se resume a aplicações de questionários e registros documentados utilizados, na maioria dos casos, por estudantes de jornalismo. A gravação dessas entrevistas veio como uma própria cobrança do campo que, ao me relacionar a uma jornalista, ou seja, a alguém que estava realizando uma pesquisa, precisaria obrigatoriamente gravar algo sobre eles. Pois não era compreendido por eles, ao recordar da minha pesquisa, o fato de estar apenas frequentado o lugar e “*curtindo*” sem anotar nada. Por vezes era indagada: “*cadê, vai começar a pesquisa quando?*”. Várias vezes explicava que já estava acontecendo, mas sinais de dúvida eram expressos. Por conta dessa demanda, gravei cinco conversas informais, nas quais seus conteúdos seguiam como histórias de vida.

Foi nesse esforço de investigação como processo de criação que percebi a aplicabilidade do “*vamo ali trocar uma ideia*” para construir com meus interlocutores essa pesquisa: sentados, conversando, falando sobre nossas vidas e experiências vividas em comum e, algumas vezes, em conjunto. Era difícil para mim manter uma postura de pesquisadora – se é que existe uma postura específica, como indaga Biondi (2010). Preocupada em mostrar uma seriedade, percebi que essa postura de pesquisadora, que por vezes tentava adotar, me afastava mais do campo ao invés de me aproximar. Não poderia negar que existia um grau de proximidade e que foi isso que possibilitou minhas relações e minhas circulações nos grupos. Os poucos, mas preciosos dias, em que tentava validar minha condição de pesquisadora aspirante à antropóloga, estavam mais relacionados às inseguranças subjetivas do que para garantir a construção desta pesquisa.

Jamais tomei notas na frente de meus “informantes”. Por um lado, porque em geral eles também são meus amigos e eu me sentia constrangido em agir como “pesquisador”; por outro, porque continuo acreditando que o trabalho de campo antropológico não tem muita relação com as entrevistas, ainda que – mas sempre no final da pesquisa, quando o etnógrafo já possui um certo controle sobre os dados e as relações com os informantes – estas possam servir como complemento das informações obtidas por outras vias (GOLDMAN, 2003, p. 455).

Partindo do pressuposto de que o pesquisador sempre inicia com um olhar ao começar seu trabalho de campo, a ideia de ser afetada, debatido na obra de Goldman (2003) e no texto de Favret-Saada (2005), era um fato que não poderia ser ignorado por mim. Embora tivesse notado que nossas experiências aconteceram nos mesmos espaços e círculos de sociabilidade, foram sentidas e percebidas de forma diferente. Se considerarmos que este “ser afetada” poderia impactar no meu processo de coleta de dados, podemos entender que tanto o antropólogo como seu objeto de pesquisa são afetados na medida que construímos relações.

Nos termos de Favret-Saada, trata-se assim de ser afetado pelas mesmas forças que afetam o nativo, não de pôr-se em seu lugar ou de desenvolver em relação a ele algum tipo de empatia. Não se trata, portanto, da apreensão emocional ou cognitiva dos afetos dos outros, mas de ser afetado por algo que os afeta e assim poder estabelecer com eles uma certa modalidade de relação, concedendo “um estatuto epistemológico a essas situações de comunicação involuntária e não intencional” (FAVRET-SAADA apud GOLDMAN, 2003, p. 465).

É importante frisar que não se trata de um subjetivismo que interfere descontroladamente nas questões reflexivas, mas que se considera uma natureza intersubjetiva de uma relação estabelecida entre pesquisador e interlocutor que estão construindo, acima de tudo, uma relação entre duas pessoas que procuram entendimento. A relação intersubjetiva, no qual me refiro, se trata de uma comunicação simbólica que age na criação de significados e de grupos (CARDOSO, 2011). Ou seja, é nesse encontro de estranhamento e aproximação realizados entre pessoas que se pode perceber sentidos e compreender relações desconhecidas.

As informações que são recolhidas com base no “aqui e agora” não estão fora do mundo e nem fora do tempo, são contemporâneas dos lugares e das pessoas que formam o objeto de pesquisa. Por isso, uma atitude reflexiva no campo incluirá tanto o pesquisador quanto seus semelhantes, não apenas os outros. Os pixadores possuem o conhecimento de um e de vários acontecimentos anteriores, de todo fluxo de cotidianos dos lugares que frequentaram e onde os acontecimentos se produzem e se mostram como perspectiva-chave. Às vezes, o meio de tornar o acontecimento compreensível é torná-lo conceito – “o conceito de onze de setembro”, por exemplo (AGIER, 2015). Dessa forma, tornar os *bailes funks*, os seus espaços de sociabilidade e suas categorias enquanto conceitos a serem pensados e trabalhados, ilumina a compreensão para aqueles que estão inseridos nesses espaços e para os que não estão.

Ora, entre pessoas igualmente afetadas por estarem ocupando tais lugares, acontecem coisas às quais jamais é dado a um etnógrafo assistir, fala-se de coisas que os etnógrafos não falam, ou então as pessoas se calam, mas trata-se também de comunicação. Experimentando as intensidades ligadas a tal lugar, descobre-se, aliás, que cada um apresenta uma espécie particular de objetividade: ali só pode acontecer uma certa ordem de eventos, não se pode ser afetado senão de um certo modo (FAVRET-SAADA, 2005, p. 160).

Nessa mesma linha de entendimento, a ideia trazida por Favret-Saada (2005), no texto “Ser afetado”, parte de uma concepção de afetar-se da mesma forma que afetamos nosso campo de estudo. Nesse sentido, o que está implicado é a relação que o antropólogo estabelece em se deixar atingir por uma compreensão de mundo diferente da dele. Ainda segundo a autora, o que quero pontuar é que o trabalho de campo implica aprender diferentes formas de significações ao “conceder estatuto epistemológico a essas situações de comunicação involuntária e não intencional” (FAVRET-SAADA, 2005, p. 160).

Para Clifford (1998), observação participante de forma sistêmica – experimentação e interação com o cotidiano do grupo estudado – serve como uma interlocução entre o interior e o exterior dos acontecimentos, percebendo os contextos de forma mais ampla, saindo do micro à dimensão macro. Conforme os vínculos e a confiança se fortalecem, a pesquisa com a proposta de um olhar “de dentro” (MAGNANI, 2012) capta conceitos de experiência próximos e nela torna-se possível estabelecer conexões com experiências-distantes (GEERTZ, 2012). A proposta deste “estreitamento das relações” com a participação nas suas práticas de sociabilidade, me permitiu identificar, compreender e interpretar as possíveis categorias (MALIGHETTI, 2004). Sobretudo, as descrições de categorias tal como elas são trazidas pelos interlocutores, segundo Becker (2007), são utilizadas para evitar pensamentos convencionais, pois “um obstáculo significativo para a descrição e a análise adequadas aos fenômenos sociais é que pensamos já conhecer a maior parte das respostas” (BECKER, 2007, p. 115).

Após esse período de idas a campo, que se estenderam de 2015 à metade de 2016, iniciei o momento da escrita etnográfica com a descrição das categorias e categorização dos espaços. Para Wolf (2003), isso não se restringe à descrição dos fenômenos observados, nem só a interpretações e deduções, e sim na elaboração de uma explicação, a partir da comparação e formulação de conceitos. Pais (2003, p. 18) ressalta a importância de “explorar as relações dialéticas entre a microanálise e a macroanálise no estudo articulado de comportamentos e estruturas sociais”. Nesse sentido, a metodologia utilizada durante a construção dos dados tem como base a concepção trazida por Geertz (1998, p. 89), na qual o

etnógrafo não percebe – não é capaz de perceber – aquilo que seus informantes percebem. O que ele percebe, com insegurança, é o “com que”, ou “por meio de que”, ou “através de que” os outros percebem. A partir dessa concepção trazida, atrelada às percepções, aos sentimentos e aos relatos transcritos no diário de campo, articulados às conversas informais, fotografias e outras experiências etnográficas sobre o tema, percebi as implicações das categorias trazidas, a fim de apreender e compreender sobre as diversas facetas de perceber e circular nos espaços.

Desse modo, as formas de interação e de circulação são pensadas a partir das dinâmicas estabelecidas entre pixadores e os grupos de *galeras*, juntamente com o papel das *siglas* que desempenham uma importante função nesse campo de atuação, na tentativa de nos fazer compreender como são trazidas as suas próprias formas de mobilidade e sociabilidade. O papel das periferias e o resgate da *cultura de rua* representam, nos seus compartilhamentos comuns, o fortalecimento das identidades individuais e coletivas por meio das categorias trazidas como *quebrada* e *ré*. Assim como também nos ajudam a pensar sobre as formas de *zoneamentos urbanos* e processos de *estigmatização* das culturas juvenis oriundas das periferias.

Sobretudo, é importante entender de onde estamos partindo: qual o tipo de pixação que estamos nos referindo, qual objeto de pesquisa que estamos trabalhando e como estes são vistos por aqueles que estão “de fora” desses espaços. O esclarecimento destas possíveis dúvidas é o foco do capítulo seguinte, na busca de ajudar o leitor a delimitar e entender melhor as discussões que serão trazidas mais adiante.

3 OS DEDOS SUJOS DA CIDADE

Somos artistas, alpinistas, donos da madrugada
 Elemento suspeito de mochila e roupa larga
 Tô nas janelas e placas, beiral, esteiras, sacadas
 Portão, caixa de luz, esquinas e encruzilhadas.
 (“Atack Noturno”, ADL MC’s).

Entre pontes, mangues, favelas e praias, Recife é abraçada por traçados e escritos que percorrem das grandes avenidas aos pequenos becos nas periferias da cidade. Os escritos sincronizados, ou não, se articulam no emaranhado de letras e palavras que preenchem os muros, procurando novos espaços, sempre em busca de uma nova *tela*²⁰ em branco. Os pixadores percebem a cidade como uma grande tela a céu aberto. Dessa forma, observar a paisagem recifense e não se deparar com as numerosas pixações é praticamente impossível, e, apesar das pixações também estarem presentes nos lugares onde o número de pessoas que circulam é menor, são nos espaços de grande fluxo que elas aparecem em maior número.

A busca por esses espaços de grande fluxo, em busca de uma nova *tela*, se dá pela noção de *destaque* que os pixadores estabelecem ao procurarem o melhor local para gravarem seus nomes. Pensando nisso, vale ressaltar que uma expressão frequentemente dita entre os pixadores é a de “quem não é visto, não será lembrado” (PEREIRA, 2012) utilizada, pela maioria deles, para se referirem à busca por serem reconhecidos e lembrados entre seus pares. Isso repercute na procura por lugares de difícil acesso ou que dificilmente terão suas assinaturas apagadas. Ou seja, o objetivo é conseguir gravar seu nome no maior número de lugares e de maior *destaque*.

Constantemente alvos de críticas em estudos sobre juventude e violência, os pixadores são colocados em categorias que abordam desde a noção de vândalos e vandalismo a de jovens problemáticos que são portadores, por sua vez, de condutas desviantes (CEARÁ; DELGALARRONDO, 2008; SPINELLI, 2012; CRUZ; COSTA, 2008). A situação, agentes ou práticas consideradas desviantes passam a ser compreendidas sob um aspecto patológico, seguindo uma lógica moral que utiliza conceitos que respaldam desde uma patologia individual a uma patologia social. A compreensão do fenômeno a partir da argumentação sobre o que é certo ou errado, normal ou anormal, acaba não contribuindo cientificamente para compreensão desses sujeitos e no modo como percebem os espaços.

²⁰ É comum os pixadores se referirem aos muros riscados, ou não, como uma *tela*, enfatizando a sua relação com a arte. Os muros, prédios, pontes, e tudo que compõe a cidade, são vistos como uma grande *tela* a céu aberto, pronta para ser preenchida. Quanto mais pixações tiver e, principalmente, com a presença de assinaturas de pixadores conhecidos e respeitados neste *circuito*, mais valiosa essa *tela* se torna.

Sobre desvio, o antropólogo carioca Gilberto Velho (2013, p. 41) coloca que “a ideia de desvio, de um modo ou de outro, implica a existência de um comportamento médio ou ideal, que expressaria uma harmonia com as exigências do funcionamento do sistema social”. Essa concepção tem sua essência estatística, definindo desvio como aquilo que varia com relação à compreensão de normalidade, seguindo uma lógica de comportamento saudável ou não. As concepções sociológicas definem o desvio como a infração de alguma regra, refletindo sobre quem infringe as regras e procurando fatores psicológicos e situacionais que poderiam explicar tais infrações (BECKER, 2008). Ou seja, a noção de desvio está relacionada às impressões que as pessoas têm frente a um determinado comportamento. Nesse sentido, partindo das reflexões do autor, penso que seja mais produtivo articular a discussão sobre a prática da pixação dentro de uma perspectiva da *divergência* (VELHO, 2013), da não conformação com a regra e com o linear, e não com a de *desviante*, termo que traz consigo avaliações de natureza moral que prenderiam a discussão na medida em que afirmariam a prerrogativa contratual, em princípio arbitrária, do que é definido como norma.

Por sua vez, nos estudos sobre a cidade e seus modos de habitá-la, principalmente nos estudos antropológicos, a pixação é considerada como uma das muitas formas de comunicação e expressão (PEREIRA, 2012; CARVALHO, 2013; SOUZA, 2007). Essa forma de comunicação é inteligível para aqueles que não estão dentro desse *circuito*, para aqueles que não sabem, e não conseguem, “ler os muros” (PEREIRA, 2005), caracterizando-se principalmente por sua complexidade de compreensão tipográfica. A intenção dos pixadores não é, a princípio, de se comunicar diretamente com os outros grupos e sujeitos que circulam na cidade; mesmo que indiretamente se comuniquem, o que realmente almejam é a comunicação entre si, ou seja, a comunicação entre pares. Esse *circuito* restrito a esses pares acaba por tornar os desdobramentos dos estudos nessa temática, muitas vezes, também incompreensíveis. Seja por protesto (MOURA, 2014), por um flerte com a delinquência juvenil (SOUZA, 2007), ou simplesmente como uma forma de lazer (PEREIRA, 2005), a validação da nossa pesquisa científica, e sobre o que está sendo feito com ela, passa a ser questionada.

E é nessa dificuldade de compreensão sobre o que está sendo escrito, e qual a intenção dessas inscrições, que os pixadores acabam por atrair opiniões negativas para si. As intervenções que fazem e espalham por onde passam, por meio de seus pseudônimos, causam repulsa e indignação por quem tem a sua casa e moradia como alvo. Mas, para outros, os traçados das letras e as ações feitas nos topos dos prédios passam a ser sinônimo de curiosidade. Durante um *trajeto* qualquer do centro da cidade para a minha casa, por exemplo,

como era de costume em minha rotina diária, escutei duas senhoras sentadas a minha frente no ônibus, que aparentavam ter na faixa dos cinquenta anos de idade. Elas admiravam uma sequência de pixações que preenchiam um imenso paredão em uma das avenidas principais da cidade, a Avenida Caxangá, localizada na zona oeste: *“Como é que eles conseguiram subir até ai?”*, questionava, curiosa, uma das senhoras. *“E ainda mais conseguir fazer essas letras tão retinhas, parece até que colocaram uma régua embaixo!”*, indagava a outra senhora, que admirava a simetria das letras que, mesmo espaçadas, seguem uma mesma ordem de espaçamento e tamanho. Os diálogos seguiram por cerca de dez minutos na tentativa de descobrirem como os atores daquelas inscrições conseguiram subir e circunscrever seus nomes naquela imensa parede em um lugar, aparentemente, inacessível.

Contudo, embora exista a curiosidade, só presenciei esse tipo de reação uma única vez – nesse evento isolado e citado acima. Curiosidade sem retaliação é uma abordagem que quase não aparecia quando informava nos variados espaços de discussão acadêmica, em áreas distintas, sobre qual estava sendo o meu objeto de estudo. Logo, o discurso moral, que seguia a lógica do que era certo e errado, aparecia nas falas dos sujeitos que se referiam à noção de propriedade: *“mas o que dá direito a alguém vir pixar na minha casa?”*; ou questionavam, a partir da noção de arte: *“mas isso não é arte, graffiti é arte. Ninguém entende nada do que está escrito ali”*. Essas argumentações eram utilizadas para deslegitimar a ação praticada por esses jovens.

Nunca tive, durante o mestrado, e continuo não tendo, o intuito de fazer uma espécie de apologia à pixação, no sentido de dizer o que seria certo ou errado, rebatendo apenas dentro das perspectivas dos meus interlocutores. Acredito que cientificamente esse viés não viria a contribuir para a compreensão do fenômeno, pensando na complexidade das suas implicações sociais e culturais. O que sempre pretendi realizar, ao pesquisar e expor minhas análises em rodas de conversas com conhecidos e desconhecidos, grupos de amigos e apresentações de trabalhos, foi o quanto que a dinâmica da pixação na cidade do Recife denuncia a forma como os espaços urbanos estão sempre sendo zoneados – como iniciei a discussão no capítulo anterior. Em seus modos próprios de perceber e circular pela cidade, os pixadores expõem como Recife está dividida em territórios, e como essa divisão, que nos passa despercebida no cotidiano, traz consequências para o nosso próprio modo de fazer nossos *trajetos*.

É inquestionável que a ilegalidade tende a incentivar o pixador a ter uma relação diferenciada com o poder público, o que acaba fortalecendo o caráter subversivo da prática, estabelecendo uma tensão entre indivíduo e Estado, e colocando-a em um caráter de atividade

noturna, como forma também de proteção, para os sujeitos que atuam. Considerando que o uso da cidade durante a noite é reservado, muitas vezes, para práticas de caráter ilícito dentro de uma perspectiva de regulamentação jurídica e estatal, o indivíduo que pratica o *pixo* é visto como mais um invasor furtivo com o objetivo de marcar e denegrir a propriedade alheia (SPINELLI, 2012), o que muitas vezes acaba por implicar em um confronto perigoso entre os agentes de segurança pública e privada, os próprios moradores e os pixadores. Nesses confrontos, a vida de ambos os sujeitos é colocada em jogo. Os relatos de pixadores, por exemplo, que morreram ou ficaram gravemente feridos são comuns.

Na tentativa de se defender das retaliações da polícia, das pixações que a gente faz nos prédios que ficam aqui na área nobre da cidade, criamos a comunicação da nossa sigla através de numeração. Foi a mesma estratégia que o PCC criou durante um tempo. A gente achou interessante e foi uma saída, porque quando a gente botava a sigla eles já sabiam de que favela a gente era, e a retaliação já vinha direto para cá (Conversa informal, fevereiro de 2015).

Pixação não é brincadeira. No começo ela pode até ser, mas depois que você vai pixar e leva o primeiro baculejo, você passa a enxergar a realidade. O baculejo é até o de menos. Louco mesmo é quando aparece um vigilante, esses de segurança privada, que já chegam atirando. E tem também casos de morador atirar na gente. Nas abordagens policiais, a gente sofre bastante esculacho, que vai de banho de tinta a até apanhar, levar um sacode. O negócio é rezar para não ser pego, mas quando for pego já levarem para assinar o TCO. O TCO²¹ é de menos (Conversa informal, janeiro de 2016).

Dessa forma, na tentativa de reduzir os riscos e de se submeterem as retaliações abusivas, são criadas estratégias próprias de proteção, como: preferir sair em casal, não sair em grupos numerosos, ir de fardas de trabalho e, por vezes, procurar lugares mais iluminados e visíveis. São por causa, exatamente, das tensões estabelecidas com o poder público que essas estratégias são pensadas e recriadas cotidianamente por esses atores.

Durante a revisão dos dados que foram colhidos e no período de escrita deste capítulo, quarta-feira, do dia 3 de maio de 2017, me deparei com uma entrevista dada por João Dória, prefeito da cidade de São Paulo, no programa do Ratinho. Nela o prefeito afirma com louvor ter conseguido prender mais de cem pixadores durante a sua gestão, iniciada neste mesmo ano. Segundo ele, durante a gestão passada, a do ex-prefeito da cidade de São Paulo, Fernando Haddad, menos de dez pixadores foram apreendidos. Por isso, teria lançado a

²¹ O Termo Circunstancial de Ocorrência (TCO) é um registro de infração considerada como de menor potencial ofensivo que tem a pena máxima cominada em até 02 (dois) anos de cerceamento de liberdade ou multa.

operação “Cidade Limpa”, na qual o Dória, atual prefeito, pretendia enquadrar os pixadores nos processos de ação penal e criminal.

Com isso, João Dória reascendeu uma guerra que estava aparentemente adormecida na sua cidade²²; a cidade de São Paulo, conhecida como *cidade cinza*, fomentou uma de suas principais campanhas, nessa guerra contra os pixadores, que teve como principal campanha a proposta de transformar esses sujeitos em grafiteiros, apagando todas as marcas da cidade com o intuito de criar uma “grafitódromo” inspirado em um bairro de Miami. Nessa proposta ostensiva de repressão, uma campanha virtual se iniciou contra a atitude do prefeito, ocasionando diversas críticas que questionavam e iniciavam um debate sobre a noção de arte. Por sua vez, os pixadores eram apoiados pelos grafiteiros que também tinham seus trabalhos apagados, e os grafiteiros seguiam com um apoio maior da população²³. Muito embora o fato tenha acontecido neste mesmo ano, a retaliação contra a prática da pixação e os conflitos com o Estado não são recentes nem circunscritos a governos específicos.

Essas propostas são pautadas em pressupostos higienistas, os quais estipulam noções de limpeza e sujeira que tentam a todo custo estabelecer “a ordem ideal da sociedade” (DOUGLAS, 2012, p. 13) através de ameaças aos seus transgressores. Desse modo, podemos pensar que a ideia de poluição se articula à vida social na tentativa de manter a ordem social ideal. A sujeira, como coloca Douglas (2012), ofende a ordem, tornando-se comum observamos estratégias retaliativas que colocam esses sujeitos – que espalham sujeira, poluição e desordem – em uma perspectiva de medo e terror como linguagem de advertência mútua.

Sobretudo no espaço geográfico que esta pesquisa foi realizada, o número de pixações na cidade do Recife tem crescido e estampado capas e páginas de jornais que buscam soluções e punições mais severas para quem comete a ação²⁴. Não muito distante do estado de Pernambuco e com o mesmo intuito de limpar a cidade, tal como propôs Dória, no final do mês de agosto de 2010, a polícia de Minas Gerais passou a prender pixadores por formação de

²² Esse processo de implementação do projeto “Cidade Linda” criado no governo Dória, em 2017, pode ser lido também em matérias publicadas na Folha, como: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/01/1850437-campanha-de-doria-contra-pichacao-reacende-guerra-do-spray-em-sp.shtml> e <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/01/1852962-doria-planeja-criar-lei-para-multar-pichadores-na-cidade-de-sao-paulo.shtml>

²³ A repercussão da proibição dos grafites e pixações, também ganharam destaques em diversos veículos de comunicação digital, tais como: <http://www.conjur.com.br/2017-fev-14/juiz-aula-arte-joao-doria-proibi-lo-apagar-grafites> e http://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/24/politica/1485280199_418307.html

²⁴ Matéria realizada sobre as pixações no centro do Recife, em agosto de 2015, no Pátio de São Pedro. Disponível em: <http://m.jc.ne10.uol.com.br/canal/cidades/geral/noticia/2015/08/07/casario-do-patio-de-sao-pedro-e-pichado-por-vandalos-193361.php>. Matéria sobre as pixações no Conselho Estadual de Cultura. Disponível em: <http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cidades/geral/noticia/2015/03/31/pichadores-depredam-fachada-do-conselho-estadual-de-cultura-174771.php>.

quadrilha com o mesmo discurso de “limpeza da cidade”, para então poder prepará-la para a copa do mundo que seria sediada no Brasil em 2014²⁵. Em 2012, a história se repete, e a tentativa de acabar com as pixações se intensifica em enquadramentos por formação de quadrilha em Porto Alegre²⁶, que parte do mesmo pressuposto, supondo que uma punição mais rigorosa conseguiria limpar os pixadores da cidade.

Figura 1 - Projeto “Cidade Linda”, São Paulo



Fonte: Revista *Carta capital*, 2017. Disponível em: < <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/na-repressao-de-doria-contra-arte-de-rua-alvo-e-a-juventude-periferica> > . Acesso em: 30/01/2017.

Os confrontos jurídicos também se baseiam na associação desses atores às gangues e quadrilhas, através de uma análise interpretativa que a polícia tem sobre a utilização das *siglas* no contexto da pixação, comparando seu uso como semelhante ao de organizações consideradas criminosas, como o PCC (Primeiro Comando da Capital) e o CV (Comando Vermelho). Essa associação fica bastante clara quando os discursos sobre grupos de pixadores estão articulados a suas concepções sobre facções. Contudo, vale ressaltar que, embora as *siglas* que os pixadores utilizem em Recife também sejam utilizadas nas demarcações territoriais entre brigas de tráfico local, os sujeitos partem de perspectivas diferentes.

²⁵Matéria contextualizando a ação da polícia no estado de Minas Gerai, disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/788339-policia-de-minas-prende-pichadores-por-formacao-de-quadrilha.shtml>.

²⁶A mesma ação e abordagem policial se repetem em outros estados, semelhantes ao posicionamento estatal do estado de Minas Gerais, como podemos observar nesta reportagem sobre Porto Alegre: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2012/01/policia-civil-da-capital-comeca-a-enquadrar-pichadores-por-formacao-de-quadrilha-3625133.html>.

As *siglas* utilizadas pelos pixadores, em sua maioria, levam consigo o nome de seus bairros, como foi colocado anteriormente, essas *siglas* também são utilizadas nas brigas de *galeras* e em disputas territoriais de tráficos na região. Uma grande hipótese dessa relação de uso comum entre esses grupos pode se referir ao fato dessas mesmas *siglas* direcionarem o sujeito ao bairro e ao território os quais o grupo pertence. Entretanto, apesar dos pixadores circularem nesses múltiplos espaços, onde podem acontecer as disputas de tráfico, não significa dizer que existe uma relação de envolvimento entre eles, exceto quando falamos das brigas de *galeras*.

A pixação nasceu das periferias, assim como as galeras e outras coisas que também incluem a briga de tráfico. A gente passa por esses espaços, porque nascemos aqui na periferia. Todo mundo se conhece e viveu coisas parecidas. Mas a pixação não tem nada a ver com essas coisas. Existe pixador envolvido, assim como tem empresário envolvido. A diferença é que nós somos os alvos, porque estamos mais expostos, e também a gente expõe (Conversa informal, fevereiro de 2015).

Como pode ser observado na fala acima, é a possibilidade de existir uma relação de respeito, amizade e trocas de experiência comuns que aproximam esses atores, considerando que ambos estão envolvidos em uma dinâmica que se articula nas periferias na cidade, possuem hábitos noturnos e partilham de histórias de vida semelhantes. Existindo também uma interrelação nesses grupos que, conseqüentemente, acaba influenciado nas suas próprias dinâmicas, trazendo conseqüências para o próprio modo que circulam pelos espaços e se relacionam entre si. Dessa forma, pensando nesses lugares comuns que ambos partilham, todos afetam e são afetados, mas nem todos estão envolvidos nas dinâmicas que se referem ao outro grupo.

Essa interface e interrelação acontecem porque percebemos, durante o processo de pesquisa em áreas urbanas, que os grupos que se formam na/da cidade não estão isolados. Existe uma dimensão de troca, na qual percebe-se que um indivíduo pertence e circula por vários desses grupos. Um pixador, além de ser pixador, se reconhece e se percebe em diversos outros espaços – skatista, *funkeiro*, grafiteiro, etc. Essas identificações com diversos outros grupos, mais especificamente com outras culturas juvenis (PEREIRA, 2005), acontecem devido à compreensão da cidade como um espaço de múltiplas relações e partilhas comuns entre os atores (SILVA, 2015). A pixação como *cultura de rua*, oriunda das periferias da cidade, revela as tentações, marginalizações, disputas e reivindicações dos cidadãos que a habitam. Em defesa das suas ações, é bastante comum os pixadores referenciarem sua prática

a uma noção de *cultura de rua*. Seja pela busca de uma legitimação das suas formas de intervir nos espaços ou pela defesa de não querer ser inserido dentro das normatizações estatais. Uma ambiguidade que se remete ao fato de relacionarem sua noção de *cultura de rua* a algo oposto a uma lógica regida pelo “sistema”, como eles mesmos afirmam.

Para facilitar a compreensão do objeto de estudo abordado nesta dissertação, dividi esse capítulo em três tópicos. No primeiro momento, trago as características da pixação em Recife com o intuito de aproximar o leitor à temática. No segundo tópico, resalto a importância de aproximar, ou distanciar, o graffiti da pixação – considerando que existe uma dúvida significativa sobre o que seriam cada um deles, implicando diretamente no entendimento da temática. E, por último, considero importante trazer quem são esses interlocutores que me fizeram compreender sobre a temática e as implicações desses sujeitos que se percebem e se inserem no movimento da pixação na cidade.

3.1 A pixação em Recife

As ruas de Recife se caracterizam como um grande letreiro a céu aberto com assinaturas de sujeitos anônimos que parecem disputar espaços entre si. Em um grande espetáculo estético, dos mais variados tipos e formas de escrita, para cada autor que o faz existe um aglomerado de abreviações, que são chamadas por eles de *siglas* ou *comandos*, com a função de mostrar o lugar e/ou o grupo ao qual o sujeito pertence. Essa comunicação, aparentemente silenciosa, estabelecida entre pares, surge como uma *arte transgressora* que busca ganhar respeito e reconhecimento através de suas variações estéticas e tipográficas elaboradas no processo de construção do próprio indivíduo dentro desse *circuito* (MAGNANI, 2012) e na criação da sua própria marca. Esse modo de circulação, estabelecido por pessoas de um determinado grupo, com práticas comuns, que marcam encontros em espaços regulares com os mesmos propósitos de encontros, é compreendido, dentro da categoria de *circuito*, trazida por Magnani (2012), ou seja, é uma categoria que utiliza o uso dos espaços e equipamentos urbanos como forma de sociabilidade.

A cidade, desse modo, surge como um suporte para os diálogos políticos, existenciais e territoriais desses indivíduos, que utilizam esses espaços para dizer de onde vêm e a quem se reportam. Esses diálogos travados nos muros, incompreensíveis para nós, são responsáveis por muitos barulhos nos grupos de WhatsApp, *points* na cidade e páginas no Facebook. Por

isso, retifico o que falei anteriormente de se tratar de um modo de comunicação aparentemente silencioso. Os *salves*, para a zona sul, zona norte e zona oeste, escritos ao lado dos nomes e das diversas *siglas*, mostram a localização geográfica que o sujeito pode residir ou demonstra afinidade, se afunilando para as identificações e demarcações destinadas aos bairros, que, por sua vez, formam essas *siglas*. Em sua grande maioria, essas abreviações, que aqui começamos a trabalhar como *siglas*, dentre as várias possibilidades de referências que podemos tratar e falar sobre elas, levam em sua nomenclatura o nome dos seus respectivos bairros.

Para ficar claro ao leitor, as pixações no Recife se caracterizam por possuir dois elementos principais. O primeiro se constitui das *galeras* ou do *comando*, referentes ao grupo que o pixador pertence, representa e defende. Geralmente estão localizadas ao lado de seu nome com a sigla da sua *galera* de origem e aquelas nas quais estabelece aliança, amizade e reconhecimento. “*Dar um alô*” ou “*um salve*” para as siglas dessas demais *galeras* é sinônimo de respeito. Essas *galeras*, ou os *comandos*, são escritos sempre através de siglas, que consistem em abreviações dos nomes de seus grupos, que, por sua vez, estão diretamente relacionadas aos seus bairros de origem. Os pixadores se identificam através delas e comunicam-se falando sempre por elas. A segunda característica, mas não menos importante, refere-se a pixação, pixo, marca, ou *vulgo*, que geralmente são pseudônimos utilizados para resguardá-los de uma possível identificação feita por aqueles que não estão inseridos nesse *circuito*. Dessa forma, as pixações se caracterizam em sua forma estética pelo destaque que se dá ao pixo para depois vir às referências particulares das *siglas* e, posteriormente, as gerais – as siglas que possuem alianças. Dando o destaque principal ao seu nome e a sua sigla, o pixador pode colocar logo após o *salve* a aqueles que estiveram na ação e as siglas daqueles com quem possui redes de troca e aliança.

Esses grupos definidos por territórios socioespaciais são carregados de sentimentos e possibilidades de relações. Pertencer a uma *galera* é levar consigo a representação de uma sigla onde quer que esteja ou deseje ir. Em uma “*família grande e complicada*”, como eles mesmos se referem aos seus grupos, acabam por construir uma rede de relações que não se limita apenas aos espaços que tangem a sua cidade. Se conectam e se articulam em diversas possibilidades de construção de vínculos com outros espaços, além daqueles que já se tornaram habituais, como os seus próprios bairros. O que muitas vezes se inicia como forma de *galera*, em busca de “*fama*” e “*respeito na favela*”, passa a ser compartilhado de uma forma mais intensa, dividindo histórias, projetos de vida e percepções de si. Em todo

momento os pixadores se tratam pelos seus pseudônimos, sem necessariamente terem que saber o nome e o sobrenome de seus pares. É através da sua própria marca, de seu pixo, que eles constroem a visibilidade necessária para circular nesses espaços de modo fluído e contínuo.

Com a pixação eu fiz muitos amigos, não foram só inimigos. Inimigos a gente cria em qualquer lugar, não precisa nem ser pixador. Mas foi graças a pixação que conheci gente de vários estados, viajei e curti várias festas. Rio de Janeiro, João Pessoa, Fortaleza, vários lugares. A pixação é muito maior, porque é um movimento. Apesar das diferenças, somos um movimento (Conversa Informal, janeiro de 2016)²⁷.

Figura 2 - Pixação em Recife



Fonte: acervo pessoal RDP²⁸, dezembro de 2015.

No que se refere à estética e ao modo como essas informações se articulam, não existe um padrão que condicione o indivíduo a repercutir uma única forma de apresentação. Cada pixador encontra seu próprio modo de inserir sua arte na parede. Aliás, é a particularidade que

²⁷ Como mencionei no capítulo anterior, alguns interlocutores optaram por não se identificar. Portanto, os registros que não aparecem com nomes ou pseudônimos, tanto se referem a estes interlocutores como àquelas conversas em que estabeleci com mais de uma pessoa falando ao mesmo tempo – nos grupos e rodas de conversa com vários pixadores.

²⁸ Foto compartilhada no grupo de troca, em rede sociais, da RDP (Relíquias da Pixação). Como citei anteriormente, minha coleta de dados também contou com a contribuição dos meus interlocutores nesses espaços. Além dos *points* e festas, transitei por eles – grupos no Facebook e WhatsApp. É comum compartilharem fotos e vídeos nestas mídias sociais e, quase sempre, são veiculadas pelos próprios pixadores. Compartilhavam para lembrar, para mostrar e demonstrar respeito. Assim como eles, também passei a compartilhar as fotos que tirava na rua e utilizava suas fotos, tiradas por eles, em uma relação de troca e respeito.

irá fazer toda a diferença nessas disputas por espaço, que são, de certa forma, uma disputa por *destaque* e *visibilidade*. No processo de elaboração de sua marca, ou de seu pixo, a estética da letra é minuciosamente valorizada, assim como também a capacidade de criatividade. Letras “*emboladas*”, com personagem, *tag reto*, etc. Vários modos de criar e recriar. A importância na elaboração de sua assinatura, na construção do pixador, representará sua autenticidade e originalidade, qualidades fortemente levadas em conta na atribuição do respeito entre seus pares (MOURA, 2014).

Nos diálogos que seguiam durante as rodas de conversa que participei e construí, as *folhinhas* e os *caderninhos* estavam sempre presentes – falaremos mais sobre eles no próximo capítulo, pensando as relações que são estabelecidas e quais os sentidos que são atribuídos diante destas trocas. Esse era um momento em que as assinaturas eram compartilhadas em um mesmo papel ou caderno, visto como uma boa possibilidade para conhecer alguém que se admire ou, principalmente, para se apresentar àqueles que ainda não te conhecem, mostrando a eles a sua marca.

Percebi que esse processo de criação requer, muitas vezes, um esforço de pesquisa, no qual se busca tornar sempre a sua marca como única e original, com o propósito de fortalecer a sua própria identidade visual. Se falarmos que a pixação é uma atividade que tem como um dos propósitos a busca por *destaque*, mesmo que entre seus pares, afirma-se que ela é uma atividade que se apega ao processo de criação pautado no reconhecimento visual do artista, percebendo que o pixador busca intensamente construir a sua identidade visual para depois se inserir com segurança nesses espaços, colocando seu nome nas folhinhas e caderninhos. Demonstrando também como a valorização estética e criativa da letra é levada em consideração quando explicam sobre o processo de criação da sua assinatura, levando os diálogos à seguinte reflexão:

O Menor tem um tipo de letra diferente, que todo muito conhece e sabe que já é criação dele. Ele misturou letras do alfabeto árabe com a pixação. Isso é massa! Tipo... nenhum pixador faz isso aqui, só ele. E ele passa horas pintando telas, rabiscando folhas. É um estudo mesmo, tá ligado? O cara pesquisou alfabeto, pesquisou letras de pixo, é muito louco isso (Conversa informal com Stilo, março de 2015).

A importância da criação de uma assinatura envolve tanto uma expressão íntima e subjetiva de si mesmo quanto o desenvolvimento de habilidades manuais e técnicas tipográficas (MOURA, 2014). A estética, para eles, é essencialmente a marca do pixador, exigindo um grande potencial criativo para conseguir criar um modo peculiar de escrita que seja reconhecida visualmente como sua. Elaborar sua própria marca, nesse sentido, tem o

intuito de conseguir fazer com que reconheçam seu nome pelo simples fato de olharem os seus traços, mesmo que de longe. Afinal, em uma batalha de letras que se consolidam nos muros da cidade, é preciso ter *destaque* em meio a tantos outros nomes que ali também disputam um espaço.

A *visibilidade* e o *destaque*, termos repetidos diversas vezes durante os diálogos nas rodas de conversa e em grupos nas redes sociais, são adquiridos durante esse processo de criação, no qual o indivíduo se esforça para que sua marca – ou seja, a sua identidade – seja inédita diante das demais que estão espalhadas pela cidade. Considero, portanto, que a pixação é uma manifestação que se articula pela lógica do ver e ser visto. Ao mesmo tempo, produzindo suas representações individuais e grupais, através dos seus pixos e *tags*, e estabelecendo relações com os demais indivíduos e grupos que compartilham da mesma prática (MOURA, 2014; 2016).

Como citado anteriormente, as implicações das *siglas* e das *galeras*, no universo da pixação em Recife, são de extrema relevância para se compreender como funciona a dinâmica que os pixadores estabelecem com a cidade, pois além de se situarem e se comunicarem entre seus pares através desses indicadores de grupos e bairros pertencentes – Anarquista Detonadores do Pina (ADP), Organização dos Pixadores da Torre (OPT) e Pixadores Do Curado (PDC), por exemplo –, são através delas que irão ser estabelecidas as alianças e os possíveis desafetos, ou seja, existem bairros rivais e bairros que estabelecem união. É importante enfatizar que, quando me refiro aos bairros, estou me referindo a aqueles que se localizam na periferia da cidade. Pois, assim como nos estudos de Pereira (2005, p. 83), “a pixação é uma atividade exercida predominantemente por jovens oriundos de bairros pobres periferia”.

Em um consenso comum entre os interlocutores e todos aqueles que contribuíram para esta pesquisa, foi no início dos anos 80 que a prática da pixação se proliferou na cidade. Além disso, trabalhos como o de Moura (2014; 2016), possibilitam iluminar sobre a existência dessa prática e esse início do movimento na cidade. Trazida pelos gêmeos Cano e Wel, a propagação inicial da prática adotou as características estéticas das *tags* cariocas, até que tomasse as formas marcantes próprias da cidade de Recife – a exemplo das letras “*emboladas*” citadas anteriormente. Nesse período, a forma de representação por grupos de *galeras* se disseminou. A primeira *sigla*, criada pelos próprios gêmeos, a VC (Vândalos da Caxangá), fazia referência à área da cidade na qual residiam. No início desse processo, entre os anos 1990 e 2000, as rivalidades entre esses grupos tomaram grandes proporções nas disputas espaciais entre si (MOURA, 2014; 2016). Nesse mesmo período, existiam os *bailes*

funks de corredor, que serviam como espaço para *combater* as *galeras* que eram consideradas rivais a cada grupo. Esses espaços passaram a ser *points* de encontro entre pixadores, assim como também se tornaram um espaço de sociabilidade e lazer entre eles. Durante esta pesquisa, constatou-se a inexistência desses *bailes de corredor*, que se encerraram nos anos 2000, mas existe a tentativa de retomar os *bailes funks* com uma proposta diferente da que se tinha nos espaços constituídos por corredores e divisões entre *galeras*²⁹.

Retratando um pouco sobre essas tensões existentes entre as *galeras* e bairros rivais, pois são nelas que se fundamentam toda a discussão sobre territorialidade e processo de identidade, trago, neste capítulo, o trecho de um *funk* cantado e composto por um pixador do bairro de Santo Amaro, conhecido como Mc Taz SA. A música, intitulada como o “Abc da SA”, relata o estabelecimento de aliança e desafetos com outros bairros e regiões. Na estrofe da música, o Mc diz:

Se bater de frente, meu amigo eu só lamento. Santo Amaro e o Arruda promete ser violento. Santo Amaro e o Arruda, o bonde quebrar quebrou, mas se tu bater de frente cuidado com os pixador. Os pixador da Zona Norte pixa mais que a Zona Sul, e quem não gostou vai...³⁰ (TAZ SA, 2009).

O bairro do Arruda, localizado na zona norte da cidade, tem união com os pixadores de Santo Amaro e possivelmente também possui desavenças territoriais com os outros bairros onde a *galera* que compõe a SA (Santo Amaro) também não “cola”, ou seja, não possui aliança. Os registros dessas desavenças estão fixados em músicas como essa, compostas sobre batidas fortes do *funk proibidão*, que contam desde as histórias relacionadas à pixação até as disputas territoriais entre os bairros, suas *galeras* e demarcações espaciais das tensões relacionadas ao tráfico.

Em março do ano de 2015, estive na casa de um ex-pixador conhecido na região. Durante essa visita, com o intuito de *trocar uma ideia* e escutar a perspectiva de alguém que não está mais envolvido nas questões atuais da pixação, conversamos um pouco sobre a trajetória do movimento na cidade. Ele relatava que os *bailes funks* de corredor, conhecidos pelas famosas brigas entre essas *galeras*, repercutiam diretamente nas *tretas* entre pixadores, fazendo parte da história do movimento na cidade, por mais que atualmente tenham tentado se afastar destas comparações, consideradas por muitos como uma lembrança negativa.

²⁹ Falaremos melhor sobre os *bailes funks de corredor* e suas repercussões, assim como também esta proposta de um novo formato, nos Capítulos 3 e 4.

³⁰ Música cantada pela *galera* de Santo Amaro no período dos *bailes funks de corredor*, que pode acessada também em: http://www.4shared.com/mp3/18OctDPt/Mc_Taz_-_ABC_de_SA.htm.

A pixação carrega esse preconceito devido às tretas que existiam de galera nos bailes funks. Muitas das tretas de pixação veio por conta desses bailes. As brigas de bairros, as desavenças, e por aí vai. Por isso, muita gente foi se afastando da pixação, muita gente não queria ficar mais nessa de ficar brigando por conta de bairro, e tem muito disso até hoje, por mais que a gente venha tentando trazer uma ideia política do movimento, tem gente que é muito novo e mistura as coisas (Conversa informal, março de 2015).

Assim como as demais práticas urbanas, existe uma espacialidade na ação desses indivíduos. Sobretudo, nos chama atenção a importância que atribuem a essa espacialidade na sua relação com a cidade. Suas *siglas* e *galeras* influenciam suas ações, repercutindo na sua noção de território e territorialidades. Admiram e se dedicam ao processo de criação de suas letras e pseudônimos. A pixação, vista apenas como rabiscos que poluem e denigrem o visual da cidade, não possui uma grande adesão de admiradores, se tornando o grande alvo de retaliações das políticas de intervenção governamentais – como as que foram citadas no início deste capítulo. Já o graffiti, que no início dos anos 70 também passou por esse período de rejeição, hoje consegue estar à frente de eventos e exposições, mesmo que ainda sejam poucos. Ambos, oriundos das periferias, tiveram sua origem na ilegalidade da prática. Hoje passam a se diferenciar tanto esteticamente quanto no próprio *circuito* e espaços que seus interlocutores participam. Essas aproximações e as suas diferenças serão trazidas no tópico seguinte.

3.2 Graffiti e pixação: encontros e desencontros

Nas abordagens trazidas pelos modos de produção midiáticos a intenção é sempre a de distanciar ambas as práticas. Embora as duas tenham nascido nas periferias das cidades, dos *guetos*, e utilizem do mesmo instrumento para realizar suas ações, o *spray*, tendo como suporte os espaços que compõem a cidade, são tratados de modo diferente pelos que estão “de fora” e pelo poder público. A pixação é vista como uma prática de vandalismo, e o graffiti tem o *status* de arte urbana nos museus e galerias da cidade, muito embora seja colocado como parte integrante do *circuito* da *cultura de rua* nesses espaços. Como falamos anteriormente, é comum fazer alusão à pixação como uma *cultura de rua*, referindo-se à prática como cultura periférica, que utiliza da apropriação do espaço urbano – principalmente a rua – com caráter transgressor, que tem como principal função a contestação dos modos de produção capitalistas.

Para os interlocutores que transitam por ambas as práticas, a identidade transgressora está presente nas duas: “*Elas nasceram nas favelas e são essencialmente rua*”, afirmavam Stilo e Menor, quando discutíamos sobre as possíveis diferenças entre uma e outra prática nas minhas primeiras idas a campo no bairro do Pina. Stilo e Menor são pixadores que circulam por esses dois espaços, do graffiti e da pixação. Para eles, essa afirmação surge quando pensam nas duas práticas como inclusas nessa categoria de *cultura de rua* e *arte urbana*. Por vezes, explicaram-me que o graffiti que vemos estampando galerias e espaços comerciais se diferenciam do graffiti constituído na rua. Desse modo, na fala da maioria dos sujeitos que me fizeram pensar sobre esta pesquisa, existe uma diferença do que seria um *graffiti comercial* e o *graffiti de rua*, ao mesmo tempo em que não fazem distinção entre o *graffiti de rua* e a pixação enquanto movimento político e cultural.

Se parar para pensar, a pixação é um termo típico do Brasil. Lá fora, tudo é graffiti. Se você for perguntar para eles o que é pixação, eles não vão saber responder. Porque tudo é graffiti. O graffiti surgiu neste mesmo movimento da pixação, veio das favelas e tinha essa ideia no início de brigas entre gangues em Nova York, por exemplo. A diferença que se dá, é do graffiti que é legal para aquele é ilegal, o comercial e do de rua (Conversa com Stilo, janeiro de 2015).

Essas diferentes formas de relativização e de se fazer pensar sobre ambas as práticas, me fizeram lembrar sobre o início desta pesquisa. Considerando as minhas vivências e histórias traçadas ao longo deste percurso até chegada da escrita deste texto, lembro-me que, em julho de 2012, já interessada pela temática no final da minha graduação em psicologia, perguntei a um grafiteiro, em Buenos Aires, na Argentina, como funcionava a pixação na cidade. Passei muito tempo tentando explicar sobre o que estava me referindo exatamente. Até que, andando pelas ruas, observei um conjunto de escritos parecidos com as pixações do Brasil, apontei e mostrei a ele: “*Ah, você está falando de graffiti!*”, respondeu-me assertivamente. Demorei um pouco para entender essa não distinção dos dois fenômenos. Logo após alguns minutos dialogando sobre o seu entendimento do que seria graffiti, chegou outro grafiteiro que estava expondo em um local próximo a nós e nos explicou sobre a existência desta distinção no Brasil. Na Argentina, assim como na França, eles não faziam essa distinção nos espaços nos quais ambos tinham circulado. Também tive conhecimento, por outros grafiteiros que estavam presentes no local acompanhando a discussão, que, nos Estados Unidos e nas demais regiões da Europa, não se têm conhecimento sobre essa distinção entre graffiti e pixação, mas todos concordam sobre as distinções que se referem ao

“graffiti ilegal” (*o graffiti de rua*) e o “graffiti legal” (*o graffiti comercial*). Esse outro grafiteiro, que era francês, já esteve em São Paulo, participando de alguns eventos, expondo suas obras, e foi durante essa estadia na cidade que teria conhecido alguns pixadores locais, que lhe explicaram sobre essas diferenciações tipográficas e práticas. Foi nesse ano, naquele momento, que essa outra possibilidade apareceu para mim: a possibilidade de não distinguir o graffiti enquanto prática urbana e *cultura de rua* do meu objeto de estudo³¹.

Embora tenha refletido diversas vezes, junto aos interlocutores, sobre a origem ilegal e periférica das práticas aqui citadas, os pixadores que participaram desta pesquisa reconhecem o termo como algo que define e os delimita e que existem especificidades que se diferenciam. Discutimos e percebemos a dicotomia existente entre ambos os termos, graffiti e pixação. Principalmente quando percebemos as diferenças dos espaços que seus atores circulam e seus perfis. De qualquer forma, no senso comum e de forma geral, percebe-se que a principal diferença entre elas está na ênfase que são atribuídas: a pixação enquanto prática escrita, e o graffiti enquanto elaboração de gravuras e desenhos. Enquanto uma privilegia a palavra e elaboração de letras, a outra se relaciona com o desenho e uso de cores (SOUZA, 2007).

Pela amplitude de discussões que já existem acerca do graffiti, não adentrei nessas dimensões conceituais e não estive com muitos grafiteiros nos percursos que decidi seguir e naqueles nos quais o próprio objeto de estudo me fazia seguir. Principalmente porque os espaços frequentados por seus atores, na cidade, eram diferentes, apesar de muitas vezes se encontrarem no *circuito* que compartilham como *cultura de rua*. Enquanto os grafiteiros circulavam pelas galerias, museus e espaços que, de certa forma, falavam sobre arte, os pixadores estavam pelos *bailes funks*, praças e festas mais fechadas destinadas apenas a pixadores. Isso não significa dizer que os grafiteiros não estão nas periferias. A diferenciação dos espaços, que aqui foram falados e percebidos, se refere aqueles nos quais estive e que se caracterizam pelas relações de sociabilidade e lazer. Contudo, dividi os mesmos espaços com eles, os grafiteiros, na minha trajetória de vida e em alguns momentos nos quais ambos os atores estavam presentes, como nos mutirões de graffiti e eventos de rap na região.

O que criam as aproximações e as diferenciações são os diferentes modos de identificação e de relação com a pixação, considerando que nos estudos de grupos urbanos o

³¹ *The Get Down*, mais um desses seriados americanos produzidos em 2017, narra o início do movimento Hip-Hop nos anos 70, na parte sul do Bronx. Um dos pilares do seriado, como parte integrante do início dessa época, é a trajetória de jovens grafiteiros. Nele observa-se a presença do surgimento do graffiti nos *guetos* americanos e das brigas territoriais existentes naquele período. É interessante observar, para quem tiver curiosidade em ver o seriado, a forma como é colocada a tradução para português brasileiro da palavra, que coloca, nas falas dos personagens, o termo *picho* quando dialogam sobre suas *tags* e graffiti. As trocas de folhinhas e caderninhos, a busca por visibilidade e a repressão estatal, também são temáticas observadas no enredo do seriado.

pertencimento a vários grupos é inevitável, exigindo do pesquisador atenção nessas múltiplas possibilidades de configurações (SILVA, 2015). As semelhanças entre os atores existem, como já falamos anteriormente, mas se diferenciam na forma como estes atores podem vir a perceber. Por exemplo, nos diferentes modos de ser pixador. O sujeito que é *grafiteiro-pixador* é diferente daquele se identifica como *pixador-grafiteiro*, e assim sucessivamente - essas categorias foram apreendidas no próprio campo, trazida nas conversas com o pixador e grafiteiro Stilo ADP ao se referir às diversas formas de ser pixador e aos modos como essas diferenças repercutem na própria prática.

Foi nesse almoço com Stilo que pude perceber a existência de dois tipos de pixadores, que caracterizo aqui nestas duas categorias: *adjetivo-pixador* e *pixador-adjetivo*. Essa distinção se daria por dois fatores principais: o *adjetivo-pixador* se identificava primeiro com outros grupos para depois vir a se pixador – como, por exemplo: participante de torcida organizada, grafiteiro, *galeroso*, traficante, etc.; e o segundo, *pixador-adjetivo* colocaria a pixação como motivação maior e identidade pessoal, para depois vir a se identificar com outras práticas. Talvez, com intuito de deixar mais esclarecido, coloco aqui que estes dois modos de se relacionar com a pixação postos em um critério hierárquico da identificação grupal – ou seja, como me apresento quando me descrevo para o outro. Dessa forma, “*existe o cara que é pixador e outra coisa, e aquele que é outras coisas para depois vir a ser pixador*”, como explica Stilo. A construção do pixador nessa perspectiva se dá em diversas facetas, repercutindo no grau de respeito e admiração que ele vai ter com os seus pares (Diário de campo, fevereiro de 2016).

Esses diferentes modos de ser pixador repercutem diretamente nos dados que são coletados diante de uma pesquisa científica, na forma como esses sujeitos circulam pelos espaços e direcionam seus olhares. No decorrer deste texto, isso ficará mais claro ao descrever esses espaços que frequentei no capítulo que se segue. O que pretendo trazer, ao me referir ao pouco contato com grafiteiros nesses espaços, é que existe uma diferença entre esses atores que foram percebidas por mim e também por eles, os pixadores. O recorte de classe, por exemplo, é um deles. Não coloco a questão de classe aqui apenas como uma questão socioeconômica, mas aquela que se refere sobre a possibilidade de acesso ao conhecimento – estudos ou investimento financeiro em trabalhos e desenvolvimento pessoal, por exemplo. Os grafiteiros da região, em sua maioria, estão inseridos em militâncias políticas e atividades culturais promovidas para eles e por eles. Circulam por universidades, museus, galerias de arte e órgãos públicos. Os pixadores concentram suas ações nas periferias, apesar de participarem, em alguns momentos, de movimentos políticos e eventos culturais que tenham como pauta a *arte urbana*, mesmo que seja com menor intensidade.

Ambas as práticas utilizam a cidade como suporte, mas se diferenciam na forma como veiculam suas intervenções. É notório que na pichação existe uma relação maior com a ilegalidade e com sua característica estética de traçados rápidos e inelegíveis, na maioria dos casos, cuja repetição de um mesmo pixo torna-se o principal objetivo para atingir a *visibilidade*. Enquanto que o graffiti desenvolve sua relação com espaço público de forma mais demorada e dá destaque ao uso de várias cores. Dificilmente um grafiteiro repete o mesmo desenho, e não é recomendado que o faça quando se busca a *visibilidade* neste contexto, em oposição ao que a os pixadores entendem por *visibilidade*. Mas, apesar dessas diferenças de apresentação estética e compreensão das categorias, existem outras possibilidades de intervenção que os aproximam e são utilizadas por ambos os atores, o *grapixo* e o *bomb* são um deles.

Existe, porém, uma modalidade que se pode dizer intermediária entre a pichação e o graffiti. Chamada por alguns de “grapixo”, a técnica relaciona-se à estilização do apelido do grafiteiro (como “acme”, “prema” e “toz”, por exemplo) em letras altamente elaboradas, coloridas, com contorno e preenchimento. Estabelece conexões com o graffiti pela questão da elaboração e detalhamento dos trabalhos, sempre muito coloridos, e com a pichação por constituir algo similar a uma assinatura, estando diretamente ligado à escrita [...] O *bomb* é utilizado para a divulgação do nome do artista e é empreendido muitas vezes em situações adversas. Locais de muito movimento, onde é necessária rapidez para conclusão de um trabalho não autorizado e, principalmente, em dias de sol. As altas temperaturas representam uma das piores adversidades para a confecção dos graffiti e, nesse sentido, os trabalhos de finalização mais rápida são mais apropriados nessas ocasiões (SOUZA, 2007, p. 32).

Ambas as técnicas são consideradas como uma “fase intermediária” (LASSALA, 2010) entre o graffiti e a pichação. O *bomb* se caracteriza por utilizar letras desenhadas, de forma arredondada, com contornos, preenchimentos e traços que simulam volume. O *grapixo* também se caracteriza por utilizar preenchimento e sombras que simulem o volume, contudo, as letras são escritas de maneira reta e uniforme, semelhante ao que se chama, em São Paulo, como *tag reto*³², aderindo ao pouco uso de cores quando comparamos ao *bomb*. Ambas as técnicas, embora se assemelhem ao graffiti, geralmente adotam uma característica ilegal no cerne de sua prática, se aproximando, por outro lado, da pichação.

³² Difundido pelos pixadores em São Paulo, é reconhecido como um estilo caligráfico caracterizado por letras retas, alongadas e pontiagudas, que ocupam um amplo espaço no suporte utilizado (LASSALA, 2010; PEREIRA, 2012; SOUZA, 2007; MOURA, 2014).

Figura 3 – Bomb e Grapixo na Avenida Caxangá



Fonte: arquivo pessoal da autora, foto tirada em junho de 2016.

Nas linhas que se seguem de caráter aproximativo, as “*regras da rua*”, como eles mesmos falam, que regem as condutas dos atores, são as mesmas para ambos. “*A ideia é uma só*”, portanto, o ato de *queimar* e *atropelar* uma pixação ou um graffiti não é visto com bons olhos. O primeiro está relacionado à prática de passar um traço por cima de uma pixação ou graffiti, o segundo refere-se ao ato de se inscrever por cima de uma pixação ou graffiti. Ter uma pixação *queimada* ou *atropelada* é sinônimo de ofensa, e muitos não se contentam em revidar o *atropelo*, por exemplo, em cima com outro *atropelo*. Na maioria dos casos, procura-se saber quem cometeu o desrespeito e busca-se saber quais foram as motivações para a ação. Sobretudo, ambos os atos “desconsidera[m] todo o risco que aquele pixador ou pixadora passou para colocar seu nome numa parede, anulando o significado de sua assinatura e do espaço conquistado na cidade” (MOURA, 2017, p 14, grifo meu).

As motivações para a construção das desavenças são tantas que, ao acompanhar o documentário produzido e intitulado de *Graffiti wars*³³, percebe-se que a narrativa se constrói sobre uma disputa iniciada nos anos 2000 entre o grafiteiro famoso Banksy e Robbo (considerado um dos pioneiros do graffiti de rua na Inglaterra). O início dessa guerra, entre ambos os artistas e seus respectivos admiradores, começou por uma modificação feita na obra de Robbo por Banksy. Modificar a obra de outra pessoa, passar por cima ou *atropelar*, como dito acima, são regras presentes em ambas as práticas. A discussão trazida nesse documentário sobre a intervenção nas obras e possíveis plágios, bem como a diferenciação

³³ Este documentário foi realizado nos anos 2000 e está disponível em mídias digitais, como: https://www.youtube.com/watch?v=bPanruXr_bg.

dos dois artistas como arte comercial/legal e arte de rua/ilegal, perpassam as narrativas dos interlocutores que construíram comigo esta pesquisa.

Percebendo esses impasses, considero que o graffiti e a pixação são manifestações culturais que possuem uma linha bastante tênue, que se aproximam na mesma medida em que se diferenciam. O critério de decisão sobre o que seria cada expressão entra no campo perceptivo e visual de quem avalia, muitas vezes por aqueles que estão “de fora”, ou seja, não há uma rigidez conceitual sobre ambas as práticas. Dessa forma, não é objetivo deste capítulo fazer um apanhado conceitual que busque achar a diferenciação sobre o que seria cada uma delas, considerando a existência de diversos trabalhos que já fazem isso (RAMOS, 1994; SOUZA, 2007; SANTOS, 2013; CRUZ; COSTA, 2008; GITAHY, 1998; MANCO, 2005), mas trazer os possíveis encontros e desencontros entre indivíduos que fazem graffiti e aqueles que fazem pixação, a partir das próprias vivências de campo.

É perceptível que pixadores e grafiteiros se comunicam constantemente, observam os trabalhos feitos por ambos, acompanham conteúdos sobre ambos e, em muitos casos, circulam pelos mesmos espaços – como falamos anteriormente. Basta observar a paisagem da cidade para perceber que existe a presença de ambas as linguagens em uma mesma obra, feita pelo mesmo indivíduo que pixa e também grafita. Existem muitos artistas reconhecidos no universo do graffiti que iniciaram e conheceram o graffiti a partir da pixação. O grafiteiro de Recife conhecido como Galo de Souza, por exemplo, é um desses casos de um pixador que passou a ser grafiteiro. Por outro lado, há pixadores que iniciaram sua trajetória no graffiti, como o caso de Menor, que se reconhece enquanto pixador e grafiteiro. Alguns grafiteiros e pixadores concebem essa trajetória – do pixador que se torna grafiteiro – como um processo de *evolução*, contudo, considerar que o indivíduo *evoluiu*, ao passar a fazer graffiti, é uma afirmação bastante criticada pela maioria dos pixadores. Durante esta pesquisa só escutei essa afirmação, trazendo o graffiti como *evolução*, na fala de dois interlocutores que sugeriram um olhar atento a esta prática por considerar que seria “*importante, porque o graffiti é uma evolução da pixação. Acho que você deveria falar do graffiti também*”. Em contrapartida, a maioria dos interlocutores consideram que, no resgate histórico de ambas, a pixação existe desde a pré-história.³⁴

³⁴ Embora não seja o intuito desta pesquisa discutir o processo histórico de ambas as práticas, graffiti e pixação, a discussão sobre *evolução e representatividade*, travadas entre os interlocutores, partem dessa perspectiva, tornando importante pontuá-las e contextualizá-las.

Figura 4 - Graffiti de Robbo na Inglaterra



Fonte: Site Deli Art. Disponível em: <<http://deli.art.br/2013/10/31/graffiti-wars-banksy-vs-robbo/>> . Acesso em: 20/05/2017.

Figura 5 – “Atropelo” de Banksy por cima do graffiti de Robbo



Fonte: Site Deli Art. Disponível em: <<http://deli.art.br/2013/10/31/graffiti-wars-banksy-vs-robbo/>> . Acesso em: 20/05/2017.

Além das distinções estéticas citadas anteriormente, existem distinções que são feitas pelos representantes do poder público que criam seus próprios critérios para diferenciá-las. Na abordagem policial, por exemplo, que existe para ambas, é percebido o prestígio que, em certa medida, foi conquistado pelo graffiti nos espaços de arte e no mercado de trabalho, colocando os grafiteiros em uma posição mais favorável se comparados aos pixadores, garantindo a esses um tratamento menos agressivo nestas abordagens. Como relata Moura (2016), na

vivência de uma ação policial, durante sua pesquisa, que resultou na liberação de ambos os autores após terem seus trabalhos identificados como graffiti, e não como uma pixação – Figura 6. De certa forma, a retaliação existe para ambos, sobretudo quando tratamos de uma ação feita sem a autorização da prefeitura ou do proprietário daquele imóvel, mas são percebidas as distinções que são feitas durante essas abordagens quando se trata de pixadores e grafiteiros pegos fazendo suas ações ilegais sem a autorização necessária.

Figura 6 - Homenagem ao pixador Torre



Fonte: Thiago Moura (2016, p 18).

Dentro dessa perspectiva, são as questões estéticas e a variabilidade atribuídas ao termo *arte* que são utilizadas como pontos principais para diferenciá-las ou aproximá-las. No início desta pesquisa, estive em uma situação que possibilitou a observação de como a utilização do termo *arte transgressora* serve como discurso de reconhecimento para a prática destes atores. Os pixadores, no intuito de se tornarem inseridos e reconhecidos nesses *circuitos* que fomentam a *cultura de rua* nesses espaços, tem como principal questionamento os diferentes modos de intervenção na cidade em detrimento da comparação que são feitas entre pixação e graffiti.

Em março de 2015, acontecia o Recifusion, evento referente a um mutirão de graffiti que tinha como um dos patrocinadores os Técnicos da Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (FUNDARPE), que teria como proposta principal a comemoração do Dia Nacional do Graffiti através de exposições de diversos artistas nos espaços públicos da cidade em diferentes pontos, mas que principalmente operacionalizavam no centro. Além desses artistas, o evento prestigiou os demais elementos que compõem o movimento hip-hop, com apresentação de b-boys e b-girls, grupos de rap e batalha de MCs (Mestres de

Cerimônia)³⁵. Contemplando essas diversas práticas, os organizadores foram surpreendidos por pixadores que reivindicavam um espaço para também expor a sua manifestação, por considerarem que também fazem parte da *cultura de rua* e do movimento hip-hop. Ao reivindicarem seu espaço, buscavam o reconhecimento da pixação enquanto *arte transgressora* e essencialmente periférica, pautados no discurso citado anteriormente sobre a origem do graffiti enquanto *cultura de rua* e prática ilegal. A organização, aparentemente, sem saber como lidar com a inquietação trazida pelos pixadores, solicitou que os pixadores não realizassem nenhuma pixação próxima ao espaço que aconteciam as exposições e shows de rap, com o intuito de não “*queimar o evento*”, como pude escutar de uma das pessoas identificadas como componente da organização, o que acabou criando um tumulto e agitação por parte dos pixadores que estavam presentes. Embora não tenham feito nenhum pixo por cima de nenhum graffiti, nenhum *atropelo*, o resultado da indignação coletiva por parte dos pixadores aconteceu na realização de diversas pixações nos arredores do evento, uma pixação em um carro da polícia e em toda a fachada do Conselho Estadual de Cultura³⁶.

Eles chamam um monte de grafiteiros, a maioria tudo playboy, que estudou essas coisas de arte e todos essas coisas, como se a gente não fizesse arte também. Graffiti e pixação bebem da mesma fonte, que é a transgressão e a favela. Somos todos cultura de rua. Mas ninguém aqui em Recife valoriza o que a gente faz, porque não dá dinheiro, tá ligado?! Ninguém pode dizer que a gente não faz arte, só porque a gente não lucra com isso e nem fica vendendo desenho em galeria ou faz algum curso sobre desenho. As letras que faço aqui, ninguém tem igual. Do mesmo jeito que acontece nos deles. Como isso não é arte? (Conversa informal, março de 2015).

³⁵ “O Recifusion teve início em 2009, como uma comemoração entre amigos ao Dia Nacional do Graffiti (27 de Março). Com o decorrer dos anos, o evento tomou grandes proporções, tornando-se um dos maiores festivais de artes visuais com foco em graffiti no Nordeste. É respaldado em todo o território nacional e começa agora a ser reconhecido internacionalmente. A cada edição, o Recifusion se apresenta de forma inédita, desde o local até o conteúdo envolvido: exposições, painéis de graffiti, oficinas, palestras, debates, seminários e intervenções pela cidade”. Extraído da página no Facebook oficial do evento. Disponível em: <https://www.facebook.com/Recifusion/>. Acesso em: 15/08/2015

³⁶ Existem matérias realizadas sobre esse fato ocorrido neste evento, uma destas matérias com maiores repercussões sobre esse ato de ataque a FUNDARPE pode ser visto através deste site do JC Online: <http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cidades/geral/noticia/2015/03/31/pixadores-depredam-fachada-do-conselho-estadual-de-cultura-174771.php>.

Figura 7 - Pixações realizadas no Conselho Estadual de Cultura e Pixação realizada no carro de polícia



Fonte: arquivo pessoal da autora, março de 2015.

As ações dos pixadores que aconteceram nesse evento se estenderam por alguns dias. Os debates geraram discussões acerca da incompreensão do ato, tanto pelos grafiteiros, que não compreendiam o porquê dos pixadores reivindicarem um espaço próprio para eles no evento, quanto pelos pixadores, que não compreendiam o porquê de não serem inseridos nesses espaços. Em conversa com alguns interlocutores de ambas as práticas, pude perceber que as falhas na comunicação, entre ambos os grupos, geraram os desconfortos. Se, por um lado, a organização se queixava da perda na credibilidade devido às *depredações* cometidas pelos pixadores próximas ao local do evento, por outro lado, os pixadores se queixavam por não terem tido sua prática reconhecida e legitimada. Entretanto, ambos compartilhavam da preocupação referente à ação no carro da polícia, considerando que ambos os lados poderiam vir a sofrer uma retaliação: *“porque se a polícia, quando pega a gente, já faz o que quer, isso é só um motivo maior para eles fazerem coisas muito pior, acho que quem pixou e quem fez a ação deveria ter assinado seu vulgo lá e não generalizar para ambos”*, afirmou um dos interlocutores que teria se incomodado com a ação em caráter de preocupação coletiva, como afirma.

Sobretudo, as *tretas*³⁷ entre os mesmos interlocutores não se encerraram nesse acontecimento. Embora os diálogos tenham sido buscados por ambos os lados, com um esforço da mesma organização para intermediar possíveis conflitos com grafiteiros que

³⁷ Expressão usada quando se existe um atrito ou conflito com um determinado grupo, ou indivíduo, específico.

também participavam dos mesmos espaços que os pixadores, um novo conflito surgiu no ano seguinte. Em março de 2016, uma pessoa, que não era da organização, mas era próxima dos organizadores, postou em sua página pessoal uma indignação de teor coletivo sobre uma ação desse mesmo grupo de pixadores em uma parede branca na qual tinha a logomarca dos patrocinadores. Indignados com a retaliação, alguns pixadores questionavam o pedido de alguns grafiteiros sobre a ação não ter sido permitida por eles. A questão agora estaria centrada na possibilidade dos pixadores intervirem mediante uma autorização. “*É pixador, vou pedir autorização para pixar é?*”, questionava um dos pixadores que teria participado da ação, afirmando que não tinham “*atropelado a arte de ninguém*” e que não havia motivo para terem gerado incômodo. A repetição de um desconforto entre os mesmos sujeitos surgiu de duas formas: no primeiro momento, pela reivindicação de um espaço como sinônimo de reconhecimento; e, no segundo momento, a indagação feita pelos pixadores a partir da hipótese de poderem pôr suas marcas mediante autorização.

Como se percebe, os embates entre pixadores e grafiteiros existem, por mais que se reconheça existência de uma não diferenciação entre ambas as práticas em outros espaços fora do país, contudo existem atores que circulam por esses espaços construindo lugares políticos que buscam unir ambas as correntes e indivíduos. Nessa perspectiva, de não reproduzirem essas diferenciações dos termos, há Stilo e Menor que militam em prol de ambos. Projetos realizados por eles, como o Pão e Tinta³⁸, que acontece na comunidade do Bode no bairro do Pina, trazem pixadores e grafiteiros de diversas regiões da cidade e do país.

Desse modo, sabemos que não existe um único movimento de graffiti e pixação, assim como não existe um único modo de se reconhecer entre ambas as práticas. Considerando, dentro desta complexidade, a forma como o graffiti tornou-se uma ferramenta de apropriação do próprio poder público através de estratégias de higienização da cidade – o projeto “Cidade Linda”, citado anteriormente – e como os próprios pixadores recriam estratégias e atribuem novos significados a prática. Entretanto, nesses diferentes modos de perceber ambas as práticas, reconhece-se que um dos grandes motivos da origem desses conflitos está na disputa pelo espaço, considerando que muitas pixações são apagadas para que sejam feitos graffiti por cima que, por sua vez, muitas vezes acontecem com apoio do poder público e empresas

³⁸ Esse projeto se tornou bastante conhecido entre ambos os atores – grafiteiros e pixadores. Anualmente, Stilo e Menor vendem camisetas e materiais em prol da realização independente das atividades que acontecem dentro da própria comunidade. Ganhando espaço e buscando visibilidade, pode-se perceber materiais e divulgações midiáticas deste projeto como a do site do JC Online, veja : <http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cidades/geral/noticia/2015/09/11/projeto-pao-e-tinta-da-cores-a-comunidade-do-bode-198487.php>.

privadas; com isso, manifestando sua insatisfação, os pixadores *atropelam* estes trabalhos, gerando incômodo para quem fez o graffiti.

As definições penais e a forma como são estabelecidas por quem está “de fora”, também tem uma parcela significativa na fomentação desses conflitos. Histórias de embates entre pixadores com o poder público e instituições privadas acontecem, como o caso da 26° e 28° Bienal Internacional de São Paulo, com o projeto antipichação, lançado em 2005 pela prefeitura de São Paulo sem muito sucesso, e com a pichação da Faculdade Belas Artes como parte do trabalho de conclusão de curso de um aluno do curso de Artes Plásticas, em 2008 (LASSALA, 2010, p. 74). Os *atropelos* de graffiti patrocinados pelo Estado também são exemplos desses embates. Diante dessas questões, pixadores foram convidados a participar do evento por meio de fotografias, vídeos e coleção de *tags* na primeira Bienal Internacional de Arte Urbana (BIAR) de São Paulo, em 2010, e na 29° Bienal Internacional de São Paulo.

Nessa perspectiva, pensando na intermediação e no entendimento de ambas as ações, entres os grafiteiros e pixadores, não cabe ao poder público, e a quem está de fora destes *circuitos*, decidir sobre a legitimidade do graffiti em detrimento da pichação, reconhecendo que muitos desses conflitos são pautados nos discursos que são produzidos e reproduzidos por estes segmentos – poder público, curadores de arte, pesquisadores, etc.

Figura 8 - Recifusion 2016



Fonte: acervo pessoal, março de 2016.

3.3 Os dedos sujos³⁹ de Recife

³⁹ “*Os dedos sujos da cidade*” é uma referência feita às fotos que alguns interlocutores costumavam postar nas suas páginas pessoais das suas mãos e dos dedos manchados de tinta, “*só tem dedo sujo*”, referiam-se a si e aos

Partimos inicialmente da caracterização desse fenômeno de modo que nos possibilitasse diferenciar a pixação de outras expressões urbanas, como o graffiti, atrelado às particularidades sociais existentes na cidade do Recife e enfatizando a atuação dos pixadores em grupos e o uso das suas siglas/comandos. A análise tipográfica e as diferenciações estéticas existentes entre a pixação e o graffiti abre espaço para as discussões dos diferentes modos de significação das suas intervenções nos espaços públicos e privados. Centralizando que nossa abordagem principal neste texto é a pixação, faz-se necessário pensar quem são esses interlocutores e quais são esses espaços nos quais estão inseridos, considerando que “uma análise sobre os pixadores não deve, portanto, contemplar somente o plano mais específico em que eles se situam, mas também se remeter a este plano mais geral em que estão inseridos” (PEREIRA, 2005, p. 97).

Como citei anteriormente, os pixadores fazem alusão à *cultura de rua* e à *arte transgressora*, resgatando seus laços periféricos de expressão, do espaço da rua, da ideia de transgressão e contestação. A *cultura de rua*, no seu papel coletivo de representatividade e identidade, está inserida em um *circuito* maior daqueles grupos que compartilham de experiências de vida, estilos de roupa e produção de sentidos comuns, que pode ser reconhecida dentro de uma perspectiva trazida por Feixas (2004) como *culturas juvenis*. Para Pereira (2005, p. 100), “devemos, então, evidenciar que entendemos como cultura de rua como um consumo de práticas de lazer e manifestações culturais majoritariamente de jovens, pautadas por formas particulares de apropriação do espaço da rua”.

É nesta perspectiva que o objeto de estudo trazido aqui ganha relevância nas abordagens que trabalham juventude, contemporaneidade e identidade. Apesar desse diálogo direto com a periferia, e pela maioria desses indivíduos serem ou se reconhecerem enquanto periferia⁴⁰, não pode-se afirmar que se trata de uma prática exclusivamente exercida por jovens de periferia. Há relatos de jovens de outra classe – a classe média, por exemplo – integrarem e estabelecerem contato por meio de outros grupos ou por meio de pontos de intersecção. Os pontos de intersecção são aqueles espaços nos quais diferentes grupos se cruzam e compartilham espaços em comum, trabalhados na categoria de *mancha* por Magnani (2005).

outros que comentavam e postavam. Além disso, a referência também compõe um trecho de uma música de rap do Mc Nocivo Shomon, de São Paulo, intitulada “Pixadores”.

⁴⁰ Falaremos melhor sobre as periferias e os laços de reconhecimento e identidade no Capítulo 4.

A Terça do Vinil⁴¹, por exemplo, é um ponto de intersecção entre os pixadores com os jovens de outras classes, a exemplo daqueles chamados por eles, e por outros grupos da cidade, como a classe média *alternativa*, que é composta, em sua maioria, por estudantes universitários. “*Os boys alternativos*”, como eram chamados nos momentos que falávamos sobre o espaço que compõe a Terça do Vinil. Partilhando do mesmo espaço, cada grupo se unia com seus pares em uma área visualmente delimitada que os separavam dos demais, ou seja, no mesmo espaço, era possível perceber visualmente onde cada grupo se encontrava – onde estavam os pixadores, os estudantes universitários, os jornalistas, etc. Cada grupo constitui o seu *pedaço* dentro da *mancha* que caracterizava a Terça do Vinil, embora, em alguns momentos, eles se misturassem. Dessa forma, ambas as categorias aqui descritas, de *mancha* e *pedaço*, se entrelaçam em espaços de sociabilidades como esse, que se organizam no centro da cidade.

Assim, a lógica do *pedaço*, que se caracteriza por um regime de trocas em segurança entre iguais, contrapõe-se àquela que se processa na *mancha*; esta, ao propiciar trocas entre parceiros não conhecidos, possibilita o imprevisto, enquanto no *circuito* as trocas se dão entre *habitués* e especialistas, conhecidos ou não (MAGNANI, 2005, p 325).

Enquanto prática juvenil (PEREIRA, 2005; SOUZA, 2007), pontuei anteriormente que os pixadores que frequentavam o *point*, o principal lócus de investigação dessa pesquisa, se caracterizavam como uma maioria de sexo masculino, oriundos das periferias da cidade, na faixa etária que variavam dos vinte aos quarenta anos de idade e que relatavam ter iniciado sua inserção na pixação entre os doze aos catorze anos de idade.

Tenho 31 anos, comecei a pixar quando tinha 14 anos, comecei aqui em Santo Amaro, com os amigos, quando começou a questão dos bailes funks e quando comecei a ir para esses bailes funks. Ai a gente começou a conhecer os bailes funks e, para a gente ter mais notoriedade, ser mais conhecido nos bailes, a gente tinha que botar muito nome [...]. Comecei a pixar por conta do funk e a influência de um pixador geralmente é outro pixador, e a questão dos bailes funks é que a gente conhece outros pixadores (Conversa informal com Spiro, agosto de 2016).

Comecei nos anos de 2003, na influência de galeras e dos bailes funks, porque não tinha noção direito da pixação, a intenção era mais invadir a ré

⁴¹ Para caracterizar melhor este cenário, considera-se que “o público das Terças reúne faixas etárias das mais variadas, entre 18 e 60 anos. Boa parte do público de músicos, artistas, jornalistas, designers, colecionadores de discos e universitários. Em 2013, foi o projeto eleito e premiado pela revista *VEJA* como melhor festa durante a semana no Recife” (Melhores da Cidade 2013/2014). Assim como, há também uma página no facebook sobre este espaço, disponível em: < https://www.facebook.com/pg/tercadovinil/about/?ref=page_internal>. Acesso em: 10/05/2017

do outro, através da galera do próprio bairro, de amigos e conhecidos (Conversa informal com Guri, setembro de 2015).

Foi entre 2000, 2001, foi nessa época, eu vou para 29 anos. Acho que tinha uns 13 ou 12 anos [...]. Primeiro veio na escola, começou na escola, vendo os meninos lá fazendo, aí depois numa festa uns amigos que meu levou uma lata e agente começou a riscar o bairro, a redondeza, a gente riscou, secou a lata quase toda, botou um bocado de nome mesmo. Eu botei meu próprio apelido, que tinha na época que era soldado. Depois conheci o pessoal do bairro, aí pronto (Conversa informal com Sola, junho de 2015).

A inserção nesses espaços, por incentivo de amigos, primos, irmãos e vizinhos, foram percebidas nessas narrativas e contribuíam para o fortalecimento dos laços de amizade e pertencimento a estes espaços de moradia. Embora tenham iniciado a prática cedo, consideram que apenas “*passaram a entender o que era a pixação*”, como afirmavam vários interlocutores em nossas conversas informais, após um período considerável de atuação em um processo percebido dentro da *maturidade* do sujeito dentro desta dinâmica - os sentidos que são dados a esse tipo de narrativa permeiam o campo do lazer, do entender a pixação como uma possibilidade de diversão e das questões territoriais problematizadas no tópico sobre a dinâmica da pixação no Recife. Dessa forma, esse período considerado de *maturação* não se refere a uma cronologia rígida definida entre os pressupostos de espaço e tempo delimitado, mas a partir de seus próprios critérios utilizados para definir essa maturidade, como: a quantidade de nomes que o pixador possui pela cidade, o critério de *disposição*, o domínio da compreensão dinâmica e a frequência nestes espaços de sociabilidade.

Nesse aspecto, os significados atribuídos aos pixadores e às suas práticas podem ser pensados da seguinte forma: pela experimentação a partir da concepção de lazer, testando suas habilidades pessoais e experimentando a adrenalina; pelas vivências sobre o perigo através das suas próprias noções de risco, quando colocada como critério à *disposição* citado anteriormente; e com a função de “*se sentir vivo*” e “*ser eternizado nos muros da cidade*”, nas suas reflexões trazidas por eles que compõem as categorias referentes as noções de *memória e reconhecimento*.

Nessas diferentes formas de pensar os significados, a noção de risco, por exemplo, é bastante abrangente e possui compreensões distintas, com sentidos que podem ser vistos como positivos ou negativos, avaliados de acordo com as experiências vividas. Tais possibilidades de análise fizeram com que, por exemplo, Mary Douglas (2012) enfatizasse os aspectos culturais e os sentidos que são atribuídos às noções de risco. Assim como também despertou a possibilidade de se compreender, através da concepção de *risco-aventura* –

considerando adrenalina, desafio, coragem, extremo e emoção – trazidos nos estudos, como o de Jeolás e Santos (2015), ao analisarem jovens em corridas de “rachas” com carros e motos, utilizando o risco como componente identitário. Nessa perspectiva, entre seus pares o sentido que atribuem a noção de risco está relacionado a uma concepção trazida sobre aventura (JEOLÁS; SANTOS, 2015; SPINK, 2001), estimulada pelos significados que são estabelecidos quando relatam sobre suas vivências nas perspectivas de adrenalina e perigo inclusas nas suas próprias experiências, que, de certa forma, flertam com a essência da pixação enquanto prática ilegal. Dessa forma, esses atores vivenciam o risco como um componente diferencial em suas vidas. As perspectivas trazidas sobre adrenalina, perigo e *disposição* possuem relevâncias conceituais aplicadas à prática desses interlocutores, na lógica que percebem suas vidas e na forma que ressignificam o risco nas suas intervenções no espaço urbano.

Os pixadores que são lembrados como *dispostos* gostam de pôr suas marcas em topos de prédios, em lugares de difícil acesso e no maior número de lugares possíveis, além de se arriscarem pelas madrugadas nas suas saídas para “*botar um nome*” pelas ruas da cidade. A escolha por lugares com maior destaque, característica de quem prefere à prática das *escaladas*, impulsiona a escolha por lugares que são percebidos como aqueles com uma maior probabilidade de risco, ou seja, de serem pegos ou da possibilidade de acontecerem acidentes – como os topos dos prédios e os órgãos públicos, por exemplo. Pensando nessa busca pela “*eternização de sua imagem*” e, conseqüentemente, de seu nome, destaque como também pode ser pensado esta forma com o modo que se relacionam com o futuro, além da própria concepção de risco. A morte de um pixador na realização dessas ações, representa, de certa forma, as conseqüências dessas vivências nas relações com os sentidos dados a categoria de *disposição*. Histórias de pixadores lembrados e respeitados se caracterizam por uma atuação assídua com relatos dessas ações arriscadas. A sensação de risco e perigo potencializam a noção de adrenalina, enfatizando as características que são dadas para o modo de ser *disposto* na visão de quem realizou e observou a ação. Ser reconhecido como *disposto*, aos olhos de seus pares, exige que a todo instante se provem e se testem, para que consigam reconhecimento e *prestígio* dentro desse *circuito* da pixação pela cidade, proporcionando sensações de pertencimento e visibilidade.

Entretanto, é importante considerar que nem todos os pixadores, apesar de serem mencionados pelas ações arriscadas que fazem, morrem em conseqüência da prática em si. A grande maioria cai e sofre lesões, mas não morre em decorrência das *escaladas*, por exemplo.

Apesar de relatarmos alguns casos de pixadores que morreram ao cair de algum prédio, em confrontos com seguranças particulares ou moradores armados, foram poucas as histórias que ouvi com essas causas e, muitas vezes, não eram relatos acontecidos na cidade do Recife. Na maioria dos casos, os contextos das mortes não tinham relação com a pixação.

Como os casos de Loid e Smaik, por exemplo, que participavam do *circuito* da pixação na cidade dentro da concepção que citamos no tópico anterior de *adjetivo-pixador*. Ambos eram pixadores, mas participavam desses espaços a partir de outras relações – pelas brigas de *bailes funks* e *galeras*, além das torcidas organizadas, por exemplo. Falecidos no início dos anos 2000, lembro-me de conhecê-los através das minhas relações com as torcidas organizadas. Famosos pelos seus grandes feitos entre as brigas de *galeras* nos antigos *bailes de corredor*, os seus desafetos não estavam diretamente vinculados à prática da pixação. Ambos foram assassinados, mas as causas que levaram a essas mortes partem de outras perspectivas de envolvimento. A busca pelo reconhecimento e por *prestígio* motivavam a ação de Loid e Smaik: eles *invadiam* os bairros rivais durante as madrugadas e reafirmavam a fama de *dispostos* que tinham. Uma letra de *funk*, com o título “*Loid entrou no Viatnã e pixou em San Martin*”, de Mc Noturno, um cantor de *funk proibidão* conhecido na região, conta com detalhes como o autor realizou a ação, conseguindo pixar no bairro e nas casas de outros pixadores dessas *galeras* rivais junto com seus pares.

A relação da prática ao lazer e a sensação de adrenalina pautam muitos dos estudos sobre o “espírito da delinquência” (MATZA, 1968; GROppo, 2017) e as questões que tangem o conceito de juventude. É perceptível o crescimento numeroso de estudos científicos referentes às questões da juventude como *cultura juvenil*, meio urbano e território, que compreendem as formas de sociabilidade local desses indivíduos a partir do eixo teórico sobre a hipótese de investigação do comportamento juvenil desviante, como coloca David Souza (2007).

Nesses estudos, as discussões se utilizam de categorias universais relacionadas às questões econômicas e sociais, limites etários, recortes de gênero e raça, por exemplo, que são atribuídos aos sujeitos na tentativa de facilitar a compreensão de suas trajetórias e projetos de vida, sofrendo alterações ao longo do século XIX e XX, assim como o próprio conceito de juventude (LAHORGUE, 2016, p 35). Seja por uma posição sociocultural ou por um enquadre geracional, a juventude veio sendo discutida e definida com critérios que determinam um início e fim – causando críticas e a fomentação das novas propostas e denominações. Estudos sobre pixação e juventude (PEREIRA, 2005; SOUZA, 2007) rompem

com estas perspectivas, pensando em juventude como relação e reconhecimento comum a partir de uma noção sobre *culturas juvenis*.

Para Bourdieu (2003), a juventude é construída socialmente, mesmo que seja naturalizada de alguma maneira. Nesse aspecto, considero importante colocar que minha concepção de juventude parte de uma perspectiva processual de construção relacional, que se realiza também por formas de identificação. Pois, diante da minha pesquisa, observo que não se faz congruente homogeneizar uma noção de juventude enquadrada dentro de uma faixa etária que se limita entre os quinze aos vinte e quatro anos de idade, negando as múltiplas experiências e formas de definição que eles mesmos atribuem ao *ser jovem*.

Cabe enfatizar também que não há um conceito absoluto de juventude (PEREIRA, 2015; LAHORGUE, 2016; FEIXA, 2004; PAIS, 2003; GROppo, 2017), mas diferentes concepções do que se entende por essa categoria. Na tentativa de evitar possíveis cristalizações que anulem as diversas possibilidades de criação de sentido a essa categoria, surgem as nomenclaturas que tentam abarcar essas pluralidades – como “práticas culturais juvenis” (PEREIRA, 2015) e “juventudes/jovens” (LAHORGUE, 2016).

Optamos por utilizar o termo *jovens* para demarcar a compreensão com a qual trabalhamos neste estudo, pois não vamos tratar de um jovem único e homogêneo, tampouco de uma categoria social, mas de jovens – no plural, tal qual a diversidade de suas condições e estilos de vida (LAHORGUE, 2016, p. 44).

Dessa forma, pela designação juvenil, não me refiro, necessariamente, apenas às práticas culturais protagonizadas por jovens, mas também àquelas que, na contemporaneidade, têm sido simbolicamente identificadas como associadas à juventude [...] nesse sentido, as práticas culturais juvenis podem ser protagonizadas também por não jovens juvenis (PEREIRA, 2015, p. 99).

A utilização desses termos, em seu aspecto plural, possibilita considerar as diversas possibilidades construídas dentro de um contexto social, econômico e histórico que os sujeitos se inserem, com significados distintos e com diferentes modos de vivenciar e atribuir sentidos. As “arenas juvenis” (SOUZA, 2007) e esses espaços de intersecção, citados acima, refletem os modos de interação dos jovens de diferentes grupos e classes aos jovens pixadores oriundos das periferias da cidade. Contudo, é importante ressaltar que, na pixação, as questões de classe são percebidas como possibilidade no estabelecimento das redes de relações daqueles que estão envolvidos em diversas direções com acesso maior de circulações pelos espaços. O indivíduo com mais recursos dispõe também de mais possibilidades para a compra de material, o *spray*, facilitando, em algumas vezes, que ele consiga sair mais vezes para

“*botar um nome*” pela cidade. Em muitos casos, esses indivíduos com mais recursos de compra de material compartilham com os demais que não possuem, estabelecendo um jogo de troca e aliança. Além disso, ter mais recurso financeiro para a compra do material não significa dizer que o indivíduo terá mais nome pela cidade, o que fará diferença na sua atuação é o critério de *disposição* para sair e circular nos diferentes espaços.

Durante esta pesquisa, não estive com muitos pixadores considerados com mais recursos financeiros, ou seja, de maior poder aquisitivo. Nas vezes que percebia, ou soube, constatei que a frequência destes nos *points* e nas festas são inferiores referentes aos demais. Existiam dois a três pixadores que frequentavam o *point* e que possuíam um poder aquisitivo melhor que outros, mas não adentrei nessas dimensões, percebendo que estes não se sentiam confortáveis com esses critérios que poderiam ser feitos. O resgate que era feito por estes sujeitos perpassava sobre suas vivências nos espaços de periferia na busca por potencializar e ressaltar sempre que necessário – quando era colocado como alguém que tinha maiores recursos financeiros, por exemplo – essas suas vivências nas ruas e nas periferias da cidade como critério de valorização pessoal. A outra perspectiva também parte de algumas lembranças durante minha trajetória, quando conheci muitos dos pixadores que estabeleci contato nesta pesquisa, me recordando de diversos outros que teriam se desvinculado da prática após iniciarem sua inserção no mercado de trabalho e nos ambientes acadêmicos. Curiosamente, as inserções dessas pessoas aconteciam através de estratégias nas quais se referiam ao seu local de moradia a partir das siglas que pertenciam, que não necessariamente significava dizer que era de fato o local no qual residiam. De alguma forma, se sentiam pertencentes a outros espaços ou se utilizam dessa estratégia para se inserir no grupo⁴².

As motivações que levam o indivíduo a entrar nesta atividade são muitas, como falamos anteriormente, que tange desde uma hipótese sobre a sociabilidade delincente (SOUZA, 2007) às perspectivas relacionais de reconhecimento entre pares (PEREIRA, 2005). A busca pela autenticidade, de legitimar sua marca, o fascínio pela rua, o protesto, a reivindicação pelo espaço público, a busca pelo reconhecimento – mesmo que seja entre pares – e o gosto pelo que não é permitido, nos ajudam a entender aquilo que mantém os muros da cidade sempre preenchidos.

Aqui, “*os dedos sujos da cidade*” trazem, em suas falas, motivações que vieram através dos *bailes funks de corredor*, das brigas de *galeras* decorrente dos antigos Clube do Rodoviário e Baile do Téo e dos que já foram, ou ainda são, integrantes de torcidas

⁴² As noções sobre o “proceder” do pixador, trazida por Pereira (2005), e a “carreira na pichação”, por Azevedo (2015), abordam essas questões.

organizadas que, dentro de seu contexto, utilizavam a pixação como forma de confrontação a outros grupos rivais. Existem também aqueles que se inseriram nesses espaços por volta dos anos 2000 – como Sola, Guri, Stilo, Spider, Menor –, e aqueles que acompanharam a trajetória da pixação nos anos 90 – como os pixadores Duende, Spiro e Amorte. Passando por todo processo de circulação, nos mais diversos grupos que permeiam a prática, hoje estes atores apenas se identificam como pixadores: “*além de trabalhadores e pais de família, é claro!*”, porque “*pixador é pixador, a gente pixa porque gosta!*” (conversa informal com Duende, julho de 2016).

Como se pode perceber, as questões que interligam a dinâmica da pixação às periferias e aos próprios *bailes funks de corredor* que existiam no início dos anos 90, narram as trajetórias e as percepções espaciais desses atores até os dias atuais. Nos diferentes modos de ser pixador, nas categorias trazidas de *pixador-adjetivo* e *adjetivo-pixador*, tratamos aqui de sujeitos que se reconhecem primeiro como pixadores para depois virem a se identificar com outros segmentos e grupos, apesar de muitos terem se inseridos na pixação a partir de outras relações. O *point*, na *Pelada dos Pixadores*, as dinâmicas estabelecidas e as narrativas construídas nele, e a partir dele, nos ajudam a compreender melhor essas relações que serão discutidas no capítulo seguinte.

4 OS PIXADORES NA CIDADE: SOCIABILIDADE E LAZER NA PRODUÇÃO DOS ESPAÇOS

Eu pixava sim e curtia muito. Eu me lembro bem de cada segundo.
 Antigamente a noite caía, eu saía de rolé.
 Pulava o portão, de lata na mão. Tu sabe como é que é!
 Um rolo de trinta, cheio de tinta, eu rasgava as madrugadas.
 Subia no teto e no viaduto, tá ligado na parada?
 PM pegava, me esculachava. Pintava minha cara e me humilhava.
 Mas eu não parava, eu continuava porque alguma coisa me hipnotizava.
 Moleque nervoso, periculoso, me divertia de montão.
 Hoje eu parei, mas tá na memória os momentos dessa zoação!
 (Letra de *funk*: “Eu pixava sim”, Mc Papo).

Todas as quintas-feiras, às 19 horas, a quadra na avenida João de Barros já ficava preenchida por pessoas com camisas de pixação, roupas de time de futebol com suas respectivas torcidas organizadas, fardas de trabalho, bonés de marca (como a da Cyclone), bermudas, sandálias e mochilas nas costas, trocando papéis preenchidos por seus nomes e *tags* – as chamadas *folhinhas* –, falando alto, ouvindo *funk proibidão* e juntando o dinheiro para dividir a cerveja e o alcatrão do dia. Também tinha pessoas fazendo a famosa *intera*, na qual dividiam o dinheiro que seria necessário para comprar os materiais que estariam faltando para a *pelada* e das bebidas que seriam consumidas naquele dia. A maioria dessas pessoas, as quais me refiro e que estavam ali presentes, eram do gênero masculino – como já mencionei anteriormente.

Diversas vezes, quando chegava ao local, era a única mulher presente. Sempre chegava cedo, por voltas das seis horas da noite. Preferia sair em um horário no qual ainda percebia que a cidade estava clara, por uma questão de segurança que hoje considero ser simbólica na referência que fazia a sensação de estar mais exposta neste horário, sentindo que isso poderia vir a me proporcionar uma maior proteção, e também por ser um horário no qual poderia conversar melhor com as pessoas presentes no local, com menor quantidade de barulho e movimentação. Conforme mais pessoas chegavam, ficava difícil conseguir estabelecer um diálogo prolongado com alguém. Eles se amontoavam ao redor dos bancos de cimento e preferiam conversar com seus mais *chegados* – pessoas mais próximas, as quais demonstravam ter uma reciprocidade afetiva entre si – que não viam há tempos ou que já se conheciam de outros espaços.

Algumas vezes ficavam mais fechados, resolvendo questões pessoais, e não era convidativo adentrar nesse momento; isso não era uma questão implícita, muitas vezes ouvia-se os dizeres: “*eles estão ali conversando, daqui a pouco ele vem*”, quando alguém

perguntava sobre uma determinada pessoa e ela estava mais afastada dos demais. Aprendi observando e interagindo que precisava respeitar esses consensos comuns e não adentrava nesses espaços quando percebia que as pessoas estavam mais isoladas dos demais ali presentes ao redor da quadra. Também tive dificuldade de estabelecer uma conversa por muito tempo com alguém por uma razão bastante óbvia: ali, além de ser um espaço no qual os pixadores confraternizavam entre si, a maioria chegava cedo para organizar e separar os times. Pois, como o próprio nome já sugere, a *Pelada dos Pixadores* refere-se a um espaço no qual os sujeitos estão ali também para jogar bola e fomentar uma partida de futebol com o tempo hábil de quinze a vinte minutos por jogo. Cada jogo teria dois times, com uma média de seis jogadores por equipe.

Essa reunião dos pixadores acontece em um espaço aberto no qual as resoluções e situações de conflitos também podem acontecer, apesar de não ser uma prática comum. A intenção maior é a confraternização e o estabelecimento de novos contatos, novas parcerias para os *rolês* e novas redes de aliança. Em síntese,

A intenção ali é não outra senão a de ver e ser visto por pares, revelar os pichadores que vem se destacando, trocar pichações (que são colocadas em cadernos exclusivos destinados à atividade, similares à cadernos de autógrafos, ou em folhas avulsas guardadas em pastas) e conhecer pichadores de outras áreas da cidade, processo que pode facilitar a mobilidade dos praticantes e lhes permitir que pichem áreas desconhecidas (SOUZA, 2007, p 61).

Nos encontros que são feitos nestas quintas-feiras, por exemplo, um pixador pode conhecer alguém que reside em Olinda e sair para pixar no seu bairro e proximidades, reciprocamente, como forma de mostrar que *considerou* o sujeito, ele o leva também para sair e pixar nas localidades que conhece, estabelecendo uma rede de troca e de possível aliança.

Sobretudo, com um breve e importante parêntese, ressalto que, embora meus interlocutores tenham sido homens, como já foi frisado no capítulo metodológico, não posso negligenciar a participação das mulheres que me ajudaram a estabelecer uma relação mais próxima com o espaço e com aqueles pixadores que ainda não conhecia. Elas, além de Guri e Spider, também me fizeram superar minhas angústias do ir e vir sozinha nas ruas do Recife, onde se constatou mais de cento e quarenta registros de estupro em apenas cinco meses⁴³.

⁴³ Esses dados alarmantes, sobre os números de estupros ocorridos em mulheres na cidade de Recife, foram cruciais para a construção dos medos relatados no capítulo metodológico deste trabalho, é possível acompanhar essa problemática em matérias produzidas sobre esse levantamento, como: <<http://jc.ne10.uol.com.br/blogs/rondajc/2017/06/15/recife-tem-recorde-de-estupros-no-mes-de-maio/>>. Acesso em: 02/06/2017

Das sete mulheres com as quais construí uma relação de reciprocidade e de companheirismo, apenas duas estavam em *atividade* na época e não conseguiam mais frequentar a *pelada* com a mesma frequência. As obrigações acadêmicas referentes aos seus estudos, obrigações de trabalho e cuidados com os afazeres domésticos, acabaram por direcionar a possibilidade de ir a esses espaços e festas ou de nos encontrarmos posteriormente em outros locais. As demais, a maioria que estava ali presente, não tinha o hábito de *pixar* ou passaram a *pixar* quando já não estavam mais frequentando o espaço.

Era também perceptível a existência de dois grupos de mulheres: as casadas – “*as mulheres do patrão*”, como eram chamadas por terceiros em alguns momentos –, e as solteiras. Elas se dividiam em lugares bem demarcados espacialmente, se posicionando, na maioria das vezes, em lugares da quadra que eram opostos entre si. Facilmente era percebido e verbalizado, muitas vezes, as tensões que eram geradas entre esses dois grupos de mulheres. Existiam aquelas que eram casadas e que circulavam no grupo das que eram solteiras, e outras que eram solteiras e tinham um relacionamento afetivo com alguns dos rapazes, estas últimas continuavam circulando e estabelecendo laços de lealdade e amizade no grupo das solteiras. Estabeleci meus laços de amizade e troca no grupo das que eram consideradas como solteiras, pelo fato de já conhecer muitas das que estavam ali e também por sentir uma maior abertura de participação e proximidade – talvez isso também tenha sido um dado relevante no impacto da delimitação na minha circulação pelo outro grupo, os das casadas.

Durante o *trajeto* para a *pelada*, muitas vezes íamos conversando sobre ela, falávamos sobre que estávamos fazendo no momento e sobre as possibilidades de estudo e mercado de trabalho. Conteí um pouco sobre minha crise de pânico, fazendo do meu *trajeto* um processo catalizador, no qual tentava exorcizar meus demônios e gerenciar todo pânico. Encanto entendeu e trocou experiências e sensações próximas a minha. Falou sobre os cuidados de voltar sempre com alguém ou de táxi, me deixando confortável com a situação. Também ter ido com uma mulher, nos primeiros meses de inserção no campo, foi essencial para aliviar minhas angústias vividas naquele momento (...). Ela cumprimentava a maioria. Eu, apenas uns poucos. Me sentindo *um estranho no ninho*, como uma estranha sensação de que ao mesmo tempo que pertencia aquele lugar, eu não fazia também mais parte dele. A maioria que estava lá era da minha época de *baile funk* e de torcida organizada, mas eles eram *pixadores* acima de tudo. Eu nunca teria sido *pixadora*. No mais, também fisicamente estava bastante diferente da imagem que “a maga do inferno” era. “*A maga era toda escamosa, se tu visse antes, visse?*”, ríamos, quando Encanto me apresentava para as demais mulheres que não me conheciam e nas outras rodas de conversa. (Diário de Campo, janeiro de 2016⁴⁴).

⁴⁴ Encanto é uma *pixadora* que residia nas proximidades do bairro em que moro e que me conheceu na época em que frequentava torcidas organizadas. Antigamente não éramos próximas por pertencermos a torcidas rivais. Mas tínhamos amigos e conhecidos em comuns que, ao longo dos anos, em uma mesma perspectiva de afastamento

Além disso, ter poucas mulheres que “*realmente pixam*”, que estão na *atividade*, como afirmou uma dessas interlocutoras, exige a criação de alguns cuidados e estratégias de proteção que precisam ser colocados, como:

A maioria dos convites para pixar são feitos por homens, é comum ter uma fofoca de difamação e um convite com segundas intenções. “*Tenho medo que falem coisas que não fiz*”, afirmava uma interlocutora, que, ao receber o convite, essa era sua maior preocupação ao pensar em aceita-lo e sair de madrugada para pixar com um homem. Ela preferia sair à noite para pixar porque sentia uma adrenalina maior, mas admitia que sair em plena luz do dia era mais seguro, “*de dia não gosto, porque não sinto tanto. Apesar de ser mais seguro, é menos embaço. A noite é massa, dá aquela adrenalina!*”. Por isso, a sua melhor opção sempre era de sair com outras pixadoras, se sentindo mais à vontade sem se preocupar com segundas intenções ou fofocas posteriores ao *rolê*. Mas como era difícil alguma menina “*sair realmente em um rolê de pixo*”, então acabava saindo com outros pixadores homens, optando sempre por aqueles que já conhecia e já tinha uma relação de maior proximidade. Os convites feitos por outras pixadoras existiam, mas estes ficavam apenas no convite (Diário de Campo, dezembro de 2015).

As estratégias usadas pelos pixadores homens em seus *rolês* são distintas daquelas que as pixadoras utilizam. Embora tenham os cuidados que são compactuados por ambos, como: preferir sair em par durante à noite, sair com o pito do spray separado – para dar uma legitimidade ao argumento que estaria indo fazer um graffiti – e evitar sair em grupos de pessoas muito numerosos, é perceptível que as mulheres sentem a necessidade de ter um cuidado maior nas suas saídas, a começar pela aceitação dos convites realizados. Muitas delas são mães e sentem que os compromissos com os cuidados maternos não lhe permitem terem o descuido de serem levadas para a delegacia ou sofrer algum tipo de retaliação policial. Embora a maioria dos meus interlocutores também tenham filhos e residam com eles, foi percebido que essa preocupação não os incomodava tanto quanto as mulheres. As preocupações verbalizadas por eles, na maioria dos relatos, ressaltavam o incômodo por terem passado a noite na delegacia ouvindo algum tipo de sermão ou pelo fato de terem sofrido retaliações brandas na abordagem policial.

Dessa forma, esse parêntese com os breves, no entanto intensos, relatos que tive com essas mulheres, se fizeram necessários na medida em que precisamos entender que existe uma diferença quando falamos sobre os modos de percepções femininas e masculinas nesses espaços e nas suas vivências. Assim como também tive dificuldades de achar em pesquisas as

dos conflitos proveniente das torcidas, fomos nos aproximando. O feminismo e as críticas aos machismos existentes nas torcidas organizadas nos uniram e ainda nos uni. Ela teve uma importância fundamental nas minhas proximidades do campo, assim como Guri, Stilo e Spider.

falas e as contribuições dessas mulheres, evidenciando a falta do lugar de fala que elas ocupam nos próprios espaços de pixação. Sobretudo, durante toda a minha ida a campo sempre existia a retomada as minhas experiências vividas como integrante de torcida organizada, como se pode perceber nos relatos que foram descritos até este capítulo, e na minha participação nos antigos *bailes funks*, permitindo realizar uma maior aproximação com aqueles e aquelas os quais não conhecia. Implicando, muitas vezes, no processo de retomada a essas experiências para assimilar as falas e os relatos que eram compartilhados nesses espaços.

Para entender um pouco sobre a retomada das falas com as minhas experiências vividas anteriormente, lembro-me no começo do campo quando buscava me inserir com esse grupo de pixadores que organizava a *pelada*, a RDP, e com essas mulheres que não conhecia, a conversa com uma dessas interlocutoras que estava se inserindo nesses espaços e passando a se reconhecer como pixadora, cuja sua fala estava repleta de preocupações e cuidados. No seu relato, ela contava a dificuldade que tinha em administrar suas saídas com o grupo que estaria se identificando e com o seu namorado, que também era pixador, mas que não *colava* com a *galera* com a qual ela estava se identificando. Na construção de sua identidade nesses espaços, ela se preocupava com o que poderiam falar dela e seus possíveis problemas com o grupo por conta disso: “*Eu sou mulher, e aqui a maioria é muito machista*”, comentando também que tinha uma “*imagem a zelar e um nome para defender*”, justificando os cuidados que deveriam ser tomados nessas relações ao mesmo tempo que se implicava na crítica trazida sobre as percepções machistas do grupo.

Nesse seu processo de inserção na pixação, ela continuava contando que, quando começou a “*pixar ativamente*”, residia em um bairro na zona oeste da cidade e que teria tido diversos cuidados para “*não se queimar*” no movimento e no bairro; passando a “*considerar a ré*” e colocando a sigla da *galera* que era desta localidade nas suas pixações. Mas, apesar disso, teria tido um problema com os pixadores residentes do bairro e estes teriam passado a *queimar* seu nome em alguns locais, passando um traço em cima da sua marca. Hoje, depois desse episódio, ela não coloca mais o comando de lá, pois afirma que: “*não vou ficar gastando tinta, representando a galera se eles não consideram*”. Esse problema com os pixadores do bairro teria acontecido pela ida de outros pixadores que não *colavam* com o bairro local e que foram pixar na localidade colocando um “*um alô*” ou “*um salve*” para ela. Os pixadores da localidade não gostaram e consideraram o ato como uma afronta, supondo que esses mesmos pixadores teriam sido convidados por ela para realizarem suas pixações na localidade. Por isso, teriam passado a *queimar* o seu nome pelo bairro. Ela explicou sobre

esse mal-entendido e que, posteriormente, foi esclarecido, mas na tentativa de evitar mal-entendidos novamente, previne novos acontecimento fortalecendo os laços e novas redes de troca em outras localidades: “*próximo ano existe a possibilidade de que vá me mudar para um outro bairro, e já dei meu telefone de contato para a galera de lá, porque o importante é considerar a ré que você mora e já ir mandando a ideia, colocando a sigla da galera quando for pixar ou dando um salve*”.

Enquanto este relato era feito, lembro-me de outros pixadores que teriam tido seu nome *queimado* neste mesmo bairro em outros períodos anteriores a pesquisa. Os confrontos com os pixadores dessa localidade já aconteciam desde as rivalidades existentes entre torcidas organizadas e as *galeras* formadas nos *bailes funks de corredor*. Contudo, nem todos que *queimavam*, ou *embaçavam*⁴⁵ com aqueles que vinham de outras localidades, eram pixadores. “*Ali tem muita gente que ainda tá nessa de baile funk, das brigas de galera. Não são todos, mas tem alguns que são foda*”, “*é muito mais coisa de galera do que pixo, pode ver que tem poucos que aparecem nos eventos de pixo*”, foram algumas das referências que me passaram sobre a localidade quando comentava sobre o acontecido com outros interlocutores. De certa forma, essa era a mesma sensação que tinha quando me referia ao local. O que busco refletir, a partir desse relato, é sobre a existência dessa semelhança com as *galeras* advindas dos *bailes funks* e a formação dos grupos de pixadores com suas siglas, ao mesmo tempo em que se diferenciam ou buscam se diferenciar.

Percebe-se que os pixadores produzem, nas ruas relações, uma “teia de significados” (GEERTZ, 2008) que vem sendo construída através de seus diálogos, nessas disputas internas e nos sentidos que dão a esses espaços, além da forma como percebem e marcam seus nomes na cidade, fazendo considerar a necessidade de compreender esses espaços, suas dinâmicas territoriais, sua dimensão cultural e econômica que se entrelaçam. A flexibilização do que seriam esses territórios nos possibilita perceber essas relações que, em sua complexidade, definem um limite e suas diferenciações entre os *insiders* e os *outsiders* (SOUZA, 2008; MOURA, 2017). Considerando também a fluidez que os sujeitos realizam suas ações e as dinâmicas territoriais que a própria cidade sugestiona em seus espaços.

As territorialidades estão diretamente vinculadas às identidades e às diferenças sem se deslocarem das temporalidades, por isso, são multidimensionais, ou seja, correspondem às relações sociais, às apropriações, às intencionalidades-aspirações e às práticas espaços-temporais econômicas, políticas, culturais e ambientais (SAQUET, 2011, p. 82).

⁴⁵ *Embaçar* refere-se ao ato de ameaçar verbalmente ou fisicamente aquele que não é bem-vindo.

Todos esses aspectos, que tendem a direcionar a mobilidade e a concentração de pessoas para uma determinada região, são dados relevantes para se pensar a forma como a cidade produz e é produzida. O ponto de vista sugerido por Park (1967) está pautado em um programa de estudo que pense esses espaços na sua organização física, de ocupações e cultura. Para o autor:

A cidade está enraizada nos hábitos e nos costumes das pessoas que a habitam. A consequência é que a cidade possui uma organização moral bem como uma organização física, e estas duas interagem mutuamente de modos característicos para se moldarem e modificarem uma a outra (PARK, 1967, p. 27-28).

Os pixadores dialogam através de uma troca intensa de energia, de significação e ressignificação. Nessa constante busca pela valorização dos seus espaços de origem, sua *quebrada*, e pelo fortalecimento desses espaços que possuem em comum, seus *pedaços* (MAGNANI, 2005), se movimentando para serem vistos com o intuito de adquirir *destaque* e, de certa forma, pertencimento a esses espaços que lhe são negados. Há ainda nos discursos desses sujeitos participantes de *galeras*, *bailes funks* e pixadores, a sensação de se sentirem como “de fora”: “*A sociedade não entende*”, “*elas nos excluíram*”, “*nos recrimina*”, presentes em falas como essas que surgiram quando experimentavam circular por outros espaços – como o evento de graffiti citado no capítulo anterior.

Essa perspectiva retórica presente na fala dos pixadores aparece tanto nos discursos daqueles que são “de dentro” quanto nos discursos daqueles que não são mais pixadores e verbalizam intervenções como: “*deixa essa vida*”, “*sai desse caminho, que não vai te levar a nada*”. As intervenções dos estudos científicos e, também, de terceiros são sempre trazidas nessa perspectiva da “marginalidade” e do “desvio”. Mas, muitas vezes, se esquecem das dimensões que abrangem as noções de integração e pertencimento que esses grupos proporcionam. “Uma noção de território que transcende a dimensão físico-espacial dos espaços segregados das cidades” (DIÓGENES, 2001, p. 37), entendendo essas territorialidades em um sentido mais amplo no qual os sujeitos se organizam e se articulam com outros espaços e outros indivíduos, como um espaço vívido e enquanto um lugar que é percebido nos seus fluxos e sensações de pertencimento (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p. 323).

A “*quadra da João*”, na sua singularidade e no espaço estrutural, fez com que os pixadores aderissem a ela e a transformasse em um *point* ou em “*um pico de pixador*”. Ela é uma quadra estruturalmente montada em uma praça na comunidade local da João de Barros e,

como iremos observar, os locais de suas preferências são sempre aqueles geograficamente espacializados nas periferias da cidade, considerando que, além da questão identitária, a logística desses espaços também considera a facilidade de acesso, a quantidade de transporte público disponível e a proteção dos pixadores locais. O conceito trazido por Park (1967) sobre as “regiões morais” surge quando percebemos que as escolhas desses espaços privilegiam os bairros periféricos, percebidos por eles como possibilidade dentro da prática noturna de festas e aglomerações, sem sofrerem retaliações. Por isso, a descrição desses espaços nos ajuda a entender o modo como esses atores percebem a cidade e como esses são percebidos por ela, descritas, no próximo tópico, na tentativa de buscar aproximar o leitor dessas questões.

4.1 “É lá na JB, toda quinta tem pelada”

“*Toda quinta-feira é sagrada*”. A “*Quadra da João*”, como é chamada por aqueles que já se consideram íntimos do local, se consolidou como um *point* de encontro para pixadores na cidade. Com dia fixo semanal, sempre às quintas-feiras, o espaço já começava a ser preenchido no início da noite por aqueles que já vinham de outros compromissos e não havia um horário que designasse o término do encontro. Eu costumava voltar entre o horário das onze horas e meia noite, porque era o horário que conseguia companhia para voltar com alguém que me deixasse na parada de ônibus para conseguir um táxi ou, algumas vezes, quando alguém também ia voltar de ônibus nesse mesmo horário, a fim de pegar o ônibus de volta para casa até um local de maior acesso aos táxis.

À medida que as partidas iam se encerrando, novas proporções e configurações designavam novos rumos ao espaço. Algumas vezes as pessoas optavam por ir embora mais cedo, devido aos compromissos de trabalho no dia posterior, ou se retiravam devido às chuvas que insistiam em “*morgar o rolê*”⁴⁶ daqueles que planejavam prolongar a saída. Uma quantidade significativa de pessoas ficava bebendo e *trocando ideia* ao redor da quadra, enquanto outra parcela estendia mais um pouco para sair de madrugada, procurando novos espaços para pizar. Sobretudo, o intuito e o desejo da maioria era o de ficar bebendo e conversando na quadra e seus arredores com outros *chegados* para, então, “*esticar a noite em outro pico*” com aqueles que moravam na própria comunidade ou nas suas redondezas. *Comunidade* era um termo bastante utilizado pelos próprios pixadores e em letras de *funk* para

⁴⁶ Encerrar a festa ou algo que estava sendo planejado antes do horário esperado por demandas que seriam externas.

referir-se ao local que residem. As variações do termo entre comunidade, favela e *quebrada* existiam. Percebi que, ao exaltar os termos de *favela* e *quebrada* nas suas falas, os pixadores ressignificaram suas origens e buscavam reafirmar sua identidade enquanto morador de periferia, em uma luta, na maioria das vezes, política. Por exemplo, “*porque aqui é favela, minha quebrada é minha área*”. Enquanto a defesa e o fortalecimento dos laços afetivos comunitários no discurso de que a “*comunidade é pela comunidade*” apareciam engrandecendo os laços de lealdade e afetividade por sua vizinhança.

A *pelada*, no momento que realizei a pesquisa, era o único espaço fixo onde os pixadores marcavam para se encontrar. Por ser o único espaço disponível para esses encontros, as expectativas eram muitas. De modo que, já nas segundas-feiras, o grupo do WhatsApp⁴⁷, no qual participava, já começava a ser bombardeado por mensagens com perguntas como “*quem vai colar na pelada quinta?*”, na intenção de dividir *trajetos*; marcar encontros e saídas posteriores para *pixar*; beber ou sair para um outro espaço. Afinal, o intuito dessas quintas, além de “*beber, curtir e sair pra pixar*”, também era de jogar bola e encontrar antigos amigos para relembrar os “*velhos tempos de pixação*”. A “*pelada dos pixadores*”, como ficou conhecida, é organizada por um movimento, como eles mesmos se reconheciam enquanto tal, conhecido como a RDP – Relíquias da Pixação. Na fala de um dos interlocutores, em conversa informal durante meus primeiros contatos, esclarece essa diferenciação quando esse interlocutor afirma que: “*a RDP, antes de tudo, é um coletivo. Um movimento. Tu precisa entender isso primeiro, porque é a reunião de vários pixadores de outras siglas, tudo junto. Entende?*” (Conversa informal, março de 2015).

A maneira como surgem esses espaços e os laços de proximidade entre os grupos se aprofunda nessas reuniões e nos discursos, “*fornecendo uma miniatura ideal de sociedade*”, nos dizeres de Simmel (2006, p. 78), ou seja, daquilo que esperam do outro nesse jogo de trocas. A necessidade de se fortalecerem e a busca por serem reconhecidos enquanto “*movimento*” e “*coletivo*” fomentam os discursos que existem atrás das suas expectativas quando esperam dos próprios integrantes a “*lealdade, humildade e união*”, assim como a própria logomarca que estampa suas camisas, faixas e bandeiras com os dizeres “*ou some, ou some*”. Desse modo,

⁴⁷ Como mencionado, meu acesso ao campo também foi possibilitado através do uso da internet, por meio de grupos no Facebook e WhatsApp que facilitaram os primeiros contatos. Minha incursão nesses grupos em redes sociais se realizou à medida que amigos em comuns me colocavam em contato com pixadores que conheciam. Como coloca Magnani (2012), as chamadas *redes sociais* se tornaram uma modalidade de relacionamento que incentiva e facilita possíveis conexões. Esses espaços se tornaram instrumentos complementares nas análises de dados, “*tais comunidades são vistas como pedaços virtuais; a navegação pela internet é pensada como um trajeto; o pertencimento a várias dessas comunidades pode constituir um circuito*” (*ibidem*, p. 323).

O fato de que este conteúdo seja dito e ouvido não é um fim em si mesmo, e sim um puro meio para a vivacidade, para a compreensão mútua e para a consciência comum do círculo social. Com isso não se realiza somente um conteúdo do qual todos podem participar de maneira igual, mas também a doação de um indivíduo à comunidade (SIMMEL, 2006, p. 77).

Esses conteúdos encontram sua legitimidade quando o lugar e sua finalidade, nessa *troca de ideias* e compartilhamento de objetivos em comum, têm seu significado e, também, sua função, autorregulado. Continuando a elaboração desses processos trazidos por Simmel (2006), resalto as questões desses jogos simbólicos presentes nas conversas e nos discursos em afirmações dessas categorias, quando o autor afirma que “todas as formas pelos quais as trocas se realizam; conflito/apelo – acordo de amizade/acolhimento e recusa; todas são formadas de interação da conversa, a serviço das diversas finalidades das relações humanas quanto estímulo do jogo das relações que estabelecem entre si” (SIMMEL, 2006, p.75).

Em outra conversa, dessa vez com Spiro, pixador e um dos organizadores da RDP, compreendi que o surgimento da sigla e a construção desse espaço se concretizaram também a partir dessa busca por se legitimarem além do que a denominação que o termo *grupo* poderia lhe contemplar. A sensação que tinham, e os termos que habituavam usar, era de “*família*”, “*movimento*” e “*coletivo*”. Como uma “*família grande complicada, corriam lado a lado*” em prol da sigla e da representatividade que esta tinha para eles.

Foi depois de muito tempo, sem ter nada, quando acabou os bailes funks, né? Ai aquele pessoal antigo que pixava começou a se organizar, ir elaborando, a tomar uma e foi formando a RDP. Para tentar unir todo mundo. Viu que aquele tempo de ficar brigando já passou, né? Não tinha mais tempo de tá brigando. Todo mundo compreendeu que já passou [...]. O nome ficou, porque os caras antigos começaram a se encontrar. Começou ali no terraço de uma casa de amigos para tomar uma. Ai ficou os Relíquias da Pixação. Mas o movimento foi crescendo, que passou de ser só os Relíquias, aquele grupo de amigos, e abrangeu o pessoal novo, os mais antigos ainda, os mais novos ainda do que os Relíquias. Por isso a gente prefere dizer RDP até. Ai ficou Família RDP (Conversa informal com Spiro, agosto de 2016).

O espaço de lazer, ou a necessidade dele, é elemento central dessas relações sutis e, ao mesmo tempo, tão profundas são as questões que podem ser retratadas na criação e ressignificação desses termos nas dimensões que lhe estão implícitas – produção de espaço, economia, política, etc. A rede dessas relações entre pares (OLIVEN, 2002) tornam a cidade o plano de fundo na compreensão dessas dinâmicas, que são produzidas e se reproduzem na busca pela formação e diferenciação da sua identidade para serem reconhecidos e,

principalmente, se reconhecerem (PAZ TELLA, 2015) por seus *chegados* e por outros pixadores. Dessa forma, compreendo que a principal função da ressignificação das palavras na busca por essas novas terminologias, para, de certo modo, lhes definirem enquanto sujeitos, estaria pautada nesse processo de mudança e reinvenção de um espaço para si – nessa complexa rede de relações individuais e coletivas que expressam para extrapolar as possíveis fronteiras existentes (WHYTE, 2005).

Apesar de a RDP ter surgido em 2007, a iniciativa da *pelada*, enquanto uma ação de maior porte, teria se concretizado em meados de 2013 nessas reuniões com amigos próximos e antigos pixadores da região, que afirmavam sentir falta de um espaço para “*trocarem ideia, ficar de boa e falar sobre pixação*”. A proposta de tomar uma cerveja, se divertir e escutar um bom *funk*, sem as antigas *rixas* de bairros, *torcidas* ou *galeras*, configurou a proposta de quem passou a organizar esse espaço, assim como também entre aqueles que frequentavam.

De acordo com a fala de Spiro: “*já que não tinha mais os bailes funks, a gente entrou nesse processo de querer unir todo mundo. Eu parei e muita gente parou de pixar por muito tempo. Porque, de certa forma, a gente conhecia muito pixador nesses bailes funks, a maioria começou através dos bailes*”. Percebe-se, portanto, a importância que os antigos *bailes de corredor* tiveram na construção de muitos pixadores. Apesar das críticas, por causa da repercussão negativa que esses bailes trouxeram para a prática durante muito tempo, principalmente pela exaltação das brigas e pela perda de um espaço coletivo comum, é de consenso, entre aquelas pessoas que conversei, o caráter nostálgico e a relevância que o *funk* e seus antigos bailes tinham, e ainda têm, para *pixação* – não é à toa que se ouve *funk* e se fala sobre o *funk* em todos os espaços e rodas de conversa nas quais frequentei.

Essa pausa foi boa. Porque fez com que acalmasse os ânimos da galera. A galera tava muito fissurada. Muitos anos de baile funk, de briga, acabou gerando essas coisas todinha. Mas foi bom, foi válido! Mas não quer dizer que acabou a briga não. Foi difícil acabar essas brigas, até porque torcida influenciou muito e influencia muito para existir briga (Conversa informal com Sola, junho de 2015).

As dificuldades de terem se estabelecido outros espaços de sociabilidade e lazer como esse advém da existência de conflitos territoriais, citados inicialmente no capítulo anterior, que existiam nos *bailes funks de corredor*. Desse modo, tais conflitos interferiam direta ou indiretamente na dinâmica dos sujeitos. Apesar de afirmarem não existir com a mesma intensidade que aconteciam antes, os problemas entre as *galeras* e suas *siglas* ainda eram percebidos por muitos. Por exemplo, havia, nesses espaços, pessoas que frequentavam os

mesmos locais que seus antigos desafetos, mas que, apesar da convivência “harmônica”, não se comunicavam ou estabeleciam qualquer relação de proximidade. Não há brigas físicas ou agressões verbais, afirmam. Contudo, alguns desses sujeitos que pertenciam às *galeras* rivais preferiam manter uma relação afastada, com cumprimentos de convivência limitados – se olham e “*dão aquele salve*”, se cumprimentam com um bom dia, boa noite, “e *ai*”, ou apenas “*se respeitam, mas não se falam*”. Como ênfase, não podemos esquecer que essas reuniões:

[...] potencializam o desenvolvimento de laços entre os pichadores, tornando explícito o desenvolvimento de redes locais da atividade. Promovidas em ambientes públicos, eventualmente transferidas por conta de motivações externas, aos olhos dos não praticantes passam despercebidas, como outros aglomerados urbanos de jovens em recreação (SOUZA, 2007, p. 66).

Além disso, o início das sociabilidades construídas acontecem nas suas *quebradas* entre seus próprios pares comuns, se estendendo, posteriormente, por esses outros espaços que ampliam suas redes de relações.

Sobre o *point*, comecei a ser adepta, de fato, dessas “*quintas sagradas*”, como eles mesmos chamam, no final de 2015. E assim como eles, também perguntava quem ia sair da Caxangá, região que resido, e quem poderia se encontrar comigo no Derby, área central da cidade para quem vem de diferentes localidades. Guri, um dos pichadores que conheço desde a minha época de torcida organizada e antigo morador de um bairro que residi na infância, trabalhava no centro do Recife e, na maioria das vezes, era ele quem me encontrava para seguirmos para a *pelada*. Sempre disposto a me ajudar com as informações que fossem necessárias para a escrita deste texto, dividiu comigo, durante dois meses, os *trajetos* do Derby até a João de Barros: “*Quando largar do trabalho, te dou o alô*”, e é assim que se seguia a maioria dos inícios das conversas que construíram nossos primeiros diálogos. Contudo, infelizmente, precisou espaçar suas idas e diminuir sua frequência no *point* devido aos compromissos de trabalho.

Assim como Guri, a maioria dos pichadores que frequentava a *pelada* saía das suas respectivas atividades laborais e combinavam para se encontrar com outros *chegados* no percurso desses *trajetos* até a quadra. Esses lugares de passagem, que se caracterizam como caminhos de deslocamentos, são denominados por Magnani (2012) como *trajetos* que ligam os atores aos seus *points*, *pedaços* e *manchas*. Desta forma, as regiões centrais, terminais e ponto de ônibus em seus próprios bairros eram alguns desses espaços que marcavam para encontrar seus pares e, conseqüentemente, também para saírem para pixar compondo as

narrativas de seus *trajetos*. Uma grande parcela ainda chegava na quadra com a farda do trabalho, trocando de roupa no próprio local. Como afirma um desses interlocutores que esperava comigo sentado ao redor da quadra, em uma *troca de ideia* sobre a *pelada* e a forma como as pessoas vinham chegando:

A grande maioria aqui vem do trabalho. Tem uns que já vem até pixando, porque isso aqui para gente é um espaço pra trocar ideia sobre o que a gente gosta, que é a pixação. Tem gente que curte sair do trabalho e ir para um brega, um forró, um show, barzinho. A gente curte ficar aqui bebendo com amigos e depois às vezes sair pra pixar (Conversa informal, janeiro de 2016).

Deste modo, com intuito de “*beber, curtir e sair para pixar*”, esse espaço representa, para seus atores, um *pedaço* (MAGNANI, 2012) comum na periferia da cidade, onde se encontram e conversam sobre pixação, relembram suas histórias antigas e falam sobre as vivências nesses antigos *bailes funks*. Aqui, a utilização dessa categoria trazida por Magnani (2012), assim como a categoria de *trajeto* citada anteriormente, me permitiu descrever a forma de sociabilidade que enfatiza essas relações entre o espaço e os atores sociais que estão envolvidos. No entanto, percebeu-se que pertencer a um *pedaço* na periferia da cidade significa reconhecer-se em uma teia de relações mais amplas através desses símbolos que são compartilhados – as camisas de pixação, as roupas, o compartilhamento de *folhinhas* e as pixações que estão gravadas por toda a cidade. A partir desses contatos, diretos ou indiretos,

pixadores de localidades diferentes conhecem-se pessoalmente e combinam de sair para pixar juntos, ou sair para dar um rolê, como designam o ato de sair para marcar a cidade. Desse modo, toda uma rede de sociabilidade é tecida em torno dessa prática, que lhes permite estabelecer amizade e mesmo alianças com outros jovens de localidades as mais diversas, expandindo não apenas relações, mas também sua fama e reconhecimento (PEREIRA, 2015, p. 110).

Falando sobre a praça, o espaço no qual aconteciam esses encontros era frequentado por diferentes grupos. Muitas crianças e outros moradores que jogavam bola em outra quadra próxima acabavam por circular entre uma quadra e outra. Também existia a presença, nesse espaço, de comercialização de bebidas e lanches, através dos vendedores ambulantes e em barracas instaladas nas próprias casas ou nos arredores da praça, o que era um comércio aderido pelas pessoas que residiam na própria comunidade; além dos *nóias*, como são chamados os usuários de crack que atravessam a praça para consumir a substância em baixo do viaduto. Ou seja, os *nóias* geralmente não ficavam parados na praça, mas passavam por

ela, além de não serem bem vistos pelos pixadores e por aqueles que também utilizavam a praça como espaço de lazer. Às vezes, eles paravam e pediam cigarros ou esperavam alguém ceder um gole de cerveja, mas sempre passavam. Não invisivelmente, pelo contrário, pois era perceptível os inúmeros olhares que se voltavam para eles, pois “*no geral eles não mexem, mas é sempre bom ficar esperto*”, foram algumas das dicas que me foram dadas quando percebi logo de imediato a presença deles.

Dentro dessa perspectiva, a praça, nas categorias trazidas acima por Magnani (2012) sobre espaço urbano e sociabilidade, não se constitui apenas como um *point*, como um *pedaço* para os pixadores, mas se caracteriza também como um espaço que é frequentado por vários outros grupos e pessoas com diferentes modos de se relacionar, passando a ser compreendida, dentro de uma ótica maior, como um espaço de diferentes *pedaços*, onde são impostas suas regras e condições de uso por aqueles que a habitam e transitam por ela. Assim, também, pode ser vista como uma *mancha*, pois estamos falando de um local que é utilizado como suporte para diversos outros grupos que se formam aos seus redores – os *nóias*, “*as irmãs que saem da igreja*”, crianças, moradores, pixadores, estudantes universitários, etc.

Sobre a forma como o conceito de *pedaço* está sendo posto aqui, entendo a *pelada* a partir da existência de normas que regulam a convivência mediante a ocupação desse espaço no seu uso como equipamento, que, por vezes, poderia vir a tornar essas relações um pouco tensa. Exigindo dos próprios pixadores avisos prévios para os outros que são “de fora” e que nunca teriam frequentado o local anteriormente. “*Tudo em prol do bom convívio com os moradores*”, como afirmam ao serem apresentadas essas regras e delimitações do espaço.

Nesse sentido, de um espaço que possui suas próprias normas e regras, a preservação da praça é mantida para que se estabeleça o bem-estar entre pixadores e moradores, já que a quadra estaria dentro das fronteiras que determinam o seu pertencimento a própria comunidade da João de Barros. Durante a *pelada*, por exemplo, quando os pixadores se sentem dispostos a pixar nos seus arredores, são colocadas as fronteiras que se localizam entre o viaduto e asfalto da avenida, ou seja, que não seja considerada como pertencente a comunidade, não sendo possível ultrapassar esse limite que indicaria os espaços que pertencem a comunidade – aqueles nos quais o seu uso seja considerado relevante para os próprios moradores, como a própria quadra. Esse limite estaria entre a praça e o viaduto que corta a avenida, não sendo permitido, em hipótese alguma, pixar a casa de algum morador e seus arredores. “*Bancos de cimento, poste e chão, até podem. Mas casa de morador e a creche das crianças, não! Pixaram ali, aquele negócio de cimento que fica colado no poste e teve morador que ficou falando. Então a gente prefere evitar esse tipo de problema, porque*

sobra para gente que mora aqui”, me explicaram logo nos meus primeiros dias quando perguntei como era a relação deles com as demais pessoas que também usufruíam da praça.

A quadra localiza-se em uma praça pública próxima a Universidade de Pernambuco – UPE –, na já apresentada Avenida Agamenon Magalhães. Contudo, por ser frequentada, em sua maioria, por moradores do bairro no qual está localizada, a João de Barros, ela já é tida como a “*quadra da João*”. Os usos de seus equipamentos são intercalados com diversas atividades – escolinha de futebol, aula de capoeira e academia da cidade, por exemplo. Por isso, existem os horários estabelecidos para os grupos que poderão usá-la para jogar. Antes de começar a partida organizada pelos pixadores, a quadra é utilizada por crianças da própria comunidade, tendo aulas de futebol das 18h às 20h. Após a aula das crianças, em sua maioria meninos entre 7 a 12 anos, “*é a vez da gente usar*”, afirma um pixador quando pergunto de que horas se iniciam as partidas. Enquanto aguardam sua vez, alguns bebem, outros conversam, passam as *folhinhas* e cadernos e fazem as listas com a ordem de chegada para a formação dos times. Os jogos não se estendem por toda a noite. Por se tratar de uma *pelada*, estamos nos referindo a uma partida de futebol com amigos e conhecidos, com um tempo de partida inferior aos 45 minutos – tempo habitual de um jogo de futebol profissional. Na maioria das vezes, as partidas encerram após um número “x” de gols. O que não implica dizer que não existam torneios e competição, pois eles também se organizam e realizam torneios entre si, com prêmios e troféus para o time vencedor – como o *Capa Champions League 2016*.

No início de junho, em 2016, aconteceu esse campeonato, intitulado de *Capa Champions League 2016*. O nome do campeonato foi uma homenagem a um pixador que teria morrido recentemente, causando bastante comoção em todos. A causa da morte não estava relacionada com a prática da pixação. Através dos relatos, soube que ele teria se suicidado, deixando diversos questionamentos para seus amigos próximos, até para aqueles que não o conheciam. Sobretudo, essa referência e homenagem aos pixadores mortos existe na pixação como uma prática comum, não precisando estar relacionada a algo acontecido durante o ato de pixar. Os bairros e suas siglas fazem homenagens aos seus falecidos, confeccionam faixas e camisetas que são expostas em eventos como esse de pixação e, algumas vezes, realizam festas em homenagem àqueles que já se foram. Respeitar a memória dos mortos demonstra o respeito para com todos os envolvidos. Os dizeres “*Capa eterno*” e “*Torre vive*” são algumas das homenagens que preenchem muros, camisetas e bandeiras.

Durante o campeonato percebi que esse era o período em que o *point* esteve mais lotado, como nunca tinha visto antes desde as minhas idas em dezembro, chegando a

ultrapassar o número de cem pessoas. Os times eram montados, tinham torcidas de amigos pixadores e simpatizantes, em sua maioria pertencentes ao mesmo bairro, que se amontoavam ao redor da quadra, pendurados em seus arames com gritos e risos durante o decorrer das partidas. Vibravam, riam, bebiam, conversavam e compartilhavam. Uma confraternização mútua de pixadores vindos de diversos bairros e regiões. Os times eram separados em grupos correspondentes às suas siglas e bairros.

E essa proposta de “*unir as siglas*” de pixação, ou seja, os grupos de pixadores em um único *point*, favoreceu a volta daqueles que estavam afastados do movimento. Muitos desses que se afastaram, queixavam-se das antigas brigas de bairro e as culpavam pelo seu afastamento. Como foi dito, nem todos que estão ali são amigos devido a essas antigas brigas de bairros e *galeras* que repercutiam na prática da pixação; alguns que ali estavam jogavam bola juntos, não se falavam, “*apenas respeitavam o espaço*”. Por um momento pareciam conseguir conviver sem brigar, mas depois de certo consumo de bebida às vezes “*os caras querem se estranhar. Mas a gente já separa e não deixa brigar*”, afirmavam os pixadores, quando perguntados sobre a convivência. O intuito era o de conviver minimamente em paz, *trocar ideias*, jogar bola, ouvir *funk* e lembrar esses velhos tempos que não possuíam apenas aspectos negativos, além de beber e se divertir posteriormente na quadra ou em outro local.

“*Nunca pensei que iria ver isso aqui, os caras de altas ré juntos, nunca imaginei acontecer isso. Principalmente com muita gente que tá aqui!*”, afirmou um pixador ao lembrar das confusões que existiam nos antigos bailes. Falamos sobre a proposta do *point* e sobre a impossibilidade de existir um evento com pixadores de diferentes bairros há alguns anos atrás. Depois de alguns minutos conversando, eles sempre se levantam e iam jogar bola. Afinal, estamos falando sobre uma *pelada* de pixação, não apenas de um espaço de festas. Além da confraternização e trocas estabelecidas, existe o objetivo em comum: jogar bola! (Diário de campo, fevereiro de 2016).

Como já foi mencionado, mesmo que indiretamente, a trilha sonora desses espaços são os próprios *funks* que tocavam nesses antigos bailes, os chamados *funks proibidos*, com letras sobre as respectivas *galeras*. Nas batidas desse estilo de música *funk*, conhecida por possuir batidas mais pesadas com letras que relatam a exaltação de grupos e pessoas desafiando grupos rivais, a *pelada* tinha a sua própria trilha sonora que tocava durante toda a noite. Letras sobre pixadores e pixação são as preferidas. Mas, na maioria das vezes, ouvia-se as músicas dessas próprias *galeras* que eram tocadas nesses antigos bailes. As letras que exaltam seus bairros possuem composições que cantavam: “*Passe a respeitar, vê se não se esquece, a maior do baile é a galera da VS. Vamo lá VS! É pau, é pedra, é osso duro de roer, O baile da zona norte quem comanda é VS*” (Funk – “Montagem da VS”).

Esse estilo de música, com letras específicas para cada bairro, tem influência direta na dinâmica da pixação do Recife, por causa de suas antigas festas, os *bailes funks de corredor*, com suas brigas de bairros e *galeras* que se configuravam como antigos espaços de sociabilidade e lazer para pixadores. “*O Funk e a pixação andam juntos*”, relataram os pixadores ao afirmar que não se pode falar sobre a pixação sem citar esses *bailes funks*. Por isso, considerar sua relevância possibilita compreender como se constitui a dinâmica da pixação na cidade influenciada por essas *tretas* de bairros e *galeras*. A exaltação do estilo de vida da maioria deles, através dos chamados “*proibições*”, contribuem para uma autoafirmação e fortalecimento da identidade que estabelecem com seu próprio grupo.

Figura 9 - O point no início das partidas de futebol



Fonte: arquivo pessoal da autora, fotos tiradas em junho de 2016.

Figura 10 - Mapeamento do local, João de Barros.



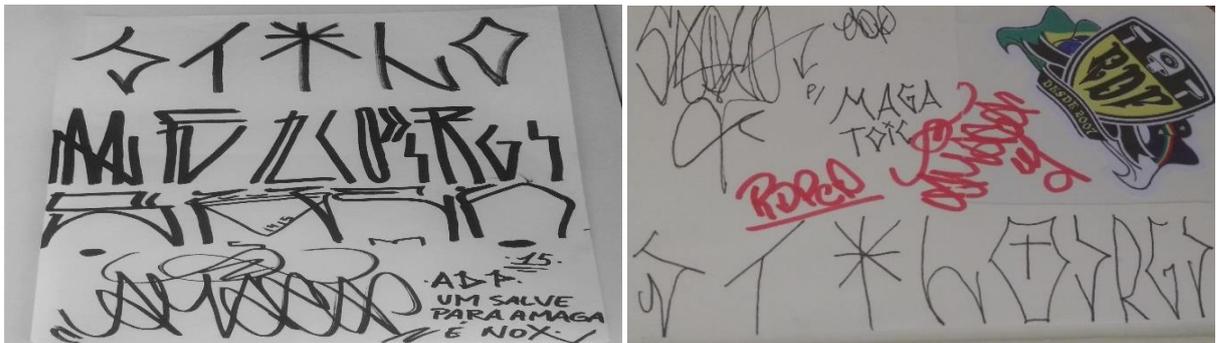
Fonte: Google Maps, acessado em junho de 2017.

Figura 11 – Tela feita na João de Barros



Fonte: arquivo pessoal da autora, abril de 2016.

Figura 12 - Minha primeira folhinha e pixações feitas no Caderno de Campo



Fonte: arquivo pessoal da autora, foto em março de 2015.

4.2 As folhinhas como dispositivo de registro

Caderninhos e folhinhas de pixação circulam a todo o momento nos *points*, *bailes funks* e festas que estejam presentes uma quantidade significativa de pixadores, percebendo que elas eram passadas quando um número superior, acima dez pixadores, estava presente. Sobretudo, naquele momento quando se encontravam com aqueles mais antigos, ou que adquiriram *status* e *prestígios* por outros pixadores. Utilizados como elementos de registros e, conseqüentemente, de socialização, pixadores passam de mãos em mãos, sentados, contando histórias, bebendo e se organizando para jogar bola. “*E aí, vai?*”, também sou convidada para “*deixar minha marca*” – como se referem ao ato de registrar seu *vulgo* em algum lugar. A convite, deixo minha marca e passo o *caderninho*, colocando muitas vezes o meu próprio caderno de campo “*na roda*”, no meio dos próprios interlocutores, para que registrem suas

marcas e pixações. Colocar meu nome em um *caderninho* ou *folhinha*, começando também o meu próprio registro, é uma excelente oportunidade para se iniciar uma conversa com quem não conheço.

Na elaboração de sua marca, a estética da letra é valorizada, assim como também sua capacidade criativa. Nesses momentos, saber pixar e ter seu próprio apelido facilita bastante. Como já tinha meu próprio apelido e elaborado a minha própria marca, meus diálogos também se desenvolviam sobre estética ao assinar nas folhinhas e caderninhos que passavam pelo grupo. “*Não sei fazer letras retas, prefiro embolada*”, comentava algumas vezes me referindo ao tipo de letra utilizado por alguns. “*Muito fácil, deixa eu te ensinar*”, cordialmente era ensinada sobre os mais variados modos estéticos.

Nos diálogos que seguiam, nesses momentos nos quais as assinaturas eram compartilhadas em um mesmo papel, percebi que o processo de criação de uma *pixo* requer, muitas vezes, um esforço de pesquisa no qual se busca tornar a sua marca única e original, com o propósito de fortalecer a sua própria identidade visual. Demonstrando como a valorização estética e criativa da letra é levada em consideração quando explicam sobre a processo de criação da sua assinatura:

O Menor tem um tipo de letra diferente, que todo muito conhece e sabe que já é criação dele. Ele misturou letras do alfabeto árabe com a pixação. Isso é massa! Tipo... nenhum pixador faz isso aqui, só ele. E ele passa horas pintando telas, rabiscando folhas. É um estudo mesmo, tá ligado? O cara pesquisou alfabeto, pesquisou letras de pixo, é muito louco isso ((Conversa informal com Stilo, março de 2015).

A importância da criação de uma assinatura envolve tanto uma expressão íntima e subjetiva de si mesmo quanto o desenvolvimento de habilidades manuais e técnicas tipográficas (MOURA, 2014). A estética, para eles, é a marca do pixador. Exigindo, assim, um grande potencial criativo para conseguir criar um modo peculiar de escrita que seja reconhecida como sua. Elaborar sua própria marca, nesse sentido, tem o intuito de conseguir fazer com que reconheçam seu nome pelo simples fato de olharem os seus traços, mesmo que de longe. Afinal, em uma batalha de letras que se consolidam nos muros da cidade, é preciso ter *destaque* em meio a tantos outros nomes que ali também disputam o mesmo espaço. A importância na elaboração de sua assinatura na construção do pixador representará sua autenticidade e originalidade – qualidades fortemente levadas em conta na atribuição do respeito entre seus pares.

Sobre conseguir ter seu nome conhecido no universo da pixação, “*ah, eu acho que já vi esse nome*” são respostas frequentes após o registro feito na *folhinha* de quem disponibiliza. Negar ter visto aquela assinatura alguma vez é uma ofensa muito grande. E, embora não haja discussão, o semblante de desagrado fica evidente. Por isso, é comum que se elogie a letra, fale de pessoas para que se estabeleça algum laço de amizade ou de pessoas próximas que sejam do mesmo grupo daquele que era, até então, desconhecido pelo dono do *caderninho* ou *folhinha*.

Além desses meios de registro, reportagens também servem como arquivo. Não se trocam as reportagens, mas se expõem para os demais, e são elementos importantes na construção de seu próprio acervo, sendo motivo de orgulho e reconhecimento por outros pixadores conseguir alguma matéria antiga. Ter um bom arquivo com reportagens, *folhinhas*, *caderninhos* e fotos é sinônimo de *prestígio*. Todo pixador tem seu próprio acervo de pixação e gosta de exibi-lo. Aqueles que ainda não têm, logo começam a guardar aquilo que conseguem para iniciar sua própria biblioteca particular: “*Guarda essa folhinha aí, todo encontro tu começa a criar a tua*”, sou incentivada a criar meu próprio acervo, pois os pixadores consideram como uma prática importante, tanto para quem se interessa pelas coleções quanto para o próprio movimento, “*porque fica registrado na memória e fica como prova*”. Ter seu registro serve como prova, tanto para dizer que você esteve lá quanto para validar sua fala relatando algum ocorrido sobre uma determinada época e situação.

Considerando que a principal característica da pixação é a sua efemeridade, tornando-se esse o maior obstáculo o qual os pixadores afirmam tentar a todo tempo superá-lo, a importância do registro entra como tentativa de superar aquilo que é fugidivo, pois uma pixação realizada hoje poderá ser apagada no dia seguinte. Desta forma, colecionar esses nomes nestes dispositivos aparecem “como uma forma de fazer com que os seus pixos permaneçam e não sejam apagados da memória” (PEREIRA, 2010, p. 155), introduzindo nas rodas de conversa, nas festas e nos *points*, o hábito dos pixadores trocam histórias e darem continuidade ao “*seu legado*” – expressão dita por eles para referir-se ao tempo que passou se dedicando à pixação. Assim como, valorizam as coleções que possuem nomes de pixadores mais antigos e mais famosos, pois um nome feito há seis anos, guardado com maior cuidado e zelo, garante uma espécie de continuidade daquele pixador: “a coleção de assinaturas de pixadores constitui um acervo em que suas inscrições, tão efêmeras na cidade, conseguem uma permanência maior, constituindo para muitos deles uma memória da pixação e da própria juventude” (PEREIRA, 2010, p.150).

Além disso, as lembranças trazidas e o respeito à memória dos pixadores que já não estão mais presentes tornam essas ferramentas como importantes agentes na *memória coletiva* estabelecida entre pares. Candau (2012), ao abordar as relações existentes entre memória e identidade, afirma o importante papel dessa relevância dada à memória dos mortos para a afirmação de *identidades coletivas*. Para o autor, o jogo social estabelecido entre a memória e a identidade é tratado também nas implicações que se referem ao patrimônio, uma vez que “o patrimônio é menos um conteúdo que uma prática de memória, obedecendo a um projeto de afirmação de si mesma” (CANDAU, 2012, p. 163).

Dessa forma, é a partir dessas relações estabelecidas entre os registros e os dispositivos de *memória coletiva*, acionados nesses compartilhamentos comuns, que os pixadores também tecem suas redes de relações, iniciadas nessas trocas de assinaturas, comercialização de camisetas, CDs, DVDs e divulgação de ingressos para festas de pixação. Também é comum, nas realizações de suas festas, a criação de uma tela que também serve como mecanismos de registro, memória e sociabilidade.

Figura 13 - Camisetas de pixação comercializadas



Fonte: arquivo pessoal da RDP, março de 2016.

Figura 14 - Ingressos de festas comercializados



Fonte: arquivo pessoal, março de 2016.

4.3 Os bailes funks

O *funk* caracterizado como fenômeno de massa (VIANA, 1988) estaria presente nos *circuitos* de sociabilidade e lazer de diversos jovens, em sua maioria, moradores de periferias. Na pixação, não é diferente. Os *bailes funks*, que são promovidos nas periferias da cidade, caracterizam-se como umas das principais festas inseridas nos *circuitos* de lazer dos pixadores. A música *funk* está presente no *point* e festas de pixação. E falando do *funk*, também estamos falando dos *bailes funks* nos seus antigos e novos formatos, distinção que eles mesmos fazem ao falar sobre os bailes e suas influências na pixação.

No período atual, em novo formato, esses bailes adotam como característica o repúdio às brigas e ao uso de violência, em prol de um espaço acessível para todos, priorizando uma convivência pacífica de bairros e *galeras*. O termo *galera* refere-se a grupos que se formam a partir de laços de vizinhança, e a “rivalidade e uso da violência física incorporam-se às práticas e representações das *galeras*, explicitando uma oposição entre nós (os amigos) e eles (os inimigos, os alemães)” (SOUTO, 2003, p. 89). Entretanto, no seu formato antigo, caracterizados como *bailes de corredor*, o *funk* era visto como sinônimo de apologia às brigas, mortes e *tretas* de *galeras*. Reportagens em redes de televisão local viam essas festas como algo que precisava ser banido, exigindo a interdição desses bailes e transformando em uma questão de segurança pública o seu banimento. Suas críticas estavam pautadas pelas rivalidades existentes entre essas *galeras*.

Retratando um pouco sobre essas tensões entre os bairros e *galeras*, pois é nela que se fundamenta a maioria dos discursos sobre os conflitos e relações existentes na dinâmica da pixação na cidade, trago trechos dos *funks proibidos* locais compostos por MCs que se relacionam com o universo da pixação. As letras relatam o estabelecimento de alianças e desavenças com outros bairros e regiões. Nas estrofes das músicas, eles chamam a atenção para os duelos de pixo, espaços territoriais e as consequências para quem o desrespeita.

Se bater de frente, meu amigo eu só lamento. Santo Amaro e o Arruda promete ser violento. Santo Amaro e o Arruda, o bonde quebrar quebrou. Mas se tu bater de frente, cuidado com os pixador. Os pixador da Zona Norte pixa mais que a Zona Sul. E quem não gostou vai pá pum! (Mc Taz, “Abc da S.A”).

O “P” de primeiro, o “C” de comando, “P” da pixação. A PCP tá abalando. Eu só gosto das alturas, no céu é meu lugar. Somos conhecidos, o terror da Caxangá. Invade o Recife sem discriminação, eu falo de uma arte que pra nós é solução. Chegou humildemente sem ninguém perceber, estou

falando a verdade, ela não para de crescer, porque no nosso meio não tem fuleiro não, quem vacila em nossa área dá mergulho no valão. Porém não tenha medo, basta respeitar (Mc Derek, “Bonde da PCP”).

Os *bailes funks* mais famosos do Recife, que não existem mais, eram conhecidos como Baile do Rodó, localizado no bairro da Imbiribeira, e Baile do Téo, que acontecia no bairro de Casa amarela – ambos situados em periferias. Neles, os bairros, siglas e *galeras* ficavam divididos entre um enorme corredor, no qual se repartiam em grupos de acordo com suas alianças e desavenças. Por isso, por conta desse formato, eram conhecidos como *bailes de corredor*. Nesse corredor, os bairros que tinham amizades ficariam juntos, de frente para outros bairros que tinham desavenças, e, conseqüentemente, iniciavam uma disputa territorial na qual venciam quem *invadissem* mais o espaço do outro. A estrutura desse baile se dava da seguinte forma: o espaço era dividindo em lados – lado A e lado B, por exemplo –, e cada lado era composto por diversos grupos que se uniam para *invadir* o lado da *galera* inimiga.

Figura 15 - Aniversário da PV



Fontes: imagens retiradas do vídeo “Aniversário da Pv”. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=es2XJ4KdkJs> >. Acesso em: 10 /11/2016

Figura 16 - *Baile funk* do Téo



Fonte: imagens retiradas do vídeo “Baile do Téo”. Disponível: < <https://www.youtube.com/watch?v=4aVEyJDKAk> >. Acesso em: 10 /11/2016

Figura 17 - Reportagem sobre os *bailes funks*

Baile funk transforma pancadaria em diversão



Fonte: imagem retirada do Mc Tas. Disponível em: < <http://www.fotolog.com/tas157/67301128/> >. Acesso em: 10 /11/2016

Como mencionado, os *bailes de corredor* faziam parte do *circuito* (MAGNANI, 2012) de festas entre pixadores. A festa promovida pelo baile, além de servir para levantar o *status* de seu bairro e da sua *galera*, desempenhava um papel fundamental na expressão de *bairrismo*, que se exprime em rivalidades produzidas por um sentimento de pertencimento ao

seu bairro. Para Velho (1999, p. 59), “algumas destas colectividades de bairro não só participam da vida social quotidiana como contribuem para a (re) criação de uma identidade *de bairro* na construção de uma imagem unitária do bairro, para o exterior, no momento de confronto com outros bairros”. Sobre as *galeras*, trata-se de um grupo maior que estabelece aliança entre vários grupos de pixadores e seus respectivos bairros e siglas. Pois, como falamos anteriormente, as siglas, em sua maioria, estão relacionadas ao bairro ao qual pertence – por exemplo, Anarquista Detonadores do Pina (ADP), João de Barros (JB) e Pixadores do Curado (PDC).

Fazer parte de uma *galera*, além das tensões existentes, possibilita fazer parte de uma rede de relações por toda a cidade, constituindo, assim, uma rede de grupos de jovens de diferentes localidades que compartilham de alianças e desafetos semelhantes. O mais importante nessas festas e espaços, era a busca por levantar a popularidade da sua *galera* *invadindo* bairros rivais, seja nas brigas de *corredor* ou pixando nos bairros que possuíam rivalidade. Levantar o *status* da sua *galera* acabava repercutindo no seu próprio *status* enquanto pixador, considerando que: “*não é só o pixador que faz a sigla, mas a sigla que também faz o pixador*” (conversa informal, novembro de 2015).

Contudo, essas festas *funks* em seus antigos formatos, de *bailes de corredor*, passaram a ser alvo de críticas pelos próprios pixadores, atribuindo-se a esses espaços o caráter potencializador das rivalidades existentes. Dessa forma, nas tentativas de apaziguarem antigas *rixas* de bairros, com comparações de um antes e um depois, os pixadores afirmam que a violência tem diminuído e que eles estão se empenhando para isso. A criação desses novos bailes, os chamados *bailes funks de paz*, possuem nas suas organizações os próprios pixadores⁴⁸, surgindo a partir desse “*novo momento do funk*” vívidos de 2013 para cá. A proposta de unir todas essas *galeras* sem brigas e sem atritos, “*curtindo o baile namoral*”, passa a ser utilizada quando se questiona aqueles que não “*abraçam a ideia*”, chamando-os de *comédias*⁴⁹ por não cooperarem com essa busca de amenizar as antigas brigas: “*quem faz isso, ainda não entendeu o que é pixação, ainda não cresceu na pixação, tem cabeça pequena*”, afirmava um interlocutor durante as conversas sobre essas festas na *pelada*. Os *bailes funks* eram, e permanecem sendo, um espaço de festa, confraternização e de identificação individual e grupal com encontros e trocas (SOUTO, 2003).

⁴⁸ Quando não estão liderando as organizações dos bailes, os organizadores do evento estabelecem diálogos com os pixadores presentes no intuito de serem ajudados nessa proposta de fazer um “*baile da paz*”.

⁴⁹ “*Comédia*” é aquele sujeito que não contribui para o bom desenvolvimento do grupo e que não segue as regras morais que lhes são esperadas – como o “*respeito, humildade e disciplina*”. Questões que também são trabalhadas em Biondi (2010) na sua pesquisa sobre o PCC.

A proposta de trazer a união, mencionada anteriormente, faz com que sejam compostas novas letras de *funk* que passam a reforçar esses valores, investindo na integração das siglas e *galeras* para “*combater as desavenças*”. Ao mesmo tempo em que definem suas regras para separar quem é “*de verdade*” e quem é “*comédia*”, ou seja, quem são aqueles que “*correm lado a lado*” e aqueles que prejudicam o movimento.

Ou some, ou some. Relíquias da Pixação, se liga esse é meu bonde. Pra começar a brincar, e tu não brincar errado, você tem que respeitar o movimento citado. Baile é baile, jogo é jogo. Isso fico nas antigas, nosso bloco é de paz, não toleramos a briga (MCs Avida, Baby e Sony, “RDP ou Soma, ou Some”).

Nada de intriga, viemos pra somar, pra esquecer do mundão joga a fumaça pro ar. Mas alguns vacilão tentaram nos sabotar, pensaram que era modismo, somos das antiga. Coração é funkeiro e não vai mudar. Loucura que incendeia, faz o corpo balançar (MC Derek, “Família RDP”).

O *funk*, dessa forma, é uma possibilidade para se confraternizar e socializar, fortalecendo a própria identidade que possuem com suas comunidades. Passando a se concretizar como uma espécie de hino para os pixadores, os quais compõem letras que exaltam seus próprios estilos de vida em “uma integração que passa pela pacificação das *galeras* em bailes e festivais, propiciando inclusive a conversão das antigas rivalidades em parcerias produtivas, por sua aproximação e convívio com membros de outros grupos etários, profissionais e sociais, pela dilatação, enfim, de seus *circuitos* de sociabilidade” (SOUTO, 2003, p. 81).

Durante a pesquisa, o primeiro *baile funk*, com ampla divulgação, que aconteceu, foi o Baile dos Namorados. Anteriormente, houve outras tentativas de festas e divulgação, mas as desconfianças dos pixadores não despertaram interesses por acontecerem em uma área considerada “*sujeira que ninguém conhece a galera*”. Nessa segunda tentativa, vamos chamar aqui assim por ter sido o segundo baile que aderiu a essa proposta de tentar trazer a volta dos *bailes funks* na região, a mensagem trazida nos cartazes e no ingresso era trazida como um baile que almejava um “*Funk da paz*”. No ingresso, a imagem de um coração preenchia a logo dos promotores do evento, que sinalizava, em caixa alta, que aquela festa, além de comemorar o Dia dos Namorados, pretendia ser um lugar de paz entre os grupos de bairros e *galeras*. “*Para ouvir e curtir funk em paz*”, eram as falas ditas pelos organizadores e pixadores que divulgavam o evento.

Figura 18 - Cartazes das festas dos *bailes funks*



Fonte: arquivo pessoal, julho de 2016.

A afirmação de ser um local de paz, que cada um poderia curtir com sua *galera*, com os pixadores e as “*galeras das antigas*” em um “*novo formato*”, como eles chamavam, buscava apaziguar as antigas *tretas* nesses antigos *bailes funks de corredor* citados anteriormente.

“*Peixinhos e a PV juntos, quem já imaginou? Isso é histórico*”, falavam os pixadores emocionados quando presenciavam a chegada do ônibus de Rio Doce junto com o pessoal que compunha a *galera* de Peixinhos, duas comunidades bastante rivais que marcaram os antigos *bailes de corredor*. Nessa ênfase que gerou comoção nos mais antigos que ali estavam, se percebe a tamanha rivalidade que existiam entre elas (Diário de Campo, junho de 2016).

O ingresso custava dez reais, com atrações principais dos MCs (Mestre de Cerimônia) locais, dentre eles, diversos MCs que cantavam os antigos *funks proibidos*. O evento aconteceu no Clube da Compesa, um espaço comunitário localizado no bairro do Engenho do Meio, que foi alugado. Como residia próximo ao local, decidi ir sozinha de ônibus. No caminho, observo a movimentação nas ruas com pessoas se encaminhando ao evento agrupados com mais de duas ou três pessoas. Alguns desses grupos chegavam a compor dez pessoas caminhando juntas com suas latas de cervejas na mão, sorrindo e observando as ruas. Quando subi para o ônibus – pois, apesar de ser próximo, não estava confortável em ir caminhando sozinha por quinze minutos em um domingo no final da tarde –, percebo quatro homens que estavam sentados atentos ao percurso que o ônibus fazia no intuito de identificar

em qual parada poderia descer, então, associei a possíveis pessoas que estivessem se deslocando para o baile como eu. Trajados com bermudas da Cyclone, tênis Nike, correntes de prata e bonés das marcas citadas, compunham os estereótipos básicos que lhes enquadravam no papel de *galerosos*.

Essa categoria utilizada por pixadores e por outros grupos juvenis tendem a hostilizar com piadas os sujeitos que se enquadram nessas características, assim como também são relacionados a sinônimos de assaltos e confusões. *Os galerosos*, no geral, são indivíduos que curtem *bailes funks*, músicas de brega⁵⁰, adeptos às brigas de bairros e, geralmente, participam de alguma torcida organizada. Portanto, é uma categoria que se construiu e que permeou o campo das organizadas, pixação e *bailes funks*. Às vezes, esses indivíduos fogem desses *circuitos* e entram em outros espaços de socialização para caracterizar alguém que fala muita gíria, ande “*escamando*” e se envolva facilmente em confusão, além de ouvirem *funks proibidas* respectivos de *galera*. No final da avenida principal do Engenho do Meio, os quatro homens mencionados desceram junto comigo e se dirigiram ao baile. Descemos na mesma parada e falamos com as mesmas pessoas na frente do local antes de entrar no evento.

Logo que cheguei ao local, percebi que tinham poucas mulheres do lado de fora do evento. Não conhecia ninguém neste momento, o que me fez perguntar no grupo no WhatsApp onde estavam os meninos que conheço; sem visualização na mensagem e sem resposta, cinco minutos após minha chegada, o ônibus que vinha com os meninos que conheço da RDP, frequentadores da *pelada* nas quintas, chega cheio. “*Risco, cadê meu ingresso?*”, pego meu ingresso e fico por ali a fim de me comunicar e não ficar sozinha pelo local. Vou cumprimentando quem conheço e puxando conversa com aqueles que não sou tão próxima, mas sei quem são por já ter visto na *pelada* ou em outros eventos. Citando nomes conhecidos, falando sobre alguma vivência antiga, são assim que os diálogos sempre são travados. Seja deles comigo ou eu com eles [...]. Bem, ficamos esperando as meninas do Ibura chegar. Eu e Risco. Agoniado com a demora e vendo o pessoal todo entrar, Risco decide entrar para não ficar esperando sozinho lá fora. Eu ainda tento persuadi-lo para ficar “*não, e se elas ficarem aqui sem conseguir falar contigo, porque tu que tá com o ingresso*”; refletimos! Mas logo Baby autoriza nossa entrada com o pessoal que estava na portaria, chamando a atenção deles e informando que estávamos liberados. “*Eu tenho o ingresso, comprei! Mas então vou guardá-lo. Valeu!*” [...] já estava pedindo anteriormente a um menino com camisa da organização, que não conhecia, mas o identifiquei pela camisa preta com a logo que estava no ingresso, para ficar com o ingresso. Pois este iria ser entregue na portaria. “*Que nem a gente fazia com os ingressos do Téo*”, recorda o organizador. Eu sempre tive mania de guardar ingressos de jogo, e guardar o ingresso seria importante tanto para minha pesquisa quanto para mim (Diário de Campo, junho de 2016).

⁵⁰ Ritmo de música típico das periferias recifenses.

Logo quando entrei junto com Risco, pixador citado acima, que também frequentava a *pelada*, fui andando, cumprimentando as pessoas, procurando os conhecidos. Vejo Geral, pixador que também frequentava a *pelada*, e Maluka, que não pixava, mas frequentava a mesma torcida organizada que a minha. Na mesma alegria que as pessoas iam se cumprimentando ao ver alguém que já não viam há algum tempo, cumprimentei as pessoas que avistava. O sentimento de nostalgia era compartilhado por todos, inclusive por mim. Conversamos, nos abraçamos e perguntamos como estavam as coisas. Ao ouvir às letras de músicas, memórias e histórias eram acompanhadas com narrativas que iniciavam como “*tu lembra daquele tempo que aconteceu...*”. Em todos os momentos da festa, a sensação que sentia, e também percebia nos pixadores que estavam presentes no local, era de nostalgia e felicidade. Relembrar e reviver era o que acontecia quando via as pessoas se cumprimentando e dançando no meio do salão.

Vi Stilo do Pina, a pessoa que me ajudou no início desta pesquisa e que logo falou “*Tem que registrar isso aqui, funk e pixação tem tudo a ver*”. Não dá para falar de pixação em Recife sem citar os *bailes funks*. Os *bailes funks* estavam presentes, e ainda estão, nos *circuitos* de lazer e sociabilidade entre os pixadores. Além do que, neles é possível perceber como se constitui a dinâmica da pixação na cidade. A exemplo disso, percebia, ao passar os olhos pela festa, que as mesas estavam separadas por bairros. Não foram os organizadores que fizeram isso, mas era uma consequência. As pessoas chegavam juntas, com seu bairro, e ficavam em um local juntos ao seu grupo e amigos próximos. Eu, no início, fiquei em uma ponta da festa, ao lado direito do palco, com Geral, Maluka e Stilo. Só veio Stilo, do pina, e Geral e Maluka do Sombra. “*Os meninos não veio porque não botaram fé que seria de boa, sem confusão, mas agora vou dizer a eles*” (Diário de Campo, junho de 2016).

Contudo, a desconfiança permanecia. O evento, que apesar da divulgação ter prometido que seria “*um espaço de paz*”, não chegou a lotar; tinha muitos pixadores, mas não pixadores antigos, que não estabeleciam boas relações de convivência, que *não colavam*, no mesmo espaço se cumprimentando. Nas músicas tocadas que despertavam a nostalgia dos presentes, tocavam as músicas de cada bairro presente e não presente na festa; feitas com montagens de letras com batidas de *funk*, se assemelhavam aos gritos de guerra existentes em competições de grupos de torcidas organizadas, por exemplo. As batidas reproduziam um convite para que esses ocupassem a pista dançando e mostrando sua presença. Acendiam fogos, se abraçavam e faziam um grande círculo em frente ao palco no meio do evento, ao som de letras como “*uh, torre é mal, Uh uh torre é mal, Pega um pega geral*” (*Funk – “Montagem da Torre”*).

Cada bairro tem sua própria música, “*seu hino*”, como dizem, além de seus próprios MCs que lhes representavam ao subir no palco. A empolgação, quando tocavam suas músicas, não contagiava apenas aqueles que moravam naqueles locais, mas também a todos que estavam no baile. Claro que a sensação de estar tocando a música do seu grupo é extremamente contagiante. Tanto que, quando tocou a música do meu antigo bairro, me emocionei. Pular, balançar o corpo dando murros e chutes ao vento, abrir roda com um parceiro que lhe ajude a girar e levantar os pés com os famosos “*martelos rodados*”, assim como acender os sinalizadores, são vibrações, e também saudações, daqueles que mostram sua presença enquanto grupo e enquanto indivíduos que representam seus bairros.

Sobretudo, são nos bailes que os grupos fazem registro de sua existência e, conseqüentemente, do bairro e do território que residem, como também se opõem e se diferenciam dos demais, mas, acima de tudo, é nos bailes que rompem com os limites da homogeneização e que se afirmam enquanto bairros de periferia (DIOGENES, 2001). Essas formas de lazer servem como válvulas de escape para aliar tensões de frustrações e exclusões. O enfretamento entre as *galeras*, que obedecem e obedeciam à constituição das alianças e desafetos entre grupos, também opera segundo um modo de constituição territorial que estigmatiza esses bairros de periferia. Se no *baile funk* o sentido de morar em um bairro periférico é levado em consideração como fortalecimento da identidade individual e coletiva, esses *hinos* e gritos servem para lembrar a notoriedade desse bairro que, em outros espaços, é esquecido. Viana (1996) relembra que esses bailes são espaços sociais que proporcionam conflitos e diferenças, mas que corroboram para a construção identitária do jovem periférico. Pensando nisso, compreende-se a necessidade de discutir as relações espaciais e a constituição das periferias, trabalhadas no próximo capítulo.

5 “É DE PERIFERIA EM PERIFERIA”: CONSTRUINDO TROCAS, ALIANÇAS E DESAFETOS

A crítica sobre o modo como os projetos arquitetônicos das cidades se desenvolveram perpassa as dimensões higienistas (FOUCAULT, 1984) que delimitam e direcionam a forma como esses espaços foram, e ainda são, produzidos. A higiene, como elemento de um processo civilizatório trazido por Foucault (1984), nos ajuda a pensar o pressuposto dessa busca por uma “cidade saudável”, que pode ser compreendida, e percebida, nas setorizações dos espaços em prol de uma circulação e produção mercantil, instituindo formas hegemônicas de circular e vivenciar a cidade (COSTA, 2013; ZANELLA, 2012). Na busca de uma construção de um olhar crítico e responsável sobre esses espaços, se faz necessário pensar o sentido que esses atores sociais concebem a ideia de periferia e a importância que ela representa nos compartilhamentos comuns de reconhecimento e identidade.

Os compartilhamentos comuns são considerados através das vivências subjetivas das cidades, em sua pluralidade, constituídas por diversas experiências simbólicas. Lefebvre (2001) traz a cidade enquanto um espaço de produção dos indivíduos e por indivíduos. Por isso, as suas condições históricas, de como Recife foi construída, são pensadas nessas relações que nos fazem compreender o que, na atualidade, são estabelecidos nela e com ela. A tentativa exaustiva de tentar saber os porquês de como as configurações das espacialidades se consolidaram – por que começaram a separar os bairros desta forma? E por que isso ainda existia e perpetuava de certa maneira? – não eram passíveis de respostas nem para mim, nem para os próprios sujeitos que estão envolvidos nessas relações. Sobretudo, considerando que cada indivíduo significa e se apropria da cidade e dos seus espaços de forma diferenciada, ou seja, “para além da cidade, falamos de cidades na cidade” (BARBOZA, 2010, p. 87), era difícil achar uma única resposta para essas indagações.

Entender, e nos fazer entender, que existe um caráter político e histórico do modo como as cidades foram produzidas, nesse *modus vivendi* que delimita o uso dos espaços (CALDEIRA, 2012), é importante para discutir as dimensões que estão atreladas aos processos de estigma (BECKER, 2008; GOFFMAN, 2012). Mas também se fez importante perceber que essas delimitações dos usos dos espaços não são iguais as que são vivenciadas pelos sujeitos nas suas relações. Os pixadores estabelecem um importante dispositivo de sociabilidade, mobilidade e identidade nestes múltiplos *circuitos* (MAGNANI, 2012) estabelecidos pelos espaços. Os *points*, os espaços de sociabilidade fortemente ramificados nas periferias da cidade e a utilização do centro da cidade como local estratégico, fazem com

que eles saíam todos os dias, nos percursos de seus *trajetos* das suas casas para esses espaços, observando os lugares e selecionando-os com um olhar atento à paisagem que serve como suporte na construção de suas narrativas e histórias que são contadas entre si. Certeau (2008) chamou de *táticas cotidianas* essas estratégias de criação e recriação dos espaços a partir das relações que são estabelecidas com um olhar diferenciado sobre a paisagem, buscando, ao mesmo tempo, quem são os novos pixadores, quem está em *destaque* e quais os espaços vazios que ainda existem para inserir sua marca (PEREIRA, 2012), estabelecendo uma importante relação de registro, memória e identidade individual e coletiva com o espaço urbano.

Dentro dessa perspectiva, busco aqui considerar as relações que são estabelecidas pelos sujeitos nos seus múltiplos usos dos espaços nos quais os pixadores criam suas próprias formas de articulação e uso, ou seja, nas diversas formas e possibilidades de se relacionar com a cidade e com seus espaços, a partir dos diferentes contextos (MAGNANI, 2005; VELHO, 1999; ZANELLA, 2012).

No capítulo anterior, a cidade do Recife foi apresentada a partir dos espaços ocupados e criados pelos próprios pixadores, articulados as suas próprias narrativas e histórias que foram trazidas pelos próprios sujeitos nos nossos encontros. A pergunta que me fiz durante a categorização dos dados que foram descritos aqui, foi: de acordo com as percepções dos pixadores, de que é feito o Recife? Diante das falas dos próprios pixadores, que atribuíam as suas percepções e formas de circulação através das vivências periféricas e das experiências vividas nos antigos *bailes funks* citados anteriormente, Recife se revela pelas relações que são mediadas por seus espaços e acontecimentos, presentes e passados, que interdependem entre si, à medida que dialogam, mas que não se limitam a uma única forma de ver e percebê-la. Cabe aqui a articulação do que compreendo por cidade, a partir das narrativas e das experiências vivenciadas, com os conceitos trazidos por Magnani (2005) e Harvey (1989) sobre a produção desses espaços.

Ao partir dos próprios arranjos desenvolvidos pelos atores sociais em seus múltiplos contextos de atuação e uso do espaço e das estruturas urbanas, este olhar vai além da fragmentação que, à primeira vista, parece caracterizar a dinâmica das grandes cidades e procura identificar as regularidades e padrões que presidem o comportamento dos atores sociais (MAGNANI, 2005, p. 277).

O pós-modernismo na arquitetura e no projeto urbano tende a ser desavergonhadamente orientado para o mercado por ser esta a linguagem primária de comunicação da nossa sociedade. Embora a integração ao mercado traga claramente o perigo de atender às necessidades do

consumidor rico e privado, e não o consumidor pobre e público (HARVEY, 1989, p. 78).

Nesta pesquisa, me comprometendo a pensar sobre as relações que os pixadores estabelecem com a cidade, o meu olhar foi direcionado para as periferias e para a importância desses lugares para com o meu objeto de estudo. Considerando que todas as falas, todos os direcionamentos de lugares e todos os espaços em que se circulei me levaram a ela. A avenida João de Barros e a comunidade do Bode foram cenários de narrativas e diálogos comuns partilhados entre eles através de mim. Levando-me a dedicar uma atenção para esses espaços e para a construção das partilhas comuns que garantem suas circulações pela cidade e a busca por espaços próprios de sociabilidade.

Há tantas particularidades em morar ou pertencer a uma localidade e não a outra quanto elementos comuns identificados por alguns agentes, no que diz respeito, por exemplo, a morar na periferia, mesmo que em regiões periféricas diferentes. Desse modo, embora habitar um mesmo bairro possibilite a construção de relações em comum, o fato de pertencer a alguma periferia pobre da cidade, ainda que em bairros distantes, tem também possibilitado o compartilhamento de experiências e afetos, como revelam diferentes movimentos e ações culturais que têm tomado certa ideia de periferia como tema e marca de identificação (PEREIRA, 2016, p. 35).

A caracterização desses hábitos e gostos que são comuns ao objeto, a uniformização dos espaços, a existências dos lugares comuns, os tipos de sociabilidade que são desenvolvidas, os modos de lazer, as formas de percepção da cidade que lhe são próprios e os aspectos semelhantes de circulação deram origem a construção deste capítulo, pois foi percebido, ao longo da escrita desse texto, a repetição de dados e categorias. As histórias de cada interlocutor constroem, e vêm construindo, dentro dessas experiências que ocorrem imersas na cidade e na relevância que é dada aos seus bairros em suas falas. O que nos convida a pensar sobre a relação entre as *siglas*, os grupos de pixadores, o processo de construção das identidades e suas territorialidades.

Deste modo, os termos “*minha quebrada*” e “*minha ré*” dão ênfase nos processos de se sentir reconhecido, seja enquanto local de moradia ou como modo de vida, à:

um lugar onde se concentra, um espaço que lhe é próprio e onde se constitui a expressão mais clara de seu modo de vida. É a chamada “periferia”. A “periferia” é formada pelos bairros mais distantes, mais pobres, menos servidos por transporte público (DURHAM, 2004, p. 382).

5.1 O papel da periferia: as abordagens, construções e implicações

No Brasil, no início dos anos 80, o interesse das ciências sociais pela periferia e seus moradores cresceram a partir de temas que contemplavam as questões de classe, movimentos sociais, gênero, migração, família, modos de vida e “estratégias de sobrevivência” (CARDOSO, 2011; DURHAM 2004; PEREIRA, 2016). A ênfase sobre essas questões, relacionadas muitas vezes ao espaço urbano, acabava por desfocar questões relevantes trazidas sobre as práticas de lazer e as relações que eram estabelecidas com os moradores nesses espaços, como nos situa Alexandre Barbosa Pereira (2016, p. 33-34), ao discutir como a periferia era abordada nos estudos acadêmicos e como essas discussões interferem em nossos objetos de estudos que estão contextualizados, e se reconhecem, enquanto moradores de periferia. Para o autor, as discussões referentes ao lazer e à cultura passaram a ganhar relevância na existência do questionamento da dicotomia entre centro e periferia, tal como nos aponta Magnani (1998).

Na medida em que construímos uma antropologia constituída a partir de temas que estão voltados para as populações que vivem na cidade, que têm a cidade como seu lugar de pesquisa (DURHAM, 2004), esses sujeitos passam a ser um extrato dos fenômenos relevantes para a descrição do que Durham (2004, p. 361-362) nos chama a atenção de *pedaços da sociedade*, ou seja, aquilo que se compreende como um estudo de manifestações específicas que nos mostram o substrato social e econômico da nossa própria cidade. Podendo também ser trazido a partir das dimensões das percepções dos acontecimentos que vão do micro (CLIFOORD, 1998) – que seriam as relações dos pixadores com a periferia – para os significados das relações em contextos mais amplos, ao macro, a cidade e as formas de *zoneamentos* desses espaços (DIOGÉNES, 2001). Na fala de Anêmico, pixador da cidade do Recife, a relação que ele faz da pixação como uma cicatriz que compõe a cidade complementa as indagações feitas por uma antropologia que pensa a/na cidade.

*A cidade é como se fosse o corpo humano, se não vai bem o corpo humano aparecem cicatrizes, machucados. A cidade é a mesma coisa: se o bagulho não vai bem, então vão aparecer cicatrizes na cidade. Então foi mais ou menos como um grito: a gente tá vivo nessa porra! Mesmo que vocês excluam a gente de vários bagulhos, de alguma forma a gente vai conseguir fazer uma parada foda também*⁵¹ (RAPRESENTA PE, 2014).

⁵¹ RAPRESENTA PE, entrevista com anêmico. Recife: RAPresenta PE, 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=uNAiDD3-d8U>> . Acesso em: 20/04/2017

Dessa forma, quero ressaltar que pensar a cidade como um *locus* de convergência política, econômica e ideológica, tal como um instrumento de poder que imprime sua marca nos sujeitos que a compõe (VELHO, 1967), não nega o papel de agência desses sujeitos. Aqui a cidade, ao mesmo tempo que produz, também é produzida pelos sujeitos que a compõe (LEFEBVRE, 2001). Portanto, quando é considerado as construções e noções desses espaços a partir das dinâmicas que os próprios pixadores se utilizam e se apropriam, não se deslegitima a existência de uma regulamentação que sugestiona, e de certa forma impõe, essas circulações, sejam elas feitas de maneira direta ou indireta pela produção mercantil. Pela razão de nos percebemos falando de “zonas urbanas” e de “autoridades urbanas”, a cidade também é agregada a conceitos econômicos e políticos (WEBER, 1967, p. 75).

Os espaços urbanos, portanto, são formados por essa teia de significados (GEERTZ, 2008) que emite e recebe mensagens; pelos espaços arquitetônicos que se constroem e se demolem; pelos discursos comuns que criam e impõem ideologias – religiosas, políticas, morais, etc. –; por aquilo que é dito nos espaços públicos e privados; e pelas inscrições presentes em seus muros e cruzamentos. Em sua complexidade, o urbano é o espaço da indiferença, mas é ao mesmo tempo o espaço da diferença, das disputas e das oposições (RAMOS, 1994, p. 33). Revelando tentações, marginalizações, disputas e reivindicações dos cidadãos que habitam a cidade, porque as pixações que falamos constantemente nesta pesquisa, que preenchem nossos muros e compõem a paisagem, são produzidas por eles.

Se o que está em pauta, nesse estudo, é o espaço urbano, é preciso levar em consideração dois fatores que o constitui: a paisagem e os atores sociais (MAGNANI, 2012). A paisagem, como uma condição urbana que impõe limites no uso dos lugares, esmaga determinados grupos, delimitando sua circulação e uso de equipamentos na uniformidade e na segregação relativa que favorecem o desenvolvimento de uma sociabilidade local que distingue e diferencia as populações (DURHAM, 2004).

A própria escala deste e outros aglomerados urbanos impõe uma modificação na distribuição e na forma de seus espaços públicos, nas suas relações com o espaço privado, no papel dos espaços coletivos e nas diferentes maneiras por meio dos quais os agentes (moradores, visitantes, trabalhadores, funcionários, setores organizados, segmentos excluídos, “desviantes” etc.) usam e se apropriam de cada uma dessas modalidades de relações espaciais (MAGNANI, 2012, p. 258).

As dimensões de limite no uso dos equipamentos podem ser vistas em estudos como de Elias e Scotson (2000), que perceberam os limites impostos nas dinâmicas dos jovens em Winston Parva no acesso ao lazer, onde maneiras produtivas de aproveitar o tempo livre eram

bastante limitadas. Divididos entre aqueles considerados *outsiders*, que não seguem as normas da própria comunidade, passando a ser vistos como delinquentes, e os *estabelecidos*, que respeitam as regras e padrões de comportamento fixados. Cenas recorrentes de conflitos são sintomas que não existem apenas em Winston Parva. Nos grandes centros urbanos, como em Recife, há, também, os atritos constantes de grupos *estabelecidos* e aqueles que socialmente são produzidos como *outsiders*.

Os confrontos com os pixadores, especialmente com aqueles nos quais estabeleci proximidade e tive acesso, com os demais grupos presentes na cidade, são verbalizados em falas e percebidos em momentos que são vivenciados por eles. As tentativas fracassadas de participarem e se estabelecerem nos pontos de encontros compartilhados por outros grupos denotam essa perspectiva. A *Terça do Vinil* e a *Terça Negra* foram alguns desses espaços que, por alguns momentos, estiveram dentro do *circuito* dos pixadores. Contudo, os “*embaços*” constantes de policiais acabaram por “*sujar o pico*”.

Na fala de um dos interlocutores quando perguntei sobre a *Terça do Vinil*, que ainda acontecia no momento dessa pesquisa, foi colocado que embora existam encontros nesses espaços eles são temporais devido às ações feitas pelos pixadores e as retaliações que se seguem na tentativa de manter uma certa ordem no lugar: “*a turma começou a pixar lá depois das festas, e até mesmo durante, e acabou sujando o pico, porque a polícia começou a colar lá direto [...] aqui na favela não, aqui é limpeza. A gente fica aqui de boa, toma uma, sai para pixar e volta tranquilo*”.

Certeau (1998) percebe a questão do lugar atrelado à noção de ordem, na qual elementos são distribuídos em uma relação de coexistência, admitindo que cada elemento desse mesmo lugar esteja ao lado de outros, embora não precise estar ocupando o mesmo espaço, ou seja, o lugar é percebido e definido como uma configuração de posições. Para tanto, Wacquant (2008) capta a forma peculiar que a urbanização é modificada por relações assimétricas de poder entre grupos periféricos, que possuem uma dimensão étnico-racial explícita, denominando de “uma forma espacial de violência coletiva concretizada pelo espaço” (WACQUANT, 2008, p. 81).

Desse modo, o campo de discussão que as periferias têm suscitado ao pensarem as relações entre etnicidade e pobreza nas ciências sociais (ZALUAR, 2000; WACQUANT, 2008) dialogam com as percepções que foram captadas por mim durante essa pesquisa. Embora a discussão sobre etnicidade não seja objetivo de análise, é compromisso do pesquisador que trabalha com juventude e periferia trazer à tona essas questões. As relações de poder que sobrepõem os jovens provenientes das periferias, na perspectiva de controle

sobre os espaços, e a forma como resistem às imposições através do resgate comum do seu local de origem, são reflexões que precisam ser trazidas. Como coloca Wacquant (2008, p. 82),

Reconhecer que o gueto é o produto e o instrumento de um poder de grupo permite perceber que, em sua forma completa, ele é uma *instituição de duas faces*, na medida em que cumpre funções opostas para os dois coletivos que ele une em uma relação assimétrica de dependência. Para a categoria dominante, sua razão de ser é *confinar e controlar*, o que se traduz pelo que Max Weber chama de “cercamento excludente” da categoria dominada. Para esta última, no entanto, trata-se de um *instrumento de integração e de proteção*, na medida em que livra seus membros do contato constante com os dominadores e estimula a colaboração e a construção comunitária dentro da esfera restrita das relações por ele criada.

Quando passamos a considerar as questões da periferia quanto ao dispositivo de *reconhecimento*, a partir dessas relações trazidas pelos pixadores com seus bairros, reconhecidos enquanto *pedaços* próprios desses atores e de seus respectivos grupos, agregamos relações que muitas vezes não coincidem com as demarcações e limitações geográficas organizadas pelo próprio município. A exemplo disso, cito abaixo um trecho de uma conversa informal registrada em meu diário de campo, no qual um dos pixadores que conversei também desmistificava algumas dessas divisões que eram estabelecidas pelo poder público. Na sua compreensão, os bairros e a Avenida João de Barros, são espaços resignificados pelos próprios moradores no seu cotidiano e nas relações de vizinhança e moradia.

Ali é onde tu estás dizendo é Caiara. Mas tem umas partes que o pessoal diz que já é Detran, e também dizem que é Iputinga. Do lado que tu mora tem gente que diz que é Engenho do Meio, e tem gente que é Iputinga. Na tua correspondência deve vir Iputinga. A correspondência, o endereço que consta, as vezes diz uma coisa, mas, dependendo, para os moradores são outra [...], por exemplo, aqui onde tá a quadra da pelada aparece também como Santo Amaro na internet. Porque parece que o bairro que consta mesmo é Santo Amaro. Mas a comunidade que fica aqui é a João, então a gente diz que a quadra é na João de Barros! Santo Amaro fica mais para lá, mais distante. Entendessee? (Conversa informal, julho de 2016)

Nessa perspectiva, as relações que são estabelecidas com esses espaços, com seu próprio bairro, são construídas pelos atores sociais nos *trajetos* (MAGNANI, 2012) percorridos dentro dos bairros e pela cidade, que acabam por significar suas próprias espacialidades com os espaços. A ótica dos espaços, bem como seus sentidos e suas espacializações, podem parecer aos que estão “de fora” ambíguo, no entanto, para os que estão “de dentro”, estão bastante claras e demarcadas. Por isso, a noção de territorialidade que

aqui tomamos como base para nossas reflexões estão compreendidas também nas “relações de poder espacialmente delimitadas e operando sobre um substrato referencial” (SOUZA, 2007, p. 99), mas que, no entanto, são criadas dentro dessa reflexão sobre a fluidez e rapidez, nas quais as ações dos pixadores são realizadas, e a fricção de suas marcas na relação com as demais dinâmicas do cotidiano da cidade, imprimindo a ela outros territórios e tempos na construção desses espaços.

Portanto, quando pensamos sobre essas territorialidades, notamos que os efeitos do modo como era especializado e dividido os grupos de bairros em *galeras* nos *bailes funks* de antigamente, tiveram uma repercussão maior nessas territorialidades que foram construídas. Mas as mudanças que aconteceram após o fechamento dessas festas ressignificaram os espaços, que passaram a ser redistribuídos em novas possibilidades de circulação e modos próprios de interação, vistos anteriormente como impossíveis. Considerando que os conflitos eram resolvidos de modo mais violento, com consequências de algumas mortes e brigas mais intensas.

Durante essa pesquisa, e nas falas dos próprios pixadores, as agressões físicas atuais dificilmente aconteceram por conta de disputas entre *siglas/galeras*, contudo, percebi que as discussões verbais através de redes sociais aconteciam com mais frequência. É no âmbito do vivido, das relações, que essas questões adquirem sentido na orientação dos pixadores e da própria cidade. A análise dessas discussões mostra que essa visão da cidade, dos espaços que a compõem e as relações dos termos na sua familiaridade, adquirem dimensões independentes e articuladas em crenças que caracterizam ambas as compreensões.

5.2 Relatos dos espaços, circulações e limites

Seguindo a proposta trazida por Certeau (2008) sobre a compreensão dos espaços e lugares a partir dos relatos, fez-se coerente trazer os modos de circulação estabelecidos pelos pixadores na cidade através das suas próprias narrativas referentes as suas vivências atuais e passadas. Percebendo, também, as implicações do modo como reconhecem que as vivências passadas influenciam e influenciaram suas próprias formas de circular e olhar a cidade em um aspecto territorial. Estudos geográficos sobre território, como o de Raffestin (2008), compreendem a produção e os sentidos que são atribuídos a essas territorialidades calcadas sob as ações anteriores. O passado trazido pelos pixadores e as brigas de *galeras* dentro dos *bailes funks* influenciaram nas suas possibilidades de mobilidade. Contudo, elas não são

estáticas, ou seja, elas nos ajudam a pensar como esses atores percebem a cidade, mas não podem ser definidas como o único modo de circulação e percepção. Dessa forma, trabalharei com duas possibilidades para pensar as territorialidades: como forma de adquirir *destaque* e como disputa territorial entre os bairros e *galeras*.

A primeira delas, a busca por *destaque*, se caracteriza pela forma de perceber a cidade em prol da organização e seleção dos lugares, traçando itinerários e percursos estratégicos em busca de novos espaços para colocar sua marca (PEREIRA, 2012). Todos os dias, ao saírem pelas ruas, os pixadores organizam e selecionam os espaço e lugares que lhes servem como suporte na construção de suas narrativas. Os itinerários que são escolhidos, a criação desses *trajetos* (MAGNANI, 2012) e a seleção de seus percursos são estabelecidos nessas relações, compreendidas por Certeau (2008) como *táticas cotidianas*, ou seja, a criação e recriação dos espaços a partir dos sentidos que são atribuídos a paisagem.

A busca pela extensão de sua marca, no maior número de lugares possíveis, é estimulada pela efemeridade que é atribuída à pixação (MOURA, 2014; PEREIRA, 2012), na busca pelo reconhecimento entre seus pares e pela ideia de imortalidade. Frases como “*se eu morrer, meu nome será eternizado no muro da cidade*” e “*um pixador nunca morre, pois tem seu nome gravado pela cidade*” são comuns nas legendas das fotos que postam em redes sociais e compartilham entre seus pares. Para Augé (2012), a modernidade contribui para a temporalidade dos lugares, mas as estratégias de fixação temporal no espaço e na palavra são reconhecidas como complemento. Os lugares e os espaços, ao mesmo tempo em que se completam na fala e nas trocas de compartilhamentos comuns, tornam-se um importante componente de identificação para as práticas juvenis em suas experiências relacionadas às vivências urbanas e metropolitanas.

Essa relação com a cidade, atribuída à busca por *destaque*, implica a própria importância que é dada ao centro da cidade e a prática de *escaladas*, citadas anteriormente, na busca por atingir visibilidade e reconhecimento entre seus pares. O centro, além de ser um espaço de passagem com maior mobilidade, se caracteriza como um local de maior fluxo, onde pessoas e pixadores de diferentes regiões circulam. A circulação em prol da visibilidade é uma perspectiva-chave para ser pensada sobre as discussões trazidas anteriormente acerca da *memória* e do *reconhecimento*, considerando que a circulação e a visibilidade são sinônimos comuns nos sentidos atribuídos à prática.

A pixação foi muito territorial, então a gente pixava também para ficar conhecido nos bailes e entre as galeras rivais e as chegadas. Claro que pixador não é só aquele que bota um monte de nome em todo canto, tem

vários critérios né? Hoje é muito fácil ficar conhecido, porque todo mundo que bota um nomezinho em um canto, vai e posta foto na rede social para todo mundo ver, mas antigamente não era assim, era muito mais difícil e era até melhor, porque só era pixador quem gostava mesmo e só ficava conhecido quem realmente era pixador (Conversa informal com Spiro, agosto de 2016).

Nessa perspectiva, os pixadores também possuem critérios para avaliar quem realmente adquiriu ou está adquirindo *destaque*. Avaliam, além da quantidade de nomes, as experiências que possuem de rolê⁵² e a forma como esse passou a ser reconhecido. Diferentemente de um pixador que “*vai lá e bota o nome de vez em quando*”, o seu *proceder* será avaliado mediante suas vivências. Pereira (2005) também atribuí o modo de *proceder* do pixador a partir de suas referências comuns, relacionadas à ideia de *quebrada* e à própria noção de procedimento do respeito às regras internas compactuadas entre si.

Os lemas de “*respeito*” e “*humildade*” são um desses, que implicam em questões complexas sobre o estabelecimento de uma boa convivência comum, como: não *atropelar* a obra de um pixador; não colocar sua marca em um local acima de uma pixação feita em *escalada* – que implica em um sinal de desrespeito ou desafio para quem efetuou a ação –; não desconsiderar a *ré* de quem o convidou para um *rolê* – dando “*um salve*” ou “*um alô*” – para a sigla ou para o pixador que o convidou –; e não agir com desrespeito, afirmando que não conhece a pixo de alguém, são algumas delas. Nessa concepção, a ideia de *humildade* e de *proceder* são compreendidas como uma habilidade, característica, postura e atitude que todos devem ter ou se espera que tenham (BIONDI, 2010).

Como se pode perceber, estes primeiros contatos entre pixadores que ainda não se conhecem são ditados por certas normas que enunciam o que eles entendem por *proceder*. Dessa maneira, pode-se apresentar uma definição inicial dessa noção como um conjunto muito particular de regras de comportamento comum a determinados grupos na cidade, que não só regula as relações entre os indivíduos como também exprime o seu pertencimento. Esta ideia de *proceder* utilizada pelos pixadores também engloba outros dois elementos, já citados anteriormente: a humildade a lealdade (PEREIRA, 2005, p. 95).

Sobretudo, ao se encontrar em uma região central com pixadores de distintas localidades, possibilita-se conhecer outros pixadores e marcar saídas para pixar em localidades que ainda são desconhecidas. Essas novas alianças possibilitam que eles possam

⁵² Pode ser compreendido, também, como o ato de sair para pixar pela cidade e pelo tempo de vivência dentro da prática.

frequentar bairros que dificilmente iriam, pois ainda existe uma demarcação territorial onde um pixador deve ou não pixar, no cenário atual da cidade do Recife. Quando frequentei a *Pelada dos Pixadores*, compreendi que, para além dessas relações de regras internas comuns, há também a relação com os espaços, implicando na perspectiva do centro, já que é considerada por eles como um lugar neutro: “O centro é um lugar estratégico por ser um ponto de convergência e também um espaço de passagem para todos. Da mesma forma, ele é estratégico para o próprio ato de pixar” (PEREIRA, 2010, p. 149).

Além das territorialidades existentes entre as *galeras* nas questões colocadas em falas como: “*Pela questão da localidade e pelo fato de alguém, tipo, achar que não pode ir para um encontro que sempre rola num bairro, entendeu?*”(Sola), e “*O centro é importante, porque é neutro e é um bairro tranquilo, um bairro que ninguém tem maldade e sabe que todo mundo vai ter acesso*” (Amorte), o segundo modo de circulação existente que está nas disputas territoriais entre as *galeras* não exclui a perspectiva atribuída à noção de *destaque* citada anteriormente. É importante deixar claro que as territorialidades aqui pensadas são expressas na forma como os pixadores circulam pelos espaços estendendo suas marcas.

As afrontas de quem se atreve, ou já se atreveu, pixar em um local que não lhe era permitido, ocasiona – e ocasionou – disputas que, muitas vezes, foram vitalícias nesses espaços da cidade onde existe uma forte separação de *galeras*. Em muitos casos, esses embates extrapolaram os limites das apropriações, que eram apenas simbólicas, realizadas com suas assinaturas. O contexto dos *bailes funk* e as rivalidades no início da pixação dos anos 90 geravam *tretas* que, por vezes, tinham como resultado a morte de um ou mais pixadores. Como relata o pixador Amorte, que viveu os períodos dos *bailes funks* e *pós-bailes funks*, ao relatar sobre a construção e temporalidade da pixação na cidade.

Nas antigas eu não podia ir para altos bairros. Eu mesmo sendo de Piedade, eu não podia ir a Rio Doce e San Martin, porque eu colava com a PCP e Peixinhos. Muito causado, também, nas brigas de baile funk e porque eu aprontava também. Mas hoje mais não. Quem não coloca sigla, é mais de boa com certeza [...] tem gente que não coloca a sigla, mas por morar no bairro o pessoal já direciona, e acaba que naturalmente a pessoa passa a colocar a sigla [...] hoje não é mais tanto assim, mudou muito e diminuiu. Mas há dez anos atrás, se pegassem a pessoa, podia até matar. Tipo o finado Loid que não podia ir para San Martin, quando ia era de táxi (Conversa informal com Amorte, setembro de 2016)

Nem todo pixador opta por colocar sigla, alguns não colocam nada ou colocam o nome das torcidas organizadas que pertencem. Mas acabam sendo direcionados “*naturalmente*”, como coloca Amorte, nessas associações. Embora nem todos os pixadores

sejam adeptos aos usos de siglas e *galeras*, é de consenso comum que a principal relação que é estabelecida, na dinâmica da pixação na cidade, se refere às construções de aliança entre grupos de pixadores – as *galeras* – e suas implicações nas formas de se deslocar pela cidade. Com isso, a existência de desconfianças nos convites de festas que são marcadas em outros bairros, principalmente quando não se conhece ninguém *chegado* ou que já tenha tido algum tipo desavença, implica na aceitação desse convite ou não, e nos limites de espaços que o pixador deve, ou não, circular pela cidade, além daqueles que é melhor evitar.

Feito eu, assim Dani... eu fiz tantos amigos no meio do pixe. Hoje em dia, os pixadores que conheci, no meio do pixe, no mundo, para mim são meus amigos, independe do lugar onde vivo, muitos pixadores são mais amigos do que meus próprios amigos de onde eu moro. Porque assim... o pessoal daqui não gosta de pixador, porque as casas daqui é tudo pixada [...]. Eu sempre tive sorte de me encontrar com outro pixador e ele se aliar a mim e ir botar nome comigo, já tem outros que não posso responder, que já vi acontecer ao contrário. Você é de tal galera e rolar aquele pega [...]. Eu comecei a pixar desde 1990 e nunca bati de frente com essas coisas de galera, sempre se aliavam a mim e a gente ia pixando por ai. Eu sempre tive sorte nessa parte. Nunca levei azar de bater com gente de outra galera e querer bater de frente por ser de outro bairro. Sabia me comunicar, falar. E a turma via meu pixe e não falava mais nada. Apertava minha mão, e já era amigo. E desde 1990 até hoje, só fiz amigos (Conversa informal com Duende, agosto de 2016).

Na compreensão histórica da pixação na cidade, mais especificamente no início dos anos 80 (MOURA, 2014), a caracterização da pixação como uma prática que utilizava “tags” ou “vulgos” específicos de indivíduo com pseudônimos para se apropriar do espaço urbano, representando a si mesmo e também seus respectivos *comandos* e *galeras*, se proliferou com um modo próprio de representação de grupos de bairros tido pelos próprios atores como periféricos, integrando seus sistemas de significações (LEFEBVRE, 2011).

Nos estudos históricos disseminados por Moura (2014) e nos relatos dos próprios pixadores na *pelada*, concede-se aos irmãos gêmeos Cano e Well a importância da disseminação da prática da pixação e, também, os concebe como representantes dos grupos de jovens dessas, então, chamadas *galeras*. As *galeras* são essas construções das representações em siglas, como mencionou-se anteriormente, trazendo nelas os nomes dos bairros e das comunidades aos quais os pixadores pertencem nas periferias da cidade. Quando o pixador não mora nessas regiões, ela acaba por acatar a sigla que representa a localidade mais próxima da sua. Assim, a primeira delas, criada pelos irmãos citados, a VC (Vândalos da Caxangá)

fazia referência à área da cidade onde eles e os demais componentes desse grupo moravam, que seriam os bairros no entorno da Avenida Caxangá, zona oeste da cidade.

Apesar desses pixadores mais antigos negarem a existência de rivalidades no início desse processo, de alguma maneira, muitas dessas *galeras* ou *comandos* tornaram-se rivais e disputaram o espaço da cidade por meio de suas pixações. Esses grupos rivais encontravam-se em *bailes funks*, onde “*combatiam*”, junto aos comandos aliados, aqueles os quais tinham como inimigos. Os *bailes funks*, que não eram um espaço exclusivo para pixadores, tornaram-se locais de encontro, lazer e sociabilidade entre eles.

Na criação de representações para a expressão da delimitação de áreas sob o poder de algum grupo, a dinâmica de rivalidades estabelecida entre as diferentes *galeras* exigia expansão de suas relações de poder por meio da pixação. Uma das ações desses grupos eram as chamadas “invasões”. Tratava-se de “invadir” o território, a “*ré*” de uma galera rival e marcá-la com sua assinatura e a sigla do seu “comando”, afrontando os pixadores e pixadoras daquela área ao se apropriar de um território inimigo (MOURA, 2016, p. 14).

Nesses espaços, “*vamos invadir sua ré*” era uma das expressões usadas entre os pixadores nas músicas de *funk*, citadas no capítulo anterior, que atraíam centenas de jovens, em sua maioria provenientes das periferias. O objetivo de entrar em contato com outros pixadores e *de combater* os comandos das *rés* rivais permeavam toda essa dinâmica. Divididos em dois lados por seguranças armados com cassetetes e pedaços de madeira, os jovens das *rés* aliadas disputavam o domínio das suas *galeras* sobre as *galeras* inimigas, compondo uma dinâmica diferenciada no início e no término da festa nas ruas da cidade.

Esses grupos de pixadores de determinados bairros costumavam chegar nos *bailes funks* com um ônibus alugado da própria comunidade. Vinham em cima do ônibus, pendurados pelas janelas, cantando e mencionando músicas compostas por MCs das suas próprias *galeras*, como as que também foram mencionadas anteriormente. Nesses bailes, cada grupo ficava junto daqueles que eram aliados aos seus, demarcando seus próprios *pedaços* como forma de aviso àqueles que eram rivais e como fortalecimento da sua própria identidade, criando um espaço de disputa que, além dessas *invasões*, consideravam vencedores aqueles grupos que possuíam mais componentes e que eram percebidos como a maior *galera* do baile.

Como percebemos, a importância de saber de onde se vêm, de afirmar sua identidade no seu próprio coletivo e nos demais, permeava a dinâmica de circulação entre esses atores,

que acionam diferentes dispositivos de interação e circulação. Quem era adepto da disputa de *galeras* sabia que haveria restrições em sua circulação pela cidade. Por exemplo, o indivíduo dificilmente se arriscará a ir em uma área que pertence a uma *galera* rival sem que haja o motivo de *pixar* e *invadir* o espaço alheio. Nessa perspectiva, as *galeras* nos fazem perceber como “algumas das múltiplas associações locais, tem contribuído para a consolidação desta imagem de uma cidade polarizada em torno de pequenos núcleos vivenciais, olhados habitualmente como microcosmos residuais de vida comunitária” (VELHO, 1999, p. 58).

Esse tipo de identificação, que adota característica de *bairrismo*, ou seja, de disputas entre bairros, se amplia nas relações que os *pixadores* estabelecem, pois é através delas que se firmam alianças e desafetos. A representação desses bairros traz inúmeros mecanismos de sociabilidade e mobilidade em meio ao cenário urbano, assim como as próprias *galeras* repercutem na prática da *pixação* e significam suas intervenções na paisagem urbana.

Contudo, se levarmos em consideração o que Barth (2000) nos chama a atenção para a articulação da dimensão que corresponde do micro ao macro nos processos de compreensão das identidades grupais, percebemos que todos os princípios comuns de identidade implicam nos papéis que o *pixador* assume e nas escolhas de parceiros que ele poderá ter, constituindo um campo comum de comunicação e interação, assim como passa a ser um modo no qual me identifico e sou identificado pelo outro. As tensões e as perspectivas de fricção também partem de um pressuposto que compreende essas questões como algo que podem ser pensadas pelo viés do fortalecimento da identidade do próprio grupo. Nessa perspectiva, os grupos podem ser pensados para além de demarcação de territórios exclusivos e das diferentes formas nos quais eles são mantidos, mas também como um modo de expressão em que a validação contínua deve ser considerada.

Porque na época pixação era territorial, era pra marcar território essas coisas. Ficar conhecido no bairro, ir espalhando, ter uma moralzinha no bairro, mais ou menos assim. Porque isso já se denomina a localidade, tipo eu sou de um bairro e no bairro geralmente já existe a sigla. Ai a gente divulga a sigla pra mostrar de onde a gente é. Eu acho que, essa questão de bairro tá de nascença, se você é brasileiro você luta pelo brasil, se você é de Pernambuco luta pelo Pernambuco. E assim fica a mesma coisa por bairro, por rua, entendeu? É uma coisa de identificação mesmo, mais ou menos isso (Conversa informal com Sola, julho de 2015).

Isso ai já é tradicional, é muito antigo [...] peixinhos e pv é uma guerra mais foda aqui, que desde pirraia eu já sabia que tinha guerra. Eu acho que é cultura, algum cara matou alguém lá, sei lá e até hoje tem isso ... tem os bailes funks também, naturalmente as coisas foram se misturando, porque também a gente vai criando os laços com a nossa ré, geralmente é onde todo

mundo começou a pixar (Conversa informal com Amorte, setembro de 2016).

Na prática, assim como qualquer prática social, existem tensões (SIMMEL, 1983) que podem passar a ser realizadas de modo específico, contudo, o que nos chama a atenção sobre essas relações, atribuídas às dimensões territoriais, está na importância que significam as suas realizações nas suas formas de se perceberem e *deixarem sua marca* na cidade através do levantamento de *destaque* das suas próprias siglas e *galeras*. Estabelecendo com elas, na peculiaridade de suas ações, territórios e territorialidades nos vínculos que constroem entre si e no espaço urbano. Para o geógrafo Raffestin (2008, p. 24), “a paisagem, portanto, apresentada como imagem territorial, é construída, cotidianamente, pelos homens, sem que estes, com a sua atuação concreta, estejam distantes do signo mais ou menos positivo que imprimem”.

Para além das tensões, não podemos esquecer a existência das redes de relações que são estabelecidas pela cidade entre pixadores de diferentes localidades, corroborando para a possibilidade de construção de novos laços de amizade e trocas. O dispositivo espacial, além de exprimir a identidade do grupo e aquilo que é defendido como ameaças externas e internas para que a linguagem da identidade conserve um sentido (AUGÉ, 2012), passa por reexame constante de suas fronteiras externas e internas, nas quais se tornam significativas quando recontam e reafirmam. A aliança de várias *galeras* não é estática, elas são reavaliadas e negociadas constantemente através dos sentidos compartilhados comuns e dos próprios critérios internos que os grupos estabelecem. Os itinerários, portanto, são pensados por fronteiras e limites, cujo funcionamento não é autônomo e implica ações negociadas constantemente, percebendo os compartilhamentos comuns de identidade e sua relação, que operam como o cerne de todos os dispositivos espaciais classificados pela antropologia urbana (MAGNANI, 2012; AUGÉ, 2012; SIMMEL, 1983).

5.3 Como “uma família grande e complicada”: identificações individuais e coletivas

A identificação dos pixadores pelos espaços de periferia e o papel importante que ela compõe no cenário da pixação do Recife, emergem no início de cada conversa trocada com aqueles interlocutores que não conhecia e com aqueles com os quais já teria estabelecido contatos anteriores. “*Qual é tua ré?*”, quase sempre as primeiras palavras que eram trocadas remetiam ao interesse de saber qual a região, bairro e *galera* as quais o sujeito pertencia. As identificações que esses grupos juvenis estabelecem com a periferia, com a noção de

quebrada (PEREIRA, 2016; 2010; 2005) e de *ré*, ampliam a proporção e a força que ela representa para aqueles que se reconhecem nela. Dessa forma, ao mesmo tempo em que o pertencimento a uma *ré* direciona os seus espaços de circulação, ela veicula os estabelecimentos de novos contatos e proporciona a diminuição da distância através do compartilhamento de experiências e vivências que lhe são comuns.

Quando os pixadores se referem a sua *quebrada* enquanto um vínculo destinado a sua *galera* e sua sigla, as associações de experiências próprias que estabelecem com seus bairros e o compartilhamento de elementos e de reconhecimento comuns, são partilhados não apenas por aqueles que pertencem a um *pedaço* comum. O diálogo, porém, é estabelecido tanto por aqueles que compõem o mesmo *circuito* de aliança e siglas quanto por aqueles que não estão próximos, geograficamente e afetivamente, de si. Dentro disso, quando falamos sobre o *circuito* de pixação na cidade, é importante estar atento que, para além desses espaços de sociabilidade comuns – como o *point* e os *bailes funks* –, existem os *circuitos* dentro de outros *circuitos*. Por exemplo, os grupos de siglas que possuem uma maior proximidade fazem festas próprias destinadas aos integrantes de seu próprio grupo em seus respectivos bairros. E essas festas são consideradas por eles como festas de pixação, tendo em vista que “*se só cola pixador, é festa de pixação*”, afirmava um interlocutor que dizia não conseguir frequentar o *point* durante a semana, mas que nos finais de semana marcava para encontrar seus amigos em seu próprio bairro e em festas que aconteciam em outros bairros.

A cidade pensada como um espaço de convivência de diversos grupos possuidores de experiências e vivências que, em parte, são comuns (OLIVEN, 2002), contribui para esses efeitos mútuos que se comunicam entre si com as múltiplas formas de associações e estabelecimentos de vínculos e sociabilidade, nos quais surgem de necessidades e interesses compartilhados (SIMMEL, 2006). Essas múltiplas relações são compreendidas a partir do momento que consideramos a possibilidade de existências de vários grupos dentro de um mesmo objeto de estudo, construindo com eles múltiplas configurações (SILVA, 2015).

Assim, a identidade e a formação desses grupos também são percebidas como uma garantia de se reconhecerem e se sentirem reconhecidos (PAZ TELLA, 2015). Assim sendo, essa produção de arranjos dos múltiplos *circuitos* de sociabilidade dentro de um *circuito* maior, o *circuito* da pixação em Recife, torna-se inevitável. Nessa perspectiva, a categoria de *circuito* (MAGNANI, 2012; 2014) passa abrigar diversos outros grupos de atores, incluindo esses outros espaços onde ocorrem suas práticas. Não se trata apenas de identificar pessoas e locais específicos que compartilham determinados interesses comuns, mas a percepção da movimentação desses atores em outros espaços. Na fala abaixo, do pixador Sola, a

multiplicidade desses espaços reconhecidos como pontos de encontros entre eles fica mais evidente, considerando que

O baile funk em Pernambuco antigamente era considerado um ponto de encontro de pixador, mas antigamente também tinha shopping. O pessoal marcava o dia de ir para o shopping e também marcava de ir para a feira de Santa Amaro, Arruda e a Escadaria na Cidade. Mas uma festa com todo mundo junto não tinha. Não me lembro! Era só assim, geralmente era aniversário de alguém aí se juntava os pixadores que eram amigos, geralmente da própria turma dele[...] acabava sendo uma rotina para a turma está se encontrando, como era no Recife Antigo. Antigamente tinha um ponto de encontro também no Recife Antigo. Que várias turmas rivais se encontravam, mas rolava briga também. Lá tinha Bar do Rap, Bar do Reggae. Eram considerados um ponto de encontro de pixador, fora as outras festas que cada turma fazia a sua no seu próprio bairro (Conversa informal com Sola, julho de 2015).

O resgate aos laços do seu local de moradia permeia os espaços de sociabilidade e as noções que são construídas por eles sobre territorialidades, fortalecendo a forma como concebem a categoria de *ré* e de *quebrada*. Ao evidenciar ambas as categorias, também demonstram onde acontecem os *circuitos* de pixação e quais espaços da cidade se identificam e se identificavam. Os elementos comuns por eles compartilhados nesses espaços periféricos, corroboram para a construção de um elemento de identificação comum⁵³.

Sempre que buscava me aproximar de alguém para conversar no *point* e em festas com pixadores, o resgate do vínculo em comum aparecia quando reafirmava minhas experiências de moradia no bairro do Curado, no Município de Jaboatão dos Guararapes, cidade vizinha ao Recife. O Curado, apesar de alguns moradores do bairro não o reconhecerem enquanto periferia e buscarem se distanciar desta afirmação⁵⁴, é reconhecido, nesses espaços de sociabilidade frequentados por mim, como periferia. Na proporção e amplitude de discussão do termo, considero pertinente aqui pensar periferia como uma categoria relacional de pertencimento e reconhecimento.

Nesse viés, o autor Stuart Hall (2003) nos ajuda a pensar o olhar das categorias como relacionais, sem que sejam consideradas isoladamente, considerando as percepções e as relações que são estabelecidas com o sujeito e com o espaço. Por isso, ao se falar de periferia, não se poderia deixar de lado os elementos contidos naquilo que não seria considerado periferia, olhando para como esses jovens dirigem suas falas em relação ao que seria periferia e aos sentidos que atribuem a ela (PEREIRA, 2016).

⁵³ Trabalhos como de Biondi (2010) e Pereira (2016) ressaltam a importância do uso dessa categoria na construção de vínculos.

⁵⁴ Essa busca pela diferenciação e afirmação identitária do bairro se afastando do que poderia ser compreendido como periferia pelos próprios moradores, apesar do autor não utilizar estes termos, pode ser pensada através dos estudos produzidos por Elias e Scotson (2000).

Ou seja, uma vez de abordar centro ou periferia como categorias alterativas, é preciso tomar esses termos como categorias relacionais que não podem ser considerados isoladamente. Reflete-se, assim, na maneira como os elementos de uma estão contidos no outro, destacando seus aspectos relacionais, suas tensões e suas aproximações (PEREIRA, 2016, p. 79).

Desta forma, a noção de periferia ultrapassa a ideia de um espaço geográfico bem delimitado, fixo e estável. A periferia, enquanto *cultura de rua*, torna-se responsável por um modo próprio de se referenciar e circular pela cidade, criando novos fluxos e novas formas de identificação individual e coletiva através da valorização do seu local de moradia. As siglas dos grupos de pixação que levam consigo os nomes de seus bairros, as frases que são escritas nos muros, como “*Santo Amaro é nós*”, os cumprimentos nos espaços de sociabilidade virtuais com mensagens de texto que simbolizam o respeito aos seus pares por meio dos *salves*, como “*um salve para a galera do Curado*”, são algumas das formas de se reconhecerem e se sentirem reconhecidos nesses espaços. As siglas, além do papel atribuído ao processo de identificação, é um agente mobilizador de relações, como citamos anteriormente.

Portanto, embora haja as restrições daqueles que aderem as disputas de *galeras*, os laços que os pixadores constroem por meio delas, e com elas, são muitos. Os vínculos ao seu local de moradia e o afeto que destinam aos seus pares que compõe a mesma sigla, estão presentes em relatos, como o de Duende, quando afirma sobre a importância de colocar JB em suas pixações.

Eu nasci, vivi aqui, convivi aqui, comecei a pixar aqui, passei de morrer, vi tudo e todos, me envolvi em muitas coisas ruins também e sai. E hoje tô aqui contando história e vivo pra provar pra todo mundo que pensou que morri nos muros da cidade, porque já chegou amigos meus aqui dizendo que pensou que eu tava morto, pelo que vivi e pela própria João de Barros. Ai quando começaram a vê minhas pichações, viram que eu tava vivo. Ai, eu acho que a pixação para mim é um ato de demonstrar que tô vivo, intacto, demonstrar que você tem força ainda para viver [...] JB é a minha marca também. O nome do bairro, você se identifica e coloca de onde você é. Para mim é prioridade. Também tem a ver com respeito ao bairro, com o tempo que você pixa, com a moral que você ganha, com os amigos que você constrói [...] pixação é um ato de você unir pessoal, é de lazer. Para mim é super lazer (Conversa informal com Duende, agosto de 2016).

Além das relações com seu bairro, atenta a fala de Duende, pude perceber também as dimensões que esses nomes gravados na cidade remetem à identidade coletiva do grupo. Pensando nos sentidos que são atribuídos à própria noção de *memória* enquanto categoria, a

formação do grupo, a ideia de “*levantar a moral da sigla*” pixando no maior número de lugares possíveis, cooperam para a manutenção da própria história coletiva da pixação. Sempre que saem pela cidade relembrando as histórias dos lugares, de como começaram, daqueles que estão vivos, dos que estão mortos, daqueles que pararam e de quem ainda continua dentro do *circuito*. Em meio a diversos outros nomes e espaços, encontrar uma marca de alguém conhecido, ou que já não está mais aqui, coopera para um processo de construção da identidade coletiva do grupo.

É na busca pela permanência de seus nomes que fazem as escolhas dos locais de difícil acesso. As *escaladas*, por exemplo, além de proporcionar *destaque e prestígio* para quem realizou a ação, contribuem para a consolidação de seus registros de forma mais duradoura, pois são deixadas nos topos de prédios, em viadutos, muros e em locais que dificilmente contribuiriam para com que aquela pixação fosse apagada – como os muros de pedras e cerâmicas, utilizados como suporte na busca pela manutenção da *memória* e registro individual e coletivo. Dessa forma, a pixação recria o espaço urbano construindo novas referências.

A transformação desses espaços, como um dispositivo de *registro e memória* para aqueles que participavam deste *circuito*, possibilita “organizar o espaço materialmente ou a transformá-lo à sua imagem, era a transmissão de certa memória coletiva o que se tentava garantir” (PEREIRA, 2013, p. 89). A preocupação de se manter uma memória coletiva é demonstrada na disponibilidade que os próprios pixadores exacerbam ao saber que existe um interesse em realizar uma pesquisa, reportagem ou documentário sobre eles: “*É importante para todo o movimento, porque fica lá registro para todo mundo ver*”, foram algumas das afirmações ditas por eles quando tinham conhecimento por mim, ou por terceiros, sobre a minha pesquisa.

A forma espacial propriamente dita, na verdade, teve uma relevância menor para mim em muitos momentos de reflexão durante a escrita dessa pesquisa. Por alguns momentos, me detive a tentar entender quais seriam os territórios referentes aos grupos de pixação na cidade, contudo, a tentativa de delimitar e apontar os espaços deixava de lado a principal função que essa noção de territorialidade atribuída por eles teria. Compreendi que, além de se falar de território, falava-se de um espaço de identificação (MEDEIROS, 2017). Nesse aspecto, não posso apenas falar dos jogos existentes entre as disputas territoriais entre grupos. Principalmente porque as disputas, apesar de existirem com certa intensidade e influenciarem toda uma dinâmica da prática na cidade, não era praticada e compactuada por todos. Mas, para além disso, trazia uma noção identitária com todos os envolvidos – seja por se negar a

utilizar as siglas, seja para atribuir sentido e importância a utilização delas. Assim sendo, antes das construções de fronteiras entre os grupos, existia uma identidade comum que era compartilhada.

Além disso, as relações de compartilhamento comuns exigiam *respeito e lealdade* entre pares. No “*ou soma ou some*”, lema dos Relíquias da Pixação – a RDP –, percebe-se a existência de relações de trocas e confiança que esperam ser recíprocas, permeadas nas interações entre os pixadores, refletidas anteriormente sobre o *proceder* do pixador. Sobretudo, essas trocas de lealdade não são vistas como favores, mas como uma atitude que se espera do outro como forma de *consideração*. Ou seja, são estabelecidas relações de trocas simbólicas (MAUSS, 2003) como reconhecimento da lealdade, respeito e reconhecimento entre os pares. Na obra de Mauss (2003), sobre o jogo das dádivas, reflete-se como essas relações de troca são percebidas como um aspecto fundamental que operam nas relações sociais, pois seria por meio desses mecanismos de troca – do dar e receber, retribuir – que se consolidam as alianças. Todo esse mecanismo possibilita o estreitamento de relações e o estabelecimento de vínculos, bem como seus direitos e deveres. Nessa troca de *respeito e consideração*, espera-se a lealdade do pixador para com seu grupo. Como afirma Amorte, não é bem-visto aquele pixador que rompe com seu grupo para migrar para outro grupo, pois espera-se dele a *lealdade* para com sua sigla.

Sigla é ideologia. Eu carrego. Posso mudar de bairro, mas eu continuo botando CRP. Porque é de Piedade, onde comecei lá e é desde pirraia. Tigre, um pixador da época que admirava, comecei por causa dele. Eu, quando era pirraia, viaja no pixe dele, ai ficou Amorte CRP. Eu posso mudar para cada bairro, mas o cara carrega a sigla que foi desde o começo. O pixador que tem ideologia é isso, quem tem ideologia é isso. É igual mudar de time, se começou num bagulho tem que terminar (Conversa informal com Amorte, setembro de 2015).

Desta forma, muitas vezes, sentia que o *respeito* e a *lealdade* eram também esperados por mim, enquanto alguém que estava recebendo a colaboração deles para com a construção da pesquisa e nos diversos cuidados que tinham comigo quando íamos aos nossos encontros. Frases como “*você é chegada*”, “*é uma de nós*” e “*como anda a pesquisa?*” compõem as redes que tecemos nossas relações. Por isso, o cuidado de colocar os dados na escrita desse texto foram tomados a todo o momento. A intenção não foi de expor os sujeitos e as suas relações que poderiam colocá-los em situações de conflitos, mas de nos fazer pensar a cidade e os seus processos de construção. Fazer uma pesquisa junto com nossos interlocutores, ao ser *chegada*, nos possibilita adentrar algumas questões, ao mesmo tempo nos exige cautela sobre os dados que aqui foram expostos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização dessa pesquisa etnográfica fez com que passasse a frequentar a *Pelada dos Pixadores*, o *point*, as festas particulares de confraternização estabelecidas entre grupos e os *bailes funks*. Percorri alguns *trajetos* que me levaram a conhecer bairros, percebidos espacialmente, nas regiões periféricas da cidade. Alguns desses lugares eu já tinha frequentado em outros momentos, anteriores a pesquisa, porém, apenas se apresentavam para mim como lugares de passagem e conflito. A possibilidade de percorrer as *quebradas* e as *rés* de cada sujeito me fizeram perceber as dimensões das possibilidades de significações e implicações que esses lugares possuem para os pixadores. Pensar a cidade, depois dessa experiência, se apresenta, para mim, com outra dimensão: a de percorrer caminhos e de problematizar as tensões emergentes nesses *trajetos*.

“*De periferia em periferia*”, foi possível compreender a prática da pixação e perceber os inúmeros modos de circulação que esses sujeitos constituem nas suas relações. Considerando também como a dinâmica estabelecida pelos próprios pixadores, nessa atividade de apropriação do espaço público, perpassa a própria ideia de espaços produzidos pela própria metrópole. Desse modo, a cidade e a sua dinâmica se tornam reconhecidas pelos fluxos que são estabelecidos nela e com ela. Ao mesmo tempo em que a cidade mantém a possibilidade das categorias se encontrarem e existirem – *trajetos* no interior das *manchas*, *pedaços* dentro das *manchas*, *circuitos* dentro de *circuitos* –, pauta-se na paisagem, tendo também sua agência, para além de pensá-la apenas como cenário espacial que é imposto (MAGNANI, 2012).

A busca pelas interações urbanas, na construção de novas trocas e alianças, possibilitou pensar essas relações para além das perspectivas de conflitos existentes. Não nego a existência de conflitos e tensões que, em certa medida, apareceram de forma intensa. Mas esses conflitos não só podem ser apreendidos pelo caráter negativo atribuído à prática. Como refletimos, e na própria perspectiva trazida por Barth (2000), as tensões existentes e as próprias manutenções dessas fronteiras entre os grupos surgem como forma de legitimação da identidade grupal. Além disso, não podemos esquecer as demandas externas de conflitos que implicam as próprias formas que esses atores dinamizam a prática.

Nos primeiros momentos em que aconteceram as realizações empíricas dessa pesquisa, os conflitos sentidos por mim eram de demandas externas presentes no medo de ir ao campo nos espaços ditos de periferia e de se sentir vulnerável nesses espaços. Percebendo

essas questões em reflexões trazidas sobre as *regiões morais* (PARK, 1987) e sobre *zoneamentos dos espaços urbanos* (DIÓGENES, 2001), considere a existência da operacionalização dos espaços que sugestionam os lugares percebidos como *limpeza* e outros como *sujeira*, nas categorias trazidas pelos interlocutores ao se referirem aos espaços e suas circulações.

Contudo, o modo como são apreendidas essas configurações, nas teias que estão envolvidas os discursos sobre medo/perigo e a dinâmica que também vem sendo estabelecida pela própria cidade, passamos a questionar as demarcações limítrofes que fazem esses espaços – produção de muros e fortalezas, vidros levantados quando se aproximam de áreas como a João de Barros, etc. Com a vivência com esses atores, entendi que as dinâmicas instituídas induzem experiências, constroem grupos e fomentam os estigmas territoriais existentes. Por isso, mesmo estando interessada nas dimensões espaciais entre pixadores, passei a perguntar sobre tudo: trabalho, família, time de futebol, estudos, etc. Os espaços e a produção dos *não-espaços* – os lugares que seriam *sujeiras* e que são percebidos de forma excludente quando contextualizamos nossa cidade para aqueles que estão “de fora” –, não atuam de forma separada. Compreendendo nas minhas primeiras impressões uma divisão que esboçasse um caráter de exterioridade presente na forma como estão *zoneados* esses espaços. Geertz (2015) traz o conceito de *contexto cultural* que emergiu na pesquisa através da interlocução sobre a produção desses espaços como pista para a compreensão, fomentando uma análise interpretativa dos significados atribuídos nessas percepções e nos registros anotados no diário de campo, possibilitando esse material de reflexão investigativo.

A contextualização da qual partiam as narrativas me fizeram captar a necessidade de trazer os embates ocorridos em campo sobre as diferenciações da prática da pixação para outras práticas. Nos *circuitos* que se consolidam na cidade como *circuitos de cultura de rua*, pixadores e grafiteiros se comunicam e se diferenciam. Apesar de existir um movimento, por parte de alguns deles, para não se diferenciarem, compreendendo que a origem de ambas as práticas terem sido advindas das periferias e por reconhecerem que essa típica diferenciação entre graffiti e pixação só existe no Brasil, a maioria desses atores não possui uma boa relação entre si. As perspectivas trazidas pelos pixadores, com os quais conversei, sobre os grafiteiros, de serem vistos como “*vendidos*”, contribuem para as delimitações de fronteiras existentes entre ambos – seja no formato dos *atropelos* em suas obras pela cidade, ou como forma de diferenciações entre os grupos e indivíduos que, aparentemente, não se comunicam entre si. Os conflitos existentes são fortemente exacerbados nessas disputas pelos espaços, mas não existe um único modo de fazer graffiti, assim como não existe um único modo de ser pixador.

As categorias trazidas sobre *graffiti comercial* e *graffiti de rua* também surgem na tentativa de aproximação. O *graffiti de rua* estaria mais próximo da pixação, tendo como principal característica a ilegalidade. O *graffiti comercial* seria aquele realizado mediante autorização, sendo criticado pelo pixadores e também por alguns grafiteiros.

Sobretudo, ressalta-se que, assim como não existe um único modo de fazer graffiti, também não existe um único modo de ser pixador. As categorias trazidas pelos interlocutores de *adjetivo-pixador* e *pixador-adjetivo* influenciam diretamente na dinâmica que são estabelecidas nesses espaços e na identidade do indivíduo que percebe a cidade através das suas vivências. Os pixadores, que contribuíram para a construção dessas pesquisas, entram na categoria de *pixador-adjetivo*, percebendo que esses, apesar de participarem de outros *circuitos* jovens pela cidade, se reconhecem primeiro como pixadores para posteriormente se identificarem como integrantes de torcidas organizadas, skatistas, grafiteiros, etc. Esses interlocutores, inseridos nos espaços urbanos e nas dinâmicas constituintes da cidade, reconhecem que a pixação é influenciada por esses *múltiplos circuitos*, dos quais muitos pixadores também participam nestes diferentes grupos, e corroboram com a ideia de que, talvez, essa seja a maior dificuldade da prática em Recife. As brigas entre torcidas organizadas, por exemplo, influenciaram e ainda influenciam as formas de circulação e a interação dos grupos e indivíduos nos espaços de sociabilidade, além das dinâmicas territoriais entre as *galeras* e suas rixas entre os bairros.

A forma de comunicação que é estabelecida entre grupos de pixadores, as *siglas*, perpetuam e merecem atenção nas pesquisas sobre a pixação na cidade do Recife e nas relações que são estabelecidas por esses atores durante os *trajetos* que fazem pela cidade. Como percebemos ao longo dos capítulos, é através dessas siglas que os pixadores se localizam e se identificam. “*De qual quebrada ele é?*” e “*de qual ré você pertence?*”, eram as primeiras perguntas realizadas quando não se conhecia alguém na *Pelada dos Pixadores*, nos espaços de sociabilidade virtuais e nos *bailes funks*; essas perguntas se referiam à adesão do sistema de identificação feito através de siglas, que naturalmente identificavam o sujeito como pertencente a uma respectiva *galera* e região.

Como mencionei, por mais que nunca tivesse sido pixadora, a associação com a PCP – sigla pertencente a região e ao bairro que resido – sempre era feita a minha imagem quando pessoas que não me conheciam perguntavam a meu respeito. O sistema de localização, realizado por meio delas, fazem com que os pixadores se refiram a própria cidade por meio dessas abreviaturas. Muitas vezes, se referiam a um bairro por meio delas e construía suas próprias estratégias de circulação com o seu uso. Dessa forma, Recife é constituído como um

espaço repleto de territórios e territorialidades, de disputas por espaços, feitas através das *galeras* e *comandos* e do modo que fazem com que os pixadores se apropriem desses espaços e se comuniquem por meio das siglas e *vulgos*.

Constituindo uma ampla e complexa relação, a *Pelada dos Pixadores* se tornou um local privilegiado para apreender suas regras internas e os mecanismos externos que consolidam esse ato de “*colocar um nome*” por toda a cidade. Todas as quintas-feiras, quando nos encontrávamos à noite, na João de Barros, pude compreender mais sobre essas relações entre pares e as suas próprias formas de perceberem as periferias cidade. Para eles, não poderia existir *point* mais adequado do que um espaço na periferia para socializarem e confraternizarem entre si. Além disso, a João de Barros fica em uma região central na cidade, facilitando as questões de mobilidade e a possibilidade de criação de novos *trajetos* – em uma perspectiva mais estratégica.

A escolha por um bairro de periferia, apesar de estar espacialmente em uma região central da cidade, aconteceu pelas experiências que perpassaram até a escolha e consolidação da *Pelada* naquele espaço – “*a João*”. As tentativas de participarem de outros espaços, de festas compostas por diferentes grupos, não conseguiam se perpetuar por muito tempo. A retaliação policial sempre acontecia logo após alguns meses que frequentavam esses outros espaços. “*Sujando o pico*” com as abordagens policiais, os pixadores não se sentiam confortáveis com a possibilidade de criar um *point* itinerante, o objetivo era de ter um local para ficar “*de boa*” e relembrando os “*velhos tempos*” para depois saírem para pixar. Dessa forma, a escolha por um espaço na periferia da cidade também serve como mecanismo de proteção e garantia de segurança comum para os indivíduos presentes.

Ao retratar os pixadores, os meios de comunicação midiáticos estabelecem relações de adjetivos e categorias referentes à delinquência, marginalidade, vandalismos, sujeira, perigo, depredação ao patrimônio público, etc. No entanto, essa etnografia abordou as relações existentes para além da hipótese de delinquência juvenil, percebendo como as redes de trocas e alianças estabelecidas, inclusive nos *bailes funks*, interferem nos seus deslocamentos pela cidade da mesma forma que ampliam suas redes de convivência.

Nessa perspectiva, penso que, da mesma maneira que não cabe ao poder público fazer a distinção entre o graffiti e a pixação, reconhecendo suas possibilidades fluídas descritas acima, não cabe a ele decidir se o *funk* corrobora com a reprodução da violência. Considerando que, na fala dos interlocutores, após os fechamentos desses espaços os conflitos continuaram a existir e, em alguns momentos, também se intensificaram – o que antes era resolvido dentro dos próprios *bailes*, teria seguido para as ruas da cidade. Essa retaliação

policial, que veio em seguida, fez com que os pixadores sentissem a necessidade de manter o anonimato como forma de proteção, aderindo as mudanças das configurações das siglas e criando novas formas de tipografia, na tentativa de não tornarem possível a associação do autor à obra, ou seja, do sujeito que teria deixado aquela marca no local – como, por exemplo, o relato da estratégia de utilizar as siglas e *comandos* por meio de números.

Pensando nisso, essa pesquisa, que tinha como principal objetivo compreender as dinâmicas estabelecidas entre pixadores nos seus espaços de sociabilidade e mobilidade, e as formas de identificação que são estabelecidas entre pares, incitou o início da discussão das formas de construções que se estabeleceram e influenciaram os debates acerca das periferias e os modos como elas são ressignificadas por esses atores. Contudo, a hipótese da importância da identidade periférica, quando há o resgate das origens trazidas na categoria de *ré*, estão implicadas nos processos de reconhecimento individual e coletivo, que foram surgindo de acordo com as análises e categorizações dos dados que iam sendo transcritos no decorrer do texto dissertativo.

As contribuições da Antropologia Urbana, nos estudos sobre periferia, cooperaram para iniciar essa discussão enquanto ciência e crítica social que, através das formas encontradas nos modos de pertencimentos comuns estabelecidos entre as *rés* e *quebradas* por meio de suas alianças e desafetos, enriqueceram o trabalho percebendo e evidenciando essas formas de identificação como possibilidade de investigação sobre o tema a partir das próprias formas de reconhecimento comuns que ligam esses atores aos seus múltiplos aspectos. Pensando, assim, a forma como essas estão sendo reconfiguradas no importante papel que são dedicadas suas falas, narrativas e histórias de vida.

Como mencionado, para além dos conflitos existentes, ou que já existiram, convido outros pesquisadores interessados na temática a pensar essas tensões no importante papel que ela denota para a reprodução, em muitos aspectos, dessas fissuras a partir de perspectivas-chaves que podem ser pensadas sobre territórios internos e externos (AGIER, 2011). Além disso, gostaria de incentivar a reflexão sobre a presença feminina nesses espaços; sei que as atuações delas, em muitos momentos, pareciam se diferenciar das masculinas e reconheço que se faz necessário dar voz e legitimidade as suas formas de circulação e sentidos atribuídos a esses espaços. Por mais que tenha tido interesse em adentrar nessas reflexões junto às pixadoras, o tempo curto da agenda acadêmica de mestrado não me possibilitou, mas fomentou novas possibilidades de se fazer pensar a pixação na cidade do Recife caracterizada na construção dessas *múltiplas cidades* produzidas dentro de um mesmo objeto.

REFERÊNCIAS

AGIER, Michel. **Antropologia da Cidade: Lugares, Situações, Movimentos**. Tradução de Graça Índias Cordeiro. São Paulo, Editora Terceiro Nome, 2011 [2009], 213 p.

_____. **Migrações, Descentramentos e cosmopolitismo. Uma antropologia das fronteiras**. Maceió; São Paulo: EDUFAL; Editora da Unesp, 2015. 323p.

AUGÉ, Marc. **Não-Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. São Paulo: Papyrus, 1994, 111 p.

BARBOZA, Daiani. Cidades, relações estéticas e a polifonia da/na vida. In: ZANELLA, Andrea; MAHEIREI, Kátia (orgs.). **Diálogos em psicologia social e arte**. Curitiba: CRV, 2010, p. 87-101.

BARTH, Fredrik. A identidade pathan e sua manutenção. In: BARTH, Fredrik; LASK, Tomske. **O Guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2000, p. 69 - 93.

_____. Grupos Étnicos e suas Fronteiras. In: BARTH, Fredrik; LASK, Tomske. **O Guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2000, p. 25-68.

BECKER, Howard S. **Segredos e truques da pesquisa** / Howard S. Becker; tradução, Maria Luiza X. de A. Borges; revisão técnica, Karina Kuschnir. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

_____. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio** / Howard S. Becker; tradução Maria Luiza X. de Borges; revisão técnica Karina Kuschnir. - 1.ed. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

BIONDI, Karina, **Junto e misturado: uma etnografia do PCC** - São Paulo, Editora Terceiro Nome, 2010, 245p.

BOURDIEU, Pierre. A “juventude” é apenas uma palavra. In: _____. **Questões de Sociologia**. Lisboa: Fim de século, 2003, p. 151-162.

BOURDIEU, Pierre. A identidade e a representação. Elementos para uma reflexão sobre a ideia de região. In **O Poder Simbólico**. Lisboa: Difel, 1989, p.107-131.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Reflexões sobre como fazer trabalho de campo**. IN: Revista Sociedade e Cultura, Goiânia, v.10, n.1, p.11-27, Jan/Jun, 2007. Disponível em < <http://www.revistas.ufg.br/fchf/article/view/1719/2127>> Acesso em: 10/02/2015

BRASIL. Código de ética do antropólogo e da antropóloga, de 1986/1998. **Associação brasileira de antropologia**, Brasília-DF, 2011/2012. Disponível em: <<http://www.portal.abant.org.br/index.php/documentos/codigo-de-etica>>. Acesso em: 20/12/2014

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Inscrição e circulação: novas visibilidades e configurações do espaço público em São Paulo.** *Novos estud. - CEBRAP* [online]. 2012, n.94, p.31-67. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002012000300002> Acesso em: 13/04/2015

CANDAU, Joël. **Memória e identidade.** Tradução: Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011, 219p.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Luis Roberto. Pesquisa versus Pesquisas com seres humanos. In: VÍCTORA, Ceres et al (Orgs.). **Antropologia e Ética: o debate atual no Brasil.** Niterói: Eduff, 2004.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Luis Roberto. O mal-estar da ética na antropologia prática. In: VÍCTORA, Ceres; OLIVEN, Ruben George; MACIEL, Maria Eunice; PEDRO ORO, Ari (orgs.). **Antropologia e ética: o debate atual no Brasil.** Niterói: Eduff, 2004.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Luis Roberto. O ofício do Antropólogo, ou como desvendar evidências simbólicas. In: **Série Antropologia.** V.413. Brasília: Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília, 2007, p. 6-19.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Luis Roberto. **O trabalho do antropólogo.** São Paulo: UNESP, 2000.

CARDOSO, Ruth. Favela: conformismo e invenção. In: CALDEIRA; Teresa Pires do Rio. **Ruth Cardoso: obra reunida.** São Paulo: Mameluco, 2011.

CARDOSO, Ruth. Sociedade e poder: as representações dos favelados de São Paulo. In: CALDEIRA; Teresa Pires do Rio. **Ruth Cardoso: obra reunida.** São Paulo: Mameluco, 2011.

CARVALHO, Rodrigo Amaro de. **Entre prezas e rolês: pixadores e pichações de/ em Belo Horizonte.** 2013. (inserir número de folhas) f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2013.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer.** Petrópolis: Vozes, 2008.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer.** Petrópolis: Vozes, 1998.

CLIFFORD, James. Sobre a autoridade etnográfica. In: **A experiência etnográfica e literatura no século XX.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998, p. 17-62.

COSTA, Maria Clelia Lustosa. O discurso higienista definindo a cidade. **Mercator**, Fortaleza, v. 12, n. 29, p. 51-67, set./dez. 2013. Disponível em: <<http://www.mercator.ufc.br/index.php/mercator/article/view/1226/0>> . Acesso em:

CRUZ, D.M; COSTA, T.C. Grafite e pichação: que comunicação é está?. **Linhas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 95 – 112, jul. / dez. 2008. Disponível em: <<http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1351> > . Acesso em:

DALGALARRONDO, Paulo; CEARÁ, Alex de Toledo. Jovens pichadores: perfil psicossocial, identidade e motivação. **Psicologia USP**, v.19, n.3, p.277-293, São Paulo, 1 set. 2008. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/41964> >. Acesso em:

DAMATTA, Roberto. Espaço: casa, rua e outro mundo: o caso do Brasil. In: **A casa e a Rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

_____. O ofício de etnólogo, ou como ter Anthropological Blues. In: NUNES, Edson de Oliveira (org). **A aventura sociológica**. Biblioteca de ciências sociais. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. **Relativizando: uma introdução à antropologia social**. Rio de Janeiro: Rocco, 1981.

DIÓGENES, Glória. **Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e o movimento Hip Hop**. 1998. 381f. 124f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Ciências Sociais, Programa de Pós-graduação em Sociologia, Fortaleza, 1998. Disponível em: < <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/4060> >. Acesso em:

DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

DURHAM, Eunice. **A dinâmica da cultura: ensaios de antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

ELIAS, Nobert; SCOTSON, John. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FAVRET-SAADA, Jeanne. **Ser afetado**. Tradução de Paula Siqueira. **Cadernos de campo**, v.13, n.13, p. 155-161, 2005. Disponível em: < <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/50263> > . Acesso em: 02/09/2016

FEIXAS, Carles. “Introducción” & “Los estudios sobre culturas juveniles em España”. **Revistas de Estudios sobre Juventud**, Madrid, Instituto de la Juventud, 2004.

FLEISCHER, Soraya; SCHUCH, Patrice. In: _____. **Ética e regulamentação na pesquisa antropológica** / Colaboração de Rosana Castro, Bruna Seixas, Daniel Simões. Brasília: Letras Livres - Editora Universidade de Brasília, 2010.

FONSECA, Claudia. Que ética? Que ciência? Que sociedade? In: FLEISCHER, Soraya; SCHUCH, Patrice (Orgs.). **Ética e regulamentação na pesquisa antropológica**. Colaboração de Rosana Castro, Bruna Seixas, Daniel Simões. Brasília: Letras Livres - Editora Universidade de Brasília, 2010.

FOUCAULT, Michel. O nascimento da Medicina Social. In: _____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Ed.Graal, 1984.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2015.

_____. Estar lá: a antropologia o cenário da escrita. In: **Obras e vidas – o antropólogo como autor**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2002. p. 11-39.

_____. **Nova luz sobre a Antropologia**. Tradução de Vera Ribeiro; revisão técnica de Maria Cláudia Pereira Coelho. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. **O saber local: novos ensaios de antropologia interpretativa**. Petrópolis: Vozes, 2014.

GITAHY, Celso. **O que é graffiti?** São Paulo: Editora Brasiliense, 1998.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1985.

_____. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

GOLDMAN, Márcio. Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v.46, n.2, 2003.

GROPPO, Luis Antonio. **Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes. 1999.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro. DP&A. 2006.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 1989.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W. O iluminismo como mistificação das massas. In: ADORNO, Theodor W. **Indústria cultural e sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

JEOLÁS, Leila; SANTOS, Luiz Antônio de Castro. Jovens, percursos e atividades arriscadas nas corridas ilegais de carros: o risco como componente identitário. In: **Mediações**, Londrina, v. 20, n. 2, p. 262-283, Jul/Dez 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141432832018005006104&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 24/05/2016

LAHORGUE, Josiele Bené. **Jovens, política (s), cidade (s): diálogos na urbe e suas (im) possibilidades**. Florianópolis, liquidificador, 2016.

LASSALA, Gustavo. **Pichação não é Pixação**. São Paulo: Altamira, 2010.

LEFEBVRE, H. **A produção do espaço**. (Tradução) Grupo “As (im)possibilidades do urbano na metrópole contemporânea”, do Núcleo de Geografia Urbana da UFMG (do original: La production de l’espace. 4ed. Paris: Éditions Anthropos, 2000. Primeira versão: início - fev.2006.

_____. **O Direito à Cidade**. São Paulo: Centauro Editora, 2001.

LEITE, Rogerio Proença. Contra-usos e espaço público: notas sobre a construção social dos lugares na Manguetown. **Rev. bras. Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, p.115-134, Junho/2002. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092002000200008>> . Acesso em: 20/04/2016

MAGNANI, José Guilherme. O (velho e bom) caderno de campo. **Revista Sexta-feira**, São Paulo, n.1, 1997.

_____. **Da periferia ao centro: trajetórias de pesquisa em antropologia urbana**. São Paulo: Terceiro Nome, 2012.

_____. **Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade**. 1ª ed. São Paulo: Terceiro Nome, 2009.

_____. O circuito: proposta de delimitação da categoria. **Ponto Urbe**, São Paulo, n.15, 2014. Disponível em: < <http://pontourbe.revues.org/2041> >. Acesso em: 22 abr. 2016.

MALIGHETTI, Roberto. Etnografia e trabalho de campo: autor, autoridade e autorização de discursos. **Revista Pós Ciências Sociais**, São Luís, v. 1, n. 1, jan./jul. 2004. Disponível em: < <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rpcsoc/article/view/202> >. Acesso em: 25/09/2015

MANCO, Tristan. **Graffiti Brasil**. London: Thames and Hudson, 2005.

MATZA, David. As tradições ocultas da juventude. In: **BRITTO, Sulamita. Sociologia da juventude**. V.1, Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MOURA, Thiago Santa Rosa de. “Galeras”, “bailes” e “rolés”: pixadores e pixadoras, seus territórios e territorialidades na cidade do Recife. In: PAULA; Flávia Maria de Assis; CAVALVANTI, Lana de Souza; PIRES; Lucineide Mendes (orgs) . **Os jovens e suas espacialidades**. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2016.

_____. **Pixadores, Grafiteiros e suas territorialidades: apropriação socioespaciais da cidade do Recife**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa em Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014. Disponível em: < <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/11068> >. Acesso em: 10/08/2016

OLIVEN, Ruben George. **A antropologia de grupos urbanos**. Rio de janeiro: Editora Vozes, 2002.

PAIS, José Machado. **Vida Cotidiana: enigmas e revelações**. São Paulo: Cortez, 2003.

PARK, Robert. A cidade: sugestões para investigação do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, Otávio (org.). **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1967.

PAZ TELLA, Marco Aurélio. Sociabilidades e resistências: etnografando b-boys em João Pessoa. In: FRANCH, Mônica; ANDRADE, Maristela; AMORIN, Lara (orgs). **Antropologia**

em novos campos de atuação: debates e tensões. João Pessoa: Mídia Gráfica e Editora, 2015, p. 121- 140.

PEIRANO, Mariza. Antropologia at home. In:_____. **A teoria vivida:** e outros ensaios de antropologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. p. 37-52.

_____. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, Ano 20, n. 42, p. 377-391, jul. /dez. 2014.

_____. Os antropólogos e suas linhagens. - **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v.6, n.16, p. 31-45, 1992. Disponível em:< <http://anpocs.com/index.php/publicacoes-sp-2056165036/rbcs/221-rbcs-16>>. Acesso em: 10/03/2015

PEREIRA, Alexandre Barbosa. **“A maior zoeira na escola”:** experiências juvenis na periferia de São Paulo. São Paulo: Editora Unifest, 2016.

_____. As marcas da cidade: a dinâmica da pixação em São Paulo. **Lua nova:** Revista de Cultura e Política, São Paulo, n.79, p. 143-162, 2010. Disponível em: < <http://www.producao.usp.br/handle/BDPI/6831> >. Acesso em: 15/07/2015

_____. **Cidade de riscos: notas etnográficas sobre pixação, adrenalina, morte e memória em São Paulo.** Revista de Antropologia, São Paulo, v.56, n.1, pp. 82-110, 2013. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/64462> >. Acesso em: 15/07/2015

_____. **De “rolê” pela cidade: os “pixadores” em São Paulo.** s/d. 127 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Departamento de Antropologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

_____. Práticas culturais juvenis na metrópole: a etnografia como acesso às múltiplas experiências do urbano. In: FRANCH, Mônica; ANDRADE, Maristela; AMORIN, Lara (orgs). **Antropologia em novos campos de atuação: debates e tensões.** João Pessoa: Mídia Gráfica e Editora, 2015, p. 97-119.

_____. Quem não é visto, não é lembrado: sociabilidade, escrita, visibilidade e memória na São Paulo da pixação. **Cadernos de Arte e Antropologia**, Salvador, v.1, n 2, p.55-69, 2012. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/cadernosaa/631>>. Acesso em: 15/07/2015

RAMOS, Cecília Maria Antonacci. **Grafite, Pichação & Cia.** São Paulo: Annablume, 1994.

RIBEIRO DE OLIVEIRA, Luciana Maria. **Crime é coisa de mulher.** Editora: Novas Edições Acadêmicas, 2014.

RUI, Taniele. **Nas tramas do crack:** etnografia da abjeção. São Paulo: Terceiro nome, 2014.

SILVA, Vanderlan. Centros, recantos e fronteiras. Reflexões sobre etnografia urbana. In: FRANCH, Mônica; ANDRADE, Maristela; AMORIN, Lara (orgs). **Antropologia em novos campos de atuação: debates e tensões.** João Pessoa: Mídia Gráfica e Editora, 2015, p. 75-95.

SIMMEL, Georg. Geral-Problemas Metodológicos Fundamentais. [1898] in Moraes, E. (org.). **Sociologia: Simmel**. São Paulo, Ed. Ática, 1983, p. 52-58.

_____. Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal. In: MORAES FILHO, Evaristo de (Org). **Georg Simmel: Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983. (Col. Grandes Cientistas Sociais, vol, 34).

_____. **Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SOUTO, Jane. Os outros lados do funk carioca. In: VIANNA, Hermano (org). **Galeras cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

SOUZA, David da Costa Aguiar de. **Pichação carioca: etnografia e uma proposta de entendimento**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Departamento de Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007.

SPINELLI, Luciano. Pichação e comunicação: um código sem regra. **LOGOS 26: comunicação e conflitos urbanos**, Rio de Janeiro, ano 14, p.111-121, 2007. Disponível em: < <http://www.logos.uerj.br/PDFS/26/08lucianospen.pdf> >. Acesso em: 10 dez. 2013.

SPINK, Mary Jane. Trópicos do discurso sobre risco: risco-aventura como metáfora na modernidade tardia. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, vol. 17, n. 6, p. 1277-1311, 2001.

VELHO, Gilberto. **Antropologia urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999

_____. **Um antropólogo na cidade: ensaios de antropologia urbana**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

VIANNA, Hermano. **O mundo funk carioca**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

WACQUANT, Loïc. **As duas faces do gueto**. São Paulo: Boitempo, 2008.

WEBER, Florence. A entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou: Por que censurar seu diário de campo?. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 157 – 170, jul/dez 2009.

WEBER, Max. O conceito e a categoria de cidade. In: VELHO, Otávio (org.). **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. In: VELHO, Otávio (org.). **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

WOLF, Eric. Encarando o poder: velhos insights, novas questões. In: FELDMAN-BIANCO, Bela; RIBEIRO, Gustavo L. (org.). **Antropologia e poder: contribuições de Eric R. Wolf**. Brasília: Editora UnB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/Editora Unicamp, 2003.

ZALUAR, Alba. **A máquina e a revolta**: as organizações populares e o significado da pobreza. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

ZANELLA, A. V.; et al. Jovens na cidade: arte, política e resistências. In: MAYORGA, C.; CASTRO, L.R.; PRADO, M.A.M. (Orgs.). **Juventude e a experiência da política no contemporâneo**. 1.ed. Rio de Janeiro: Contracapa, 2012, v. único, p. 121-142.